



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Programa de Pós Graduação em Educação Física**

**O PROCESSO RITUAL NAS FESTAS DA COMUNIDADE
KALUNGA DE TERESINA DE GOIÁS**

Rosirene Campêlo dos Santos

**BRASÍLIA
2013**

**O PROCESSO RITUAL NAS FESTAS DA COMUNIDADE KALUNGA DE
TERESINA DE GOIÁS**

ROSIRENE CAMPÊLO DOS SANTOS

**Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade de Brasília,
como requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em Educação Física.**

ORIENTADORA: PROF^a.DR^a. DULCE MARIA FILGUEIRA DE ALMEIDA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1010666.

S237p Santos, Rosirene Campêlo dos.
O processo ritual nas festas da comunidade Kalunga
de Teresina de Goiás / Rosirene Campêlo dos Santos. -- 2013.
124 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação
em Educação Física, 2013.

Inclui bibliografia.

Orientação: Dulce Maria Filgueira de Almeida.

1. Quilombos - Ritos e cerimônias - Goiás (Estado).
2. Dança - Aspectos antropológicos. 3. Quilombos.
4. Etnologia - Goiás (Estado). I. Suassuna, Dulce Maria
Filgueira de Almeida. II. Título.

CDU 39(817.3=96)

**O PROCESSO RITUAL NAS FESTAS DA COMUNIDADE KALUNGA DE
TERESINA DE GOIÁS**

Banca examinadora:

Prof^a.Dr^a. Dulce Maria Filgueira de Almeida
(Orientadora – FEF/UnB)

Prof^a.Dr^a. Ana Márcia Silva
(Membro Externo – FEF/UFG)

Prof^a.Dr^a. Renata Lima Silva
(Membro Externo – FEF/UFG)

Brasília, julho de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus queridos pais, José Nascimento dos Santos e minha Mãe Cícera G. Campelo dos Santos, pelo incentivo e companhia em minha pesquisa de campo.

Ao Gustavo meu companheiro de todas as horas, pelo carinho, amor e paciência.

Em especial, á minha orientadora, Prof^a Dr. Dulce Maria Filgueira de Almeida, pelas discussões, compreensão, amizade e principalmente pela confiança em todos os momentos desta caminhada.

As professoras Ana Márcia Silva e Renata Lima Silva por contribuir significativamente com esta pesquisa.

A comunidade Kalunga de Teresina de Goiás, a todos os que contribuíram com essa pesquisa, pela acolhida e receptividade.

A todos os integrantes do Projeto de Pesquisa “Manifestações da Cultura Corporal em Comunidades Remanescentes de Quilombos: Um acervo inicial no Estado de Goiás” FEF/UFG.

Aos meus irmãos: Rosilda, Jefferson e Márcia por compreenderem os momentos de cansaço e impaciência. Aos meus queridos sobrinhos Samuel e Sofia.

Aos meus amigos e amigas: Livia Patrícia pelas longas conversas, Alessandra Barreiro pelas historias divididas e os livros compartilhados, Margarete pela acolhida em sua casa, Renata Linhares pelos momentos descontração, Fernando Garcez, Flávia Dayana, Reigler, Marlini, Michelle e todos os companheiros de viagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – O CENÁRIO KALUNGA	07
1.1. Etnografando na comunidade	07
1.2. A vida cotidiana na comunidade Kalunga	11
1.3. Aspectos históricos do negro no Brasil	18
1.4. A comunidade Kalunga: memória e identidade	20
CAPÍTULO II – AS FESTAS E OS PROCESSOS RITUAIS NA COMUNIDADE KALUNGA.....	26
2.1. Festejos e festas religiosas	26
2.2. Festa: Folia de São Sebastião	33
2.3. Festa: Folia de Santos Reis	53
2.3.1. Galeria de imagens da Folia de Santos Reis	70
CAPÍTULO III – AS DANÇAS NA COMUNIDADE KALUNGA	92
3.1. Dança corpo e festejos kalunga	92
3.2. Vozes Kalunga: As festas e danças na perspectiva dos atores sociais	93
3.2. O corpo nas festas Kalunga	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Roteiros de observação	120
APÊNDICE B – Roteiros de Entrevistas	122

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem nº 1	Localização do sítio Kalunga no nordeste Goiano	07
Imagem nº 2	Estrada entre o agrupamento de Ema e Ribeirão.....	08
Imagem nº 3	Ribeirão situado no agrupamento de Limoeiro	09
Imagem nº 4	Capim Dourado – material utilizado na produção do artesanato	10
Imagem nº 5	Mulheres na execução dos trabalhos de artesanato	13
Imagem nº 6	Dona Francisca e a filha	14
Imagem nº 7	Cozinha da casa de dona Francisca	15
Imagem nº 8	Giro da Folia de São Sebastião.....	35
Imagem nº 9	Altar com imagens de São Sebastião e outro Santos.....	36
Imagem nº 10	Devota que recebeu a graça com a neta em frente ao altar de São Sebastião	37
Imagem nº 11	Alferes abençoando os foliões com a bandeira de São Sebastião	37
Imagem nº 12	Canto do bendito da mesa – Folia de São Sebastião	39
Imagem nº 13	Símbolo do Bendito da Mesa após o Jantar.....	39
Imagem nº 14	Pessoas mais velhas conduzindo a bandeira para o mastro.....	40
Imagem nº 15	Procissão ao redor do mastro.....	41
Imagem nº 16	Comunidade erguendo o mastro com a bandeira de São Sebastião	41
Imagem nº 17	Mulheres dançando a sussa	42
Imagem nº 18	Cruzeiro símbolo de devoção	48
Imagem nº 19	Arco enfeitado na entrada da casa para receber os foliões	48
Imagem nº 20	Compra e venda de bebida na Festa de São Sebastião	52
Imagem nº 21	Alferes abençoando os foliões com a bandeira da Folia de Santos Reis.....	70
Imagem nº 22	Foliões beijando a bandeira	71
Imagem nº 23	Foliões adorando a bandeira da Folia de Santos Reis	72
Imagem nº 24	Alferes conduzido a Folia.....	73
Imagem nº 25	Foliões cantando para serem recebidos por moradores	74
Imagem nº 26	Moradores recebem a Folia de Santos Reis.....	75
Imagem nº 27	Moradores com sua família	76
Imagem nº 28	Chegada dos foliões em mais uma noite de folia	77
Imagem nº 29	Entrada dos Foliões na Casa dos moradores	78

Imagem nº 30 Donos da casa recebendo os foliões	79
Imagem nº 31 Dona da casa com os filhos e netos recebendo os foliões	80
Imagem nº 32 Mesa preparada com as refeições para o jantar	81
Imagem nº 33 Objetos simbólicos de agradecimento	82
Imagem nº 34 Foliões cantando o bendito da mesa em homenagem aos Santos Reis	83
Imagem nº 35 Mulheres dançando a sussa	84
Imagem nº 36 Batucada após o jantar em que todos dançaram	85
Imagem nº 37 Mulheres dançando a sussa no giro da Folia de Santos Reis	86
Imagem nº 38 Lanche para ofertar aos foliões e à comunidade	87
Imagem nº 39 Altar para receber a Folia de Santos Reis.....	88
Imagem nº 40 Alferes abençoado a casa da moradora	89
Imagem nº 41 Foliões chegando a última casa na noite do último dia do giro da folia	90
Imagem nº 42 Animais que levam os foliões a casa dos devotos	91

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

FUNASA -	Fundação Nacional de Saúde
ABA -	Associação Brasileira de Antropologia
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender como se constituem os processos rituais nas festas da comunidade Kalunga, situada no município de Teresina de Goiás, no estado de Goiás, bem como se manifesta a dança no decorrer destes festejos. Por se tratar de uma pesquisa de campo etnográfica, os procedimentos utilizados foram observação, entrevista, descrição dos fatos por meio do diário de campo, vídeos e fotográficas dos momentos festivos. Os dados da pesquisa permitiram compreender que os processos rituais, presentes nas festas da comunidade Kalunga, são compostos de representações e subjetividades, que proferem a respeito de seus conhecimentos, suas ideias, seus valores, sua tradição, assim como de sua cultura. Demonstram que os atores sociais são seres históricos que possuem uma biografia única, os quais, em comunidade, vão transmitindo e ressignificando os valores e os costumes sociais que os identifiquem.

Palavras-chave: Processos Rituais, Festa, Dança, Kalunga

ABSTRACT

This paper aims at understanding how rituals as well as dance manifest throughout festivities taking place in the Kalunga community, which is located in the municipality of Teresina de Goiás, in the State of Goiás. This is an ethnographic field study, thus procedures such as observation, interviews, description of facts through daily reports, videos, and photos taken during festivities were used. Data showed that the ritual process, present in the Kalunga communities, are made of representations and subjectivities demonstrating their knowledge, ideas, values, traditions, as well as their culture. They demonstrate that social actors are historical individuals with a unique biography, who within the community, transmit and give new meanings to social values and customs identifying them.

key words: Ritual process, festivities, dance, Kalunga.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa discuto os processos rituais que constituem as festas da comunidade quilombola: Kalunga, no município de Teresina de Goiás, no estado de Goiás. Diante das informações da pesquisa de campo, dos estudos e das leituras, chego a este objeto de estudo, que me possibilita olhar os processos rituais, que perpassam as festas da comunidade como um todo e perceber que a dança é, mais um dentre os vários rituais, que compõem as festas.

As festas sempre fizeram parte da vida humana em diferentes sociedades e culturas. Nestas os seres humanos demarcam suas necessidades de socialização, momentos de lazer e comemorações diversas, tais como: nascimento, casamento, colheita, aniversário, dentre outros. Com o olhar voltado para as comunidades tradicionais, percebo que as festas estão ligadas, a uma diversidade de costumes, que são festejados, com muita reza, procissões, cantos, devoções e danças.

Para se falar dos rituais não é preciso ir muito longe, se antes, ao ouvir, a palavra ritual, se remetia a eventos característicos das culturas tradicionais, hoje o conceito de ritual se ampliou, o que permite perceber que, na sociedade os rituais estão presentes nas ações cotidianas. Pois conforme Peirano (2003), o conceito de ritual é operativo e não deve sua definição ser rígida e absoluta.

No decorrer desta pesquisa, preciso ater-me no sentido de compreender como se constituem os processos rituais nas festas da comunidade Kalunga e como se manifesta a dança nestes festejos para apropriar-me dos sentidos e significados, apresentados por meio das ações corporais, expressas no ritmo, na gestualidade e na musicalidade, que se fizerem presentes nas várias posturas apresentadas no decorrer da festa, das danças e dos rituais.

Dentro deste contexto considero importante, para a pesquisa, a adoção do conceito de ritual, que é bastante significativo por se tratar da cultura quilombola, que busca revigorar suas tradições, seus costumes e sua cultura, como as pesquisas de Moura (2012) e Bitter (2008) apresentam, não, no sentido de cristalizá-la, mas, de mantê-la viva e perspicaz, além dos costumes e tradições serem recriados e revitalizados em meios e juntamente, com as demais culturas que, cotidianamente, em diferentes tempos e lugares, têm modos de vida marcados por rituais (PEIRANO, 2003, p.6).

Neste sentido, os rituais são maneiras que a comunidade utiliza para organizar o tempo, as crenças e as principais manifestações (reza do terço, bendito da mesa, dança da sussa, levantamento do mastro, dentre outras) que acontecem no decorrer das festas.

Desta maneira, assim como Peirano (2003), acredita-se que observar os rituais de uma comunidade é uma maneira de compreendê-la em suas diferentes configurações, que perpassam as relações do cotidiano, das festas, dos conflitos das relações de poder, dentre outros aspectos, uma vez que, “por meio da análise de rituais, podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se transforma” (PEIRANO, 2003, p. 42).

As questões relacionadas aos rituais evidenciam-se de maneira intensa nos momentos festivos da comunidade Kalunga, que se configuram como um momento em que se buscam revitalizar os costumes da tradição de um povo, que, historicamente, buscou manter, por meio da memória coletiva, o que os seus antepassados fizeram questão de deixar como um marco de sua identidade.

A respeito do conceito “processo ritual”, adoto a discussão de Victor Turner, na qual ele afirma que “o processo ritual é uma tentativa de compreender algo desse processo social total de interação e interdependência, bem como das disjunções, às vezes frutuosas, entre acontecimentos ordenados donde se origina o pensamento independente” (Turner, 1974, p.06).

Pode-se verificar que o conceito elaborado por Turner é objetivo, que permite visualizar o processo ritual como uma sequência de fatos e acontecimentos, que são desenvolvidos nos diferentes grupos sociais. Com este intuito, pretende-se trabalhar com os conceitos de cultura popular, discutidos por Brandão (2002), como um contexto de geração de valores e de significados próprios e legítimos de expressão e resistências, no embate com as demais culturas hegemônicas.

Brandão (2002, p.55), ao analisar os documentos da Ação Popular, ressalta que:

A cultura é popular quando é comunicável ao povo, isto é, quando significações, valores, ideais, obras são destinados ao povo e respondem às suas exigências de realizações humanas em determinada época; em suma à sua consciência histórica real. É popular a cultura que leva o homem a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural e de operário consciente do processo histórico em que se acha inserido.

Com base no entendimento de que o ser humano é um ser histórico-cultural, as danças, os festejos, as celebrações, as músicas, as manifestações culturais nas comunidades quilombolas, além de constituírem momentos de divertimento, são também momentos de aproximação, já que estes podem promover espaços de conhecimento e vivências, o que favorece e revitaliza a construção da identidade sociocultural dos atores sociais envolvidos.

Com relação ao exposto, utilizam-se, aqui, de diferentes olhares e saberes para analisar o objeto de estudo que está focado na possibilidade de se compreender como se constituem os processos rituais nas festas da comunidade Kalunga e, notadamente, entender como a dança se manifesta no decorrer destes festejos. Para isso, pressupõe-se que se deva responder, ou ao menos enfrentar algumas questões-problema que instiguem o processo de pesquisa e que, certamente, definirão contornos e limites necessários ao ato de pesquisar, quais sejam: 1- Como se constituem os processos rituais nas festas da comunidade Kalunga? 2- Quais são os processos rituais presentes nas festas da comunidade Kalunga de Teresina de Goiás/GO? 3- Como se dá o processo de interação social na comunidade Kalunga, ao se considerar a constituição das festas, dos rituais e da dança nesta comunidade?

Assim, os objetivos que norteiam a pesquisa são: 1. Compreender como se constituem os processos rituais nas festas da comunidade Kalunga, situando, neste íterim, como a dança se manifesta no decorrer destes festejos. 2. Identificar e registrar os processos rituais presentes no decorrer das principais festas da comunidade Kalunga, por meio dos recursos etnográficos, a fim de se apropriar dos significados apresentados, expressos nas práticas corporais. 3. Entender o significado e a representatividade da dança para a comunidade Kalunga no processo ritual das festas e festejos Kalunga.

Metodologia

Pesquisar é, sobretudo, apropriar-se de diferentes conceitos e metodologias, em um processo devidamente delineado quanto ao foco de investigação, para conhecer o que ainda não se conhece ou conhecer, diferentemente, um objeto, fato ou fenômeno social que outros conheceram, mas, dentro de outro paradigma ou enfoque metodológico. Neste caso, a pesquisa é de natureza qualitativa, já que, para estudar os processos rituais nas festas da Comunidade Quilombola, faz-se necessário analisar as relações que perpassam os sentidos e os significados atribuídos pelos atores sociais a esta manifestação.

Para Brandão (1999, p.28), o objetivo do pesquisador é contribuir para que haja uma problematização e uma clarificação da prática vivida pela comunidade pesquisada, na qual ele deve preservar uma distância crítica em relação à realidade e à ação cotidiana destas.

Desta maneira, para a concepção de pesquisa, que, aqui, adoto, lanço mão dos seguintes artefatos (diário de campo, observações, entrevistas, conversas informais, fotografias e vídeos). Estes me oferecem as condições necessárias à aproximação com a realidade social da comunidade Kalunga, como também uma interpretação da relação sentido-significado, tal qual Cardoso de Oliveira (1998) propõe em seu texto “Ver, ouvir e escrever”. Neste, o autor reconhece que o trabalho do pesquisador – no seu caso, do antropólogo – envolve a interpretação do sentido em significado, posto que as falas, os gestos, enfim, a dança entre os Kalunga produz e recria uma educação do corpo, que se reveste de aspectos simbólicos.

Os procedimentos de pesquisa e as informações são realizados por meio da pesquisa etnográfica, na comunidade quilombola – Kalunga, situada no município de Teresina de Goiás, no estado de Goiás, especificamente nos agrupamentos Ema, Ribeirão e Limoeiro. Recorro às características da pesquisa etnográfica para identificar e compreender o significado dos processos rituais nas festas. A pesquisa é realizada no período de 20 de outubro de 2011 a 5 de janeiro de 2013.

Quanto às técnicas utilizadas na pesquisa, a atenção centrou-se na descrição dos dados com enfoque etnográfico, com registro das informações em diário de campo, roteiro de observações e entrevistas semiestruturadas. Para as observações dos processos rituais e das danças, nas festas, faço registros por meio de fotografias e vídeos.

No caso das observações e registros, foram realizadas, nas principais festas da comunidade, como também, no decorrer dos relatos, entrevistas e conversas informais. As observações obedeceram a um roteiro previamente elaborado e, neste momento, também ocorreram conversas informais a fim de que se obtivessem informações relevantes para a pesquisa.

Os atores sociais, que participam desta pesquisa, são jovens na faixa etária de 15 a 24 anos e pessoas de 41 a 70 anos. Estes me receberam com atenção e hospitalidade e, para se resguardarem os atores sociais, recorro a nomes fictícios ao apresentar suas falas e conversas.

A motivação básica desta pesquisa teve vinculação direta com a minha prática docente e com os estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (FEF/UFG) em que foram pesquisadas as

manifestações da cultura corporal em cinco comunidades quilombolas, situadas no interior do Estado de Goiás. Este projeto de pesquisa, financiado pelo Ministério do Esporte, intitulado: “Manifestações da Cultura Corporal em Comunidades remanescentes de Quilombos - Um Acervo Inicial no Estado de Goiás”.

Da prática docente, a minha experiência refere-se à atuação que tenho no sistema educacional como professora de dança para jovens carentes e/ou em situação de risco social. Meu envolvimento nas comunidades quilombolas se dá como pesquisadora, integrante de uma equipe multiprofissional, que analisou os diferentes aspectos da cultura quilombola e os processos sociais em que se inserem.

No primeiro capítulo busco fazer uma descrição geral dos caminhos trilhados, do observar atento do cotidiano da comunidade, bem como, trazer brevemente os aspectos relevantes do negro no Brasil e, por fim, tratar das questões referentes à memória e à identidade.

No segundo capítulo discuto a respeito das festas e dos processos rituais na Festa de São Sebastião e no giro da Folia de Santos Reis, em que se busca dialogar com os referenciais adotados. Procuro, sempre que possível, uma posição em favor da cultura popular como constituída de valores e significados peculiares.

No terceiro capítulo apresento as vozes dos atores sociais, mediante as quais busco identificar e entender o significado e as representações da dança para a comunidade no processo ritual das festas e festejos Kalunga, bem como as diferentes posturas assumidas pelo corpo no delinear das festas.

Em frente a isso, esta pesquisa, dentre outras coisas, parte do entendimento de que as manifestações culturais e artísticas, nas comunidades quilombolas, trazem uma gama de significados, que compõem o imaginário e a composição simbólica da sociedade brasileira.

Assim, além de contribuir com as produções acadêmicas a respeito dos significados/representações dos processos rituais nestas comunidades, acredita-se em oferecer subsídios aos participantes da pesquisa, uma vez que, no ato de falar e explicar sobre suas danças, estes buscaram, em sua memória, pensar e refletir sobre suas práticas, compreendendo a importância de suas tradições, bem como significando-as e revitalizando-as. Torna-se esta uma experiência de ensino-aprendizagem por meio de seus rituais, suas danças e festejos.

Como Brandão (2002, p.139) afirma [...] “toda a educação é cultura. Toda a teoria da educação é uma dimensão parcelar de alguns sistemas motivados de símbolos e de

significados de uma dada cultura, ou do lugar social de um entrecruzamento de culturas”. Diante disso, este estudo se justifica porque busco compreender estes “entrelugares” do saber, ensinar e aprender na dança, na festa, nos bailes, nas diferentes manifestações culturais, artísticas, na comunidade, na escola, na família, enfim, nos processos rituais de uma comunidade tradicional Kalunga.

Desta maneira, os sentidos atribuídos aos rituais, às danças, às festas, às procissões, aos ritos da comunidade quilombola: Kalunga se justificam por fazerem parte de um sistema de representação, que compõe sua cultura, bem como suas experiências intersubjetivas.

Capítulo I

O Cenário Kalunga

1.1. Etnografando na comunidade Kalunga

O cenário da comunidade Kalunga é composto por uma passagem típica do cerrado. As estradas foram construídas em meio aos vales e vãos do Planalto Central com variações climáticas em boa parte do tempo. A natureza faz-se presente em todo o percurso com cenários de árvores contorcidas, entre rios, riachos e ribeirões.

O povo Kalunga encontra-se geograficamente localizados em três municípios: Teresina de Goiás, Cavalcante e Monte Alegre, situados na região nordeste do Estado de Goiás, que abrangem cinco núcleos de referência: Vão de Almas, Vão do Muleque, Contenda, Kalunga e Ribeirão dos Bois. Cada um destes núcleos é formado por uma variedade de agrupamentos que os moradores utilizam para se localizarem na comunidade.

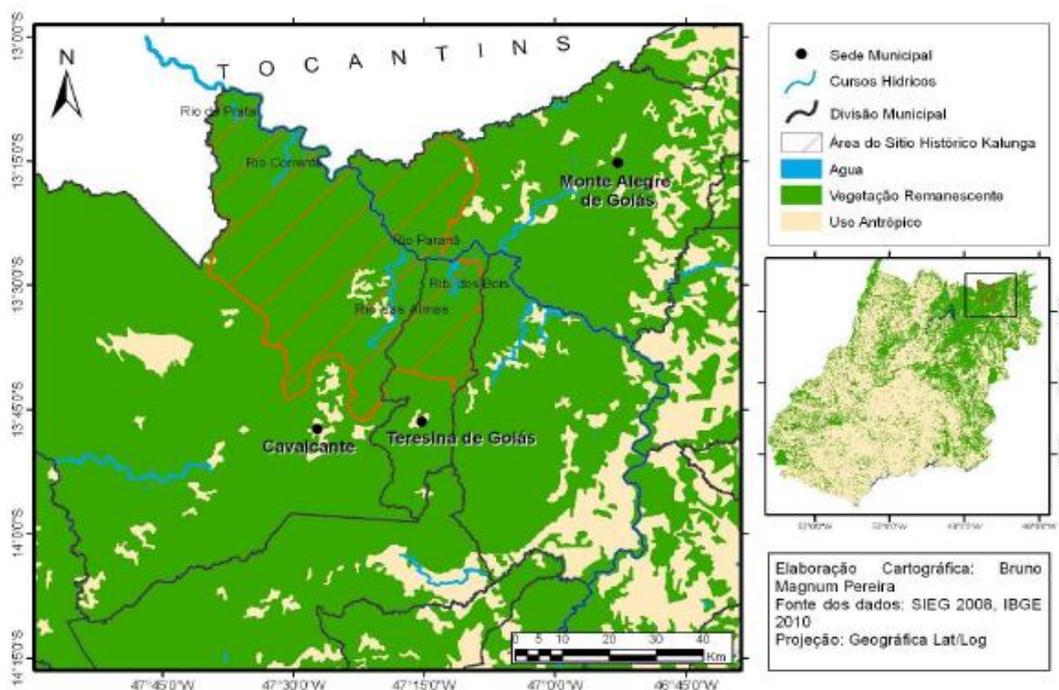


Imagem 1: Localização do sítio Kalunga no nordeste Goiano
 Autoria do mapa: Bruno Magnum Pereira

O Sítio Histórico e patrimônio cultural Kalunga, “com situação fundiária estabelecida de herança, desde o ano 2000, pela Fundação Palmares, e certificada no ano 2005. Com uma área de 253.191,72 Km², são reconhecidas 180 famílias e perto de 900 pessoas como integrantes da comunidade” (FALCÃO, SILVA, TUCUNDUVA, 2011, p. 16). Tal área encontra-se dividida entre os três municípios e a maior área está situada no município de Cavalcante/GO.

Assim, faz-se importante ressaltar que a presente pesquisa foi realizada no município de Teresina de Goiás, a 583 km da cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, especificamente nos agrupamentos de Ema, Limoeiro e Ribeirão. A localização dos referidos agrupamentos encontra-se ao longo do caminho para o núcleo Vão de Almas, situado ao pé da serra. Foi neste caminho que realizei esta pesquisa, percorrendo as estradas de chão, aventurando-me ao passar na ponte que liga um agrupamento ao outro. Foi lá que encontrei um povo humilde, acolhedor, alguns contentes, outros desanimados, mas dispostos a conversar sobre suas festas, danças e cultura.



Imagem 2: Estrada entre o agrupamento de Ema e Ribeirão
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Julho 2012.

A paisagem que compõe o cenário da região, em sua maioria, é formada de mata nativa. Os núcleos e os agrupamentos assentam-se em uma região irregular, representada pela Serra do Mendes, Serra do Mocambo e Moro da Mangabeira. Os principais rios, que

percorrem a região, são Rio Paranã e os afluentes: Rio da Prata, Rio Bezerra, Rio das Almas e Ribeirão dos Bois (BAIOCCHI, 2006).

As casas localizam-se ao longo das margens direita e esquerda da estrada, porém é possível dizer que há uma predominância de casas na margem direita, em razão do percurso do rio, um dos lugares preferidos das crianças. O rio também é o fornecedor de água para o desenvolvimento das atividades da comunidade, tais como: tomar banho, lavar roupas, dentre outras.



Imagem 3: Ribeirão situado no agrupamento de Limoeiro
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Julho 2012.

Um fato relevante, que percebi, é que, nos meses de chuva, o acesso a estas comunidades torna-se difícil: algumas das pontes, que dão passagem entre um agrupamento e outro, são cobertas pelos rios e ribeirões, que cortam as estradas, o que corrobora para certo isolamento da comunidade estudada.

Com referência à moradia, pude encontrar tipos diferentes de construção das casas. As primeiras casas foram construídas com adobe, madeira e cobertura de palha. Atualmente estas antigas moradias constituem uma extensão da casa, pode-se dizer “um puxadinho”. O segundo tipo de habitação foi feito por meio de construções de tijolos de adobe, com estrutura de concreto, madeira e telhas. O terceiro são casas de tijolos furados, telhas de barro com

portas e janelas venezianas. Estas últimas foram feitas em parceria com a FUNASA¹ e a Caixa Econômica Federal. Um dado a ser ressaltado é que em pouquíssimas casas há banheiro em adequado estado de uso e, quando tem, encontra-se desativado ou estragado, o que pressupõe hábitos de higiene (utilização de banheiros e vasos sanitários) distintos das zonas urbanas.

A lavoura é a grande fonte geradora de alimentos e renda para as famílias da comunidade. Pode-se observar que os quintais das casas possuem plantações de mandioca, milho, batata, manga, pimenta, dentre outras. Há também a criação de alguns animais para o consumo e outros que são utilizados como meios de transporte. Faz-se importante ressaltar que a geração de renda da comunidade baseia-se também “na aposentadoria rural e em alguns programas sociais do governo, em especial, o Programa Bolsa Família e o Auxílio Gás” (FALCÃO, SILVA, TUCUNDUVA, 2011, p. 17).

Outra fonte de renda são os artesanatos, que algumas mulheres se dedicam atualmente. São feitos, em sua maioria, com materiais colhidos no cerrado como capim dourado, palhas de bananeiras, dentre outros. Tais artesanatos são vendidos na comunidade, e outros, em eventos, dos quais as mulheres da comunidade participam, o que constituem uma importante fonte de renda.



Imagem 4: Capim Dourado – material utilizado na produção do artesanato
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Julho 2012.

¹A Fundação Nacional de Saúde (Funasa), vinculada ao Ministério da Saúde, é responsável por elaborar, promover e executar ações de inclusão social por meio do saneamento.

A pessoa responsável pelo artesanato na comunidade é dona Elisa, que possui uma choupana – um espaço em que são colocados os materiais – para a realização do trabalho artesanal. Este local também é destinado para ensinar as jovens interessadas a fazerem os artesanatos e manusearem os instrumentos de trabalho. Segundo dona Elisa, ela começou a trabalhar com o artesanato depois que participou de um curso que faz parte do Projeto Girau dos Saberes – uma ação artística entre comunidades.

A respeito dos “arranjos” familiares, observei que não existe um tipo ‘padrão’ e pode-se encontrar famílias nucleares convencionais, com pai, mãe e filhos, como também famílias que são dirigidas por mulheres e, outras, que contam apenas com homens.

Nos agrupamentos Limoeiro, Ema e Ribeirão, da comunidade Kalunga, um considerável número da população pratica o catolicismo popular, mas, ultimamente, tem aumentado o número de protestantes na região, o que tem provocado algumas divergências e conflitos na comunidade. Em tais agrupamentos não existem igrejas, templos ou terreiros destinados às práticas religiosas. Por outro lado, é válido mencionar que, a despeito de eles não possuírem locais específicos destinados às referidas práticas, os festejos realizados na comunidade estão diretamente ligados ao calendário religioso, que é responsável pelas principais festas, em que se fazem presentes os processos rituais, bem como as manifestações culturais.

Os espaços destinados às festas, quase sempre, são as casas das pessoas devotas, que, geralmente, são os moradores mais antigos e que adotam como costume e prática religiosa a promessa. Ao assumirem o compromisso estabelecido por meio da promessa, os moradores mais velhos tornam-se responsáveis pela realização e organização das festas, e eles atentam sempre para as datas do calendário religioso. Deste modo, no período em que estive no local, ocorreram a reza do terço, que acontece ao meio dia, a festa de São Sebastião e a festa de Santos Reis.

1.2. A vida cotidiana na comunidade Kalunga

Estive na comunidade em um período não festivo para compreender a vida cotidiana da comunidade, bem como para dialogar e entrevistar algumas pessoas. Assim, pude observar que, no dia-a-dia, as pessoas se envolvem com seus afazeres rotineiros como: cuidar

dos animais, das plantações, pescar no rio, lavar roupas, visitar um vizinho doente e, uma vez ou outra, ir à cidade de Teresina de Goiás para realizar algumas compras.

Presenciei e considerei marcante, para o meu trabalho de observação, o momento dedicado ao artesanato. Logo pela manhã de um dia ensolarado, acordei, levantei-me e caminhei pelas estradas e trilhas da comunidade quando me deparei com um local ocupado por mulheres, que, de forma organizada, realizavam o trabalho artesanal. Essas mulheres eram, em sua maioria, jovens e reuniram-se na casa de dona Elisa para darem continuidade aos seus trabalhos. O clima, naquele momento, era de tranquilidade e descontração. Ao mesmo tempo em que trabalhavam, as mulheres conversavam e trocavam ideias referentes a assuntos de seu cotidiano como: a saúde das crianças, a preocupação com a baixa quantidade de água no rio. Este espaço-tempo, como posso, assim, chamar, foi relevante porque me possibilitou, de antemão, encontrar, em um lócus, os sujeitos da minha pesquisa, reunidos, de forma descontraída. Encontrei as jovens, as pessoas mais velhas, que me possibilitariam a troca de informações.

Iniciei por observar o referido grupo, no qual se encontrava a filha de dona Elisa, uma jovem de 21 anos, professora, que trabalha com a educação de jovens e adultos na comunidade, que se mostrou bem à vontade ao ser entrevistada, o que contribuiu de forma significativa para o andamento da pesquisa. Essa jovem é mãe de duas crianças e mora com a mãe e os irmãos em uma casa simples com dois quartos, sala com televisão, fotografias na parede, algumas cadeiras, um banco de madeira, a cozinha com um fogão, uma prateleira de madeira e, bem próximo a essa, o fogão a lenha, e o tanque de lavar louças. As roupas, geralmente, são lavadas no rio, mas elas possuem um pequeno tanque.

Fiquei um longo tempo a observar o trabalho a ser desenvolvido pelo grupo, em um clima de descontração e tranquilidade, entre muita conversa, risos e histórias vividas em comum. Nesse clima realizei algumas entrevistas. Aproximadamente às 11 horas todas foram para suas casas para fazerem o almoço, cuidarem das crianças e dos afazeres domésticos.



Imagem 5: Mulheres na execução dos trabalhos de artesanato
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Julho 2012.

Neste dia almocei na casa de dona Elisa e, em seguida, fui com a sua filha mais jovem a casa de dona Francisca, uma senhora muito simpática e bem humorada. Esta senhora facilitou meu acesso às festas e minha aproximação de todo o grupo, já que é uma referência na comunidade. É importante ressaltar que, ao chegar, em diferentes locais, em sua companhia, ela demonstrava, para o grupo, que eu não era uma simples “estrangeira” na comunidade. Ao chegar a sua casa, fui recebida como se fosse uma antiga conhecida. Dona Francisca cumprimentou-me e, logo, convidou-me para almoçar e, depois, para tomar “um cafezinho”. No decorrer da conversa informal apresentei a ela os motivos de minha visita e, sem formalidades, passei a iniciar o diálogo preestabelecido. Ao responder aos meus questionamentos, ela fazia questão de explicar tudo com precisão nos detalhes. Foi uma conversa muito animada com direito à apresentação da sussa. Ela aproveitou para ensinar-me alguns passos da dança, inclusive, a movimentação em detalhes, em seguida foi ao quarto e trouxe a vestimenta que havia ganhado na última apresentação do Encontro de Culturas Tradicionais na cidade de São Jorge/GO. Disse-me que, todos os anos, as pessoas da comunidade são convidadas para se apresentarem neste evento e que, nesse ano, já se organizavam. Eles iriam na sexta-feira, dia 20 de julho, e retornariam no domingo, dia 22 de julho. Perguntei-lhe onde eles ficavam e como eram recebidos. Ela disse-me que eles ficavam

em um lugar preparado pelo evento para receber as comunidades e que recebiam alimentação e uma pequena quantia em dinheiro.



Imagem 6: Dona Francisca e a filha
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Julho 2012.

No momento da entrevista chegaram dois filhos da dona Francisca e um deles estava aparentemente embriagado. Ele disse-me que era folião e que sempre acompanhava o giro da folia. Informou-me que iria à cidade de São Jorge com o grupo para apresentarem a Folia do Divino Espírito Santo.

Em seguida entrevistei uma das filhas de dona Francisca, que respondeu às questões de forma tranquila e ofereceu-me uma grande contribuição. Realizei uma entrevista com outra jovem, que, meio tímida, respondeu aos meus questionamentos e, logo após a conclusão da entrevista, chegou à casa um oficial de justiça que lhe entregou um documento e informou-lhe a respeito da pensão alimentar do filho e disse-lhe que se acontecesse qualquer coisa ou descumprimento da pensão por parte do pai da criança, ela deveria entrar em contato com ele.

Depois desse momento dona Francisca e a filha dançaram a sussa e cantaram “alguns versos”. Dona Francisca convidou-me para ver a reforma que seu esposo havia feito em sua cozinha. Ela, nesse momento, serviu-me uma xícara de café e ficamos, ali, por algum tempo, conversando. Depois fomos para frente da casa e sentamo-nos embaixo de uma mangueira e ficamos conversando e observando a natureza, as crianças brincando e os jovens confabulando. Na estrada apareceram alguns turistas e pediram-lhe informações sobre o lugar, inclusive, sobre as cachoeiras que poderiam encontrar pelo caminho.

Notei que a casa da dona Francisca é bastante movimentada. Sempre, entre uma hora e outra, surge alguém, como os netos, filhos, conhecidos, vizinhos e turistas. Nessa ocasião encontrei alguns jovens do gênero masculino, mas, infelizmente eles não quiseram ser entrevistados e uns mostraram-se tímidos, outros, meio desconfiados. Senti muita resistência quando falei da pesquisa com os rapazes, que, em sua maioria, não quiseram participar.

A casa de dona Francisca, como as demais casas da comunidade, é bem modesta. Nela há dois quartos, sala, cozinha e banheiro, que se encontrava desativado. A casa é de alvenaria com janelas e portas, tipo veneziana, pintadas, as telhas são de barro e o chão é de cimento puro, porém, assim como a maioria dos morados da comunidade, eles preferem as antigas casas construídas com adobe e madeira em que a cobertura, comumente, é de palha de babaçu e o piso é de chão batido. Estas geralmente possuem fogão a lenha, são arejadas e tornam-se a extensão da outra casa e em que são colocados os utensílios da cozinha.



Imagem 7: Cozinha da casa de dona Francisca
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Julho 2012.

Ao entardecer fui com duas meninas e uma jovem ao rio. Ficamos lá por algum tempo e elas contaram-me as histórias e as brincadeiras que faziam no rio. Depois continuamos a caminhada e paramos na casa do sr. Jonas, um homem alegre e falante, que mora com os filhos na comunidade há bastante tempo. Ele possui um pequeno armazém em que são vendidas bebidas e balas e informou-me que foi abandonado pela mulher e que criou, só, os filhos, não foi à escola, mas a filha estava ensinando-o a escrever o nome. No decorrer do diálogo, ele disse-me que era folião e busquei, logo, esclarecer uma série de dúvidas, que eu tinha, a respeito de alguns rituais da Folia de São Sebastião, que havia presenciado no mês de outubro de 2011. Primeiramente pedi a ele que me falasse a respeito do bendito da mesa – então ele me disse que o bendito é tocado para agradecer o alimento que foi oferecido pelos donos da casa, o qual, em geral, é o jantar. Depois lhe pedi para explicar-me a respeito do garfo sobre a colher, que são colocados sobre a mesa logo depois do jantar. Ele informou-me que o garfo representa o homem, e a colher, a mulher, a origem da criação de Deus.

Conheci, ali, um senhorzinho simpático, cujo nome é Pedro, que se mostrou conhecedor de muitas das tradições da comunidade. Falou-me do tempo em que era folião e saía no giro da folia, que dançava a sussa à noite inteira e enfatizou “que era uma alegria só”. No decorrer da entrevista, ele se mostrou, por diversas vezes, indignado em relação à questão da religiosidade. Segundo ele, algumas pessoas da comunidade quilombola “traem” a comunidade quilombola e tornam-se “crentes”, ou seja, deixam de ser católicos para tornarem-se evangélicos. Para ele, é um mal que precisa acabar, já que, ao escolherem outra religião, as pessoas deixam os costumes e tradições – por exemplo, quando a folia chega às casas das pessoas que são crentes (evangélicas), eles lhes fecham as portas, ignoram a tradição. Ficamos por um longo tempo conversando. Esse momento foi importante porque pude conhecer melhor suas histórias de vida e suas trajetórias na comunidade, que, para ele, tem como significado a expressão de um momento de lembranças, que consiste na transmissão oral das tradições, o que dá eficácia à prática social. Registro, aqui, que algumas falas do sr. Pedro apresentaram certo saudosismo, como bem se lembrou do “tempo bom em que se dançava a sussa”.

Após o almoço dirigimo-nos para o agrupamento Ribeirão, local em que aconteceu a Festa de São Sebastião. A trajetória, que fizemos, para chegarmos ali, foi um pouco complicada, já que a ponte havia caído e tivemos que passar por um caminho improvisado, pelo qual, em período de chuva, é impossível fazer a travessia.

No agrupamento encontra-se a Escola Estadual Calunga III e, em frente, fica casa do sr. Felipe, conhecido como o guia da comunidade e/ou o raizeiro. A casa tem uma boa estrutura: é rebocada e pintada, possui vários móveis e tudo estava muito limpo e organizado pela esposa. Ali dialoguei com ele e com o filho e ambos se mostraram bem cordiais e disponíveis aos meus questionamentos. O sr. Felipe, inclusive, colocou-se a dedilhar, na viola, algumas melodias improvisadas/notas musicais. Considero importante ressaltar o posicionamento do sr. Felipe a respeito da tradição e dos costumes de sua comunidade. Ele disse-me que as atividades do dia-a-dia são executadas ali, a saber, cuidando das plantações, dos animais e que, especificamente, na semana, estava organizando o grupo de pessoas para irem participar do Encontro de Culturas Tradicionais, que acontece na cidade de São Jorge, na Chapada dos Veadeiros, no estado de Goiás.

Encontramos dois jovens jogando sinuca em um bar. Eles estavam ouvindo uma música, que parecia ser forró. Conversei com eles e expliquei-lhes do que se tratava a pesquisa e apenas um dos jovens quis ser entrevistado, o outro mostrou-se tímido. Quando há aula, eles falam-me, que vão para a escola, que fica localizada na cidade de Teresina de Goiás e, ainda, ajudam os pais no que for necessário e, quando nas férias, ficam ali conversando com os amigos, vendo o tempo passar. No local não encontramos mais ninguém porque as pessoas, em sua maioria, encontram-se nas cidades, como em Goiânia e em Brasília.

Nos dias em que estive na comunidade não encontrei a pessoa, que participa da liderança no local e esta é representada por dona Júlia e, por considerar que seria imprescindível conversar com ela e a filha, fui ao encontro delas na cidade de Cavalcante/GO. Elas faziam ali um curso. Durante o percurso houve alguns desencontros: na última hora dona Júlia precisou participar de uma reunião do partido e não lhe foi possível me avisar antecipadamente. Então, comuniquei-lhe que retornaria para Teresina de Goiás e que lá manteríamos o diálogo. Ao chegar à cidade, encontrei-a na sede do partido. Como ela estava bastante ocupada, conversamos em uma lanchonete enquanto ela fazia um lanche, porém a entrevista foi, em vários momentos, interrompida em razão das constantes chamadas em seu celular.

Foi um dia cansativo por causa dos desencontros, enfim, sobretudo, por causa da viagem de Teresina de Goiás para Cavalcante, além do retorno e dos entraves ocorridos durante o percurso. Além do curso que a líder e a filha faziam, essa manteve contato com as pessoas que participariam das apresentações culturais na cidade de São Jorge/GO no Encontro

de Culturas Tradicionais. Algumas pessoas da comunidade faziam apresentações como dançar a sussa e representarem a folia. Outras pessoas da comunidade iriam oferecer oficina de artesanato, fazer tranças nos cabelos e comercializar seus artesanatos com o intuito de arrecadarem “um dinheiro extra”, como dona Francisca informou-me.

Observei que o dia-a-dia na comunidade é bem tranquilo, exceto nos dias de festas, uma vez que há grande movimentação de pessoas da comunidade, como também, de visitantes. Julgo importante ressaltar que um considerável número das casas possui boa visibilidade para a estrada, o que possibilita aos moradores saberem, em parte, o que acontece na comunidade. No decorrer do caminho também encontrei pessoas em um vaivém contínuo, oriundas de vários lugares e encontrei, também, algumas mulheres, que se dirigiam ao rio a fim de lavarem suas roupas, assim como jovens e crianças andando de bicicleta ou a cavalo.

1.3. Aspectos históricos do negro no Brasil

Pelo fato de esta pesquisa ter sido realizada em uma comunidade quilombola, creio que se faz importante tratar, aqui, de algumas questões históricas relacionadas a este povo para que se possa melhor compreender suas falas, sua luta por uma série de direitos, bem como sua relação com a terra, seus costumes, suas tradições, sua cultura.

Historicamente a situação do negro no Brasil foi marcada por um sistema escravista desumano e humilhante. Os senhores de engenho, a todo o momento, buscavam manter o controle em que as relações sociais eram estabelecidas, de forma arbitrária entre dominantes e dominados, que eram mantidos em cativeiros em condições subumanas. A esse respeito, Santos (2010) ressalta, em sua tese, que as relações entre senhor e escravo eram assimétricas, pautadas na hierarquia, em que se observavam diversas formas de escravidão como: a dos engenhos de cana-de-açúcar no nordeste, a da mineração, a da agricultura, as advindas das atividades econômicas relacionadas ao extrativismo, dentre outras.

A partir do século XVII iniciou-se o movimento em busca de melhores condições de vida: negros fugidos buscavam abrigos em lugares distantes de seus opressores, nos quilombos. Desta forma, “(...) onde existiu o escravismo moderno, esses ajuntamentos proliferaram como sinal de protesto do negro às condições desumanas e alienadas a que estavam sujeitos” (MOURA, 1987, p. 11).

Os quilombos, além de representarem a tão sonhada liberdade diante dos maus tratados e do trabalho escravo, traziam também a possibilidade de se confrontarem e de se resistirem às imposições do sistema escravocrata. Como Moura (2001, p. 105) argumenta que “a mais importante função social do quilombo era, portanto, esta: uma ruptura radical, em todos os níveis, com o sistema colonial-escravista, os seus representantes, a sua economia e os seus valores raciais e ideológicos”. Neste sentido, os quilombos eram formados por negros advindos de vários lugares que caminhavam, durante dias e semanas, até encontrarem um agrupamento quilombola. Nestes agrupamentos o sistema de produção era gerado por meio do trabalho comunitário, em que todos trabalhavam para consumirem, o que favoreciam as trocas e a cooperação nos grupos.

Um dado importante, que procuro enfatizar, na formação dos quilombos, é que, além de se espalharem por todas as regiões brasileiras, estes também eram habitados por outros indivíduos e, não, necessariamente, pelos negros, mas até pelos índios e por “(...) elementos marginalizados pela sociedade escravista, independentemente de sua cor” (MOURA, 1987, p. 37).

A respeito do termo quilombo Baiocchi (2006, p.33) esclarece que “é um termo próprio dos africanos bantos, porém vem sendo modificado através dos séculos”. Tais modificações são frutos de pesquisas realizadas por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento e podem ser encontradas nas pesquisas seguintes: (Reis, 1996; Moura, 1987; Carvalho, 1996; Ramos, 1971; Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1980; Conselho Ultramarino, 1740), no entanto, o conceito de quilombo, que melhor elucida o termo, assim creio, foi definido pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), 1994, que declara:

O termo quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada e também para grupos, indivíduos e organizações. Vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em regiões e contextos do Brasil. Contemporaneamente, quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho e número de membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento por meio de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão. (O'DWYER, 1995).

Nos conceitos, citados acima, verifiquei que o primeiro é específico, porém, como a autora afirma, em virtude das modificações, chega-se ao segundo, que trata e esclarece as múltiplas questões que abarcam o termo, posto que, muito além de ser uma questão meramente conceitual, o quilombo representa a resistência de um povo, que busca por melhores condições para eles sobreviverem de forma digna e humana. Uma vez que muitos passaram por um sistema de violência física e simbólica tão deprimente, “foram pressionados a esquecer a língua pátria, a religião, enfim, sua cultura de origem, sua identidade” (BAIOCCHI, 2006, p. 30).

Cabe ressaltar que “o quilombo como forma organizacional – Movimento Quilombola – registra-se como o mais longo fato histórico brasileiro, com duração de 258 anos: de 1630 (Palmares) a 1888 (Abolição)” (BAIOCCHI, 2006, p. 34).

O movimento supramencionado foi marcado por uma série de fatos que perpassaram pelas constantes desarticulações dos quilombos pelos senhores de engenho, pelos massacres e vitimização de inúmeros negros. Pesquisas revelam que as terras, hoje, ocupadas pelas comunidades quilombolas são originárias de lutas após a Abolição, que foram adquiridas das seguintes formas: compras por negros escravizados, doações de senhores aos negros obedientes e fiéis, como pagamentos por serviços prestados ao Estado, apossamento de terras destinadas por promessas a algum santo - conhecidas como “Terra de Santo” e que, depois, passaram a ser chamadas de “Terra de Preto” (MOURA, 2012; ALMEIDA, 2004; O’DWYER, 2001; IBGE, 1980).

São inúmeros os quilombos nas distintas regiões brasileiras, muitos desses já possuem, legalmente, o direito à terra, ao passo que outros ainda lutam pela sua legalidade, uma vez que os fazendeiros e os latifundiários usam de diferentes artefatos para desapropriarem os negros de suas terras. Neste sentido, devo destacar que a questão agrária, no Brasil, sempre foi alvo de muita luta, seja pelos negros, seja pelos índios, que são vítimas de uma política de favorecimento e privilégios em favor das elites por parte do Estado.

1.4. A comunidade Kalunga: memória e identidade

Ao partir da premissa de que os quilombos em todo o território brasileiro, em sua maioria, foram formados por descendentes de africanos, Baiocchi (2006) afirma que, no estado

de Goiás, estes desenvolveram um papel importante no que diz respeito à formação étnica e cultural.

Com referência a esta questão a autora também enfatiza:

A entrada do africano e de seu descendente brasileiro no Estado iniciou-se com as bandeiras colonizadoras e segue no movimento minerador, continuando, mais tarde, no século XIX, no movimento migratório dos mineiros, baianos e outros, em busca de terras para lavoura e pastagem para o gado. A migração inicia-se desordenadamente, provocada pela descoberta do ouro no centro do Brasil. Com ela nasce o Estado de Goiás, sob o símbolo do ouro e da garimpagem, sendo o africano o principal elemento, o motor dessa estrutura. Para a província goiana vieram milhares deles na condição de escravos (BAIOCCHI, 2006, p. 27).

Desta forma os diálogos realizados por meio de conversas formais e informais me possibilitaram entender, em parte, os atores sociais da comunidade Kalunga, bem como sua cultura, identidade, sentido de pertencimento e reconhecimento –como quilombola/Kalunga, por meio de suas lembranças e memórias.

Segundo Chauí (2005, p. 142),

a memória não é simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado com diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).

Neste sentido, considero que as conversas que mantive com as pessoas mais velhas foram de fundamental importância, já que, por meio de suas lembranças, tornou-se, para mim, possível compreender muitos dos fatos que hoje se propõem no cotidiano da comunidade. Um exemplo, a que as pessoas se referiram, foi a Festa de São Sebastião, que é comemorada no dia 20 de outubro. Segundo seu Jonas, o motivo desta comemoração ocorrer nesta data é por causa de uma devoção feita ao santo para que chovesse, então, a partir daquele momento, todos os anos comemoram na referida data, uma das principais festas da comunidade.

Pude ver na prática que as manifestações culturais, costumes e valores são mantidos na comunidade, por meio da tradição oral, em que esses são passados dos pais aos filhos, dos mais velhos aos mais novos. Devo arriscar-me a dizer que a memória é a guardiã de suas tradições, bem como de sua identidade cultural.

De acordo com as observações, que realizei, no decorrer do processo ritual, que compõe as folias, as danças, as músicas e as rezas, estas são conservadas na comunidade por

séculos, e cultivadas vivas na memória dos mais velhos, que fazem questão de passá-las aos mais jovens.

As músicas e as rezas, nas folias, são importantes elementos que reportam à tradição oral, bem como à memória dos atores sociais, que, cantadas e rezadas, são carregadas de sentidos, pois, relatam a respeito da vida da comunidade. Já diferentemente das músicas e das rezas, a memória da dança faz-se presente mediante a memória corporal, a gestualidade de cada movimento, a emoção efêmera e tardia desta justaposição, que é fruto das experiências vividas pelo ator social. Em meio a estas questões emergem-se as interfaces entre memória, identidade e cultura.

Cheguei a essa questão por meio de alguns diálogos, que mantive com os atores sociais, a respeito de se identificarem e de se reconhecerem como quilombola Kalunga. Diante destes questionamentos, todos argumentaram que se reconheciam como tal, porém quando lhes solicitei que falassem sobre a importância desse reconhecimento, alguns afirmaram que não sabiam explicar. Algumas falas dos atores sociais são reflexos das experiências de vida, sabedoria e conhecimento, advindos ao longo dos anos, em que, além de se reconhecerem como quilombola Kalunga, estes fizeram menção aos antepassados. Isto é motivo de orgulho para eles se ficou evidente, especialmente nas falas das pessoas mais velhas:

Reconheço como Kalunga porque quando eu nasci ouvia falando nesse nome de Kalunga. E eu também sou nascido no Kalunga, então é uma tradição muito boa. Esse nome também pra nós é muito bom, nós gosta muito dele (Felipe, 63 anos).

Eu sou! Eu me reconheço e pra todo lado que eu vou (Elisa, 41 anos).

Eu me considero. Sou Kalunga. Me reconheço como kalunga! (Francisca, 58 anos).

Sim, reconheço.. hum... plenamente.

Pra mim é uma importância muito grande né? Assim saber que, que a gente veio de.... é eu... devido essa questão... que a gente veio de uma descendência né? Que é da África. Apesar da gente saber que os nossos antepassados teve muito sofrimento aqui. Né? Mais isso aí é um orgulho, saber que os nossos antepassados resistiu ne? Resistiu e nós estamos aí até hoje resistindo pra é... da continuidade na nossa origem (Júlia, 46 anos).

Eu me reconheço. Eu nasci e criei aqui dentro desse local, dessa comunidade... os meu povo é tudo daqui. E quando eu vim ter conhecimento eu já ouvi falando dos escravos né? E que meus bisavôs trabalhava de escravo então, eu vejo os serviço que eles fazia, e vejo as historia de como é que era a vida deles, e eu como, eu vejo os branco tem o nariz afilado e os pretos tem o nariz redondo e os beirão da grossura de dedo, um beirão desse, e os branco tem os beirão fininho. O negocio é por que Deus deixou as descendências separadas. Deus deixou as coisas tudo organizado pra gente reconhecer e Deus ve e o povo saber. Nos é que com o pé de iriba dessa terra cheio de ignorância é que fica, né? Mas o povo, Deus dá a terra e

outra coisa, e tem a obra de DEUS, tem o amor do pecado e a obra do bicho mal, aí buzunga tudo, aí ninguém quer ser igual, um quer ser mais mió do que o outro, bota defeito num e bota defeito no outro e mentira que nos tudo é uma coisa só o preto com branco. Isso num representa nada... somos tudo igual (Pedro, 70 anos).

O fato de esses atores sociais hoje se reconhecerem como Kalunga pode estar relacionado com questões políticas pela busca de melhores condições e garantias de direitos. Nesta perspectiva, posso asseverar que quilombola Kalunga pode estar ligado com o sentido de pertencimento ao seu lugar de origem, como também à sua relação com a terra, a natureza, o trabalho na lavoura, já que estes também afirmam que eram lavradores.

A maioria dos jovens também se reconhece como quilombola Kalunga e, em algumas falas, notei que havia orgulho e alguns justificaram que se sentiam valorizados por fazerem parte dessa comunidade.

É importante sim porque se a gente não reconhecer a gente assim, já é errado né, uma vez que a gente já mora aqui faz muito tempo. Então se a gente não reconhecer talvez até a comunidade vai acabando. Então a gente tem que reconhecer pra num deixar isso privatizar ne? Tem que existir sempre, por isso que as tradições num pode acabar porque se acabar a comunidade vai acabando também. Não deixar de fazer as coisas boas que tem por aqui! (Miguel, 18 anos).

Uai, é sou descendentes assim já, tenho sangue de pessoas que é Kalunga né? E isso é importante! (Luísa, 17 anos).

Ah! Eu acho isso muito interessante, ouvir falar assim, ah! Tenho uma comunidade Kalunga, é muito falado, antes não era não. Mas agora é muito falado (Susi, 24 anos).

Acho que eu tenho orgulho de ser quilombola, Kalunga! Por quê? Sei lá porque (risos) é bom né? (Luís, 17 anos).

Acho que é porque antes quando falava assim, tem um Kalunga, aquela pessoa ali é um Kalunga, Kalunga antes não era valorizado. Hoje Kalunga é. (Marta, 21 anos).

A maneira como os jovens posicionaram-se a respeito do cuidado com as tradições e os costumes da comunidade evidencia-se como um significado subjetivo de pertencimento e identificação à sua comunidade. Alguns jovens mostraram inquietação em se manterem as tradições, o que evidencia que estão atentos e que se faz importante manter e respeitar os costumes da comunidade.

Berger e Luckmann (2004, p. 228), ao discutirem as teorias sobre identidade, afirmam que essa

é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por

processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social.

De acordo com este pressuposto e nos diálogos, que estabeleci com os atores sociais, percebi que se pode claramente evidenciar em seus posicionamentos que, manter os costumes da comunidade, é essencial para a sua identidade, ainda que hajam divergências entre uma geração e outra. Como Laraia (2006, p. 68) explica: “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmos as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

Nesta perspectiva, não poderia ser diferente entre os Kalunga, que buscam manter sua herança cultural, em meio às ações que se estabelecem entre os mais velhos e os mais novos, seja na participação dos afazeres cotidianos, como nos rituais presentes nas festas como: rezar o terço, ladinhas, benditos, participar da procissão ao redor do mastro, dançar a curraleira, a sussa, o forró, ou seja, na realização de suas práticas corporais, bem como, em seu modo de ver o mundo.

Deste modo, arrisco-me a dizer que a realidade subjetiva que envolve as festas é um modo de expressão da cultura da comunidade Kalunga, como também é um lugar de afirmação e identificação dos atores sociais que compõem a comunidade. A identidade é, pois, formada por uma série de elementos, que perpassam os costumes, as histórias de vidas partilhadas, a tradição, os rituais, como também pela memória coletiva, assim como a cultura, a identidade é dinâmica, o que possibilita que os atores sociais se reconheçam no interior de sua comunidade.

Berger e Luckmann (2004, p. 230) sugerem:

A identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade. Os tipos de identidade, por outro lado, são produtos sociais tout court, elementos relativamente estáveis da realidade social objetiva (sendo o grau de estabilidade evidentemente determinado socialmente, por sua vez). As teorias sobre a identidade estão sempre encaixadas em uma interpretação mais geral da realidade. São embutidas no universo simbólico e suas legitimações teóricas, variando com o caráter destas últimas. A identidade permanece ininteligível a não ser quando é localizada em um mundo.

Assim, a identidade é que localiza o ator social no seu tempo-espaço, em sua cultura, na composição e organização de sua comunidade, em suas lutas, nas políticas agrárias,

de permanência e sobrevivência por melhores condições de moradia, saneamento básico, saúde, educação, transporte e direito legal da terra em que moram. Considerar-se quilombola é assumir uma identidade negra, que traz um legado histórico carregado de estigma e preconceito. Quando os atores sociais dizem que se sentem valorizados, talvez queiram dizer, respeitados como pessoa, ser humano, como os autores Seeger, DaMatta e Castro(1979) sugerem, ao discutirem a categoria pessoa e, ainda, enfatizam:

Tomar a noção de pessoa como uma categoria é tomá-la como instrumento de organização da experiência social, como construção coletiva que dá significado ao vivido [...] E tomar a categoria “pessoa” como focal é o resultado de várias opções: deriva da necessidade de se criticarem os pré-conceitos ligados à noção de Individuo que informam muitas das correntes antropológicas; deriva da percepção de que o termo “pessoa” é um rótulo útil para se descreverem as categorias nativas mais centrais – aquelas que definem em que consistem os seres humanos (1979, p. 5).

Assim, entende-se que a categoria pessoa é fundamental para distinguir ou atribuir títulos de direitos e, ainda, que é alguém que possui uma identidade, no contexto social, e em meio a uma massa de indivíduos desconhecidos.

Capítulo II

As festas e os processos rituais na comunidade Kalunga

*Êh, minha folia
Minha estrela do oriente
Luz da estrada vem e guia
O destino dessa gente.
Pd. Fábio de Melo*

2.1. Festejos e festas religiosas

Historicamente os momentos festivos sempre fizeram parte da vida da humanidade, uma vez que tais momentos, além do caráter de divertimento, descontração e lazer, também eram os momentos de agradecimento pela colheita bem sucedida ou por uma bênção/grança recebida.

A festa sempre acompanhou o homem em todos os momentos, seja para romper com as atividades diárias, seja para celebrar seus rituais e, assim, a festa é comemorada em diferentes sociedades, com diferentes sentidos e significados.

O termo festa, de acordo com a literatura estudada, é incerto, porém, neste estudo, dialogarei com alguns autores que discutem o termo de forma objetiva e crítica.

Rita de Cássia M. P. Amaral, em sua tese intitulada “Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que ‘não é sério’” (1998), faz um amplo estudo sobre determinadas festas brasileiras e conceitua:

[...] festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criatura, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, alimentação, dança, mitos e mascaras atesta com veemência esta proposição. A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis (1998, p.52).

Como a autora supracitada bem conceitua, a festa é mediação, já que favorece aproximações, possibilita encontros, restabelece laços, mas, se por um lado, pode amenizar, por outro, pode acirrar velhas dicotomias postas à humanidade.

A respeito da origem da festa no Brasil, especificamente no período colonial, Amaral (1998) argumenta que por causa da diversidade cultural que teve a contribuição dos negros, indígenas e dos colonizadores portugueses, a principal característica da festa foi a mediação. Na festa amenizavam-se os conflitos entre os escravos e seus colonizadores. A festa, nesse período, era a mediação em meio às indiferenças, divergências e imposições. Uma crítica, apontada pela autora, diz respeito à quantidade de trabalhos referente à festa, porém boa parte destes são meramente descritivos e “nota-se a escassez de reflexões teóricas sobre festas” Amaral (1998, p. 24).

Norberto Luiz Guarinello, em seu artigo “Festa, trabalho e cotidiano”, inicia suas discussões referentes à festa e faz uma série de questionamentos a respeito do termo e, em princípio, afirma que o termo é vago, mas, logo em seguida ele pontua que o termo “não é neutro, mas o centro de uma polêmica; sua definição mexe conosco, com valores, com nossa visão de mundo. [...] A própria definição social de festa é, assim, um palco no qual se defrontam diferentes interpretações do viver em sociedade” Guarinello (2001, p. 970).

Assim Guarinello avança, ao afirmar que os sociólogos, desde Durkheim, buscam formas de definir o termo, todavia alguns adotam maneiras particulares e outros, generalizações, a uma série de propostas à disposição na bibliografia. O autor aponta como alternativa: “pensarmos a festa em termos bem gerais, abstraindo-a de todas as suas particularidades históricas e culturais”. Depois de fazer alguns apontamentos a respeito da festa, ele afirma:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. (GUARINELLO 2001, p. 972).

Desta forma, a festa possui uma multiplicidade de sentidos que perpassam sua estrutura social, estrutura organizacional e planejamento, envolvimento e participação de seus principais atores sociais, bem como sua articulação e envolvimento em cima de uma temática ou motivo.

Nas palavras do autor supracitado, a festa é uma ação coletiva que acontece em um determinado tempo e lugar. Como observado na comunidade Kalunga no que se referia à festa de São Sebastião e à festa de Santos Reis, já que estas fazem parte da cultura Kalunga e, assim, têm datas e lugares determinados para acontecerem.

Uma afirmação colocada pelo autor que considero importante é quando ele diz: “toda festa tem suas próprias regras, seus códigos de conduta, sua rede de expectativas recíprocas, que podem ser escritas, ou fortemente ritualizadas, ou absolutamente espontâneas e informais [...]” (GUARINELLO, 2001, p. 973).

Notei, na afirmação acima, que a festa, igualmente como a sociedade, possui regras e rituais para sua efetivação, ou seja, além de seu caráter lúdico e de lazer, também é uma acontecimento importante para a humanidade.

Jorge C.N. Ribeiro Júnior foi outro autor que estudou a respeito das festas e lançou um livro intitulado “A festa do povo: pedagogia de resistência”, no qual faz uma discussão bem elaborada e precisa a propósito da relevância da festa. O autor trata da festa popular e de questões que permeiam a temática como: cultura, dimensão política, cultura e dominação, resistência, contradição, identidade, ritual, conflito e educação. Diante das temáticas discutidas pelo autor, este apresenta o conceito de festa, ao afirmar que

a festa é uma forma de celebração. A celebração tem como ponto de partida e de referência um evento histórico, passado ou possível, cujo significado é vivenciado ritualmente por um grupo. Celebrar é fazer a afirmação da vida e da alegria, a despeito do fracasso e da morte. Ao transformar em símbolos determinados eventos a celebração ritual manifesta alto teor pedagógico, além de provocar a participação e integração grupal, componentes importantes na afirmação da identidade. Quando celebra um fato que lhe diz respeito, o povo rompe também com a lógica oficial que promove o individualismo e a competição (1982, p. 50).

Considero a conceituação bastante significativa para este estudo, uma vez que as festas, na comunidade Kalunga, são grandes celebrações que acompanham várias gerações, que se perpetuam no decorrer da história desse povo.

Com seus rituais, símbolos e costumes representativos, Jadir de Moraes Pessoa, em seu livro “Saberes em festas: gestos de ensinar e aprender na cultura popular”, traz um conceito bastante significativo em se tratando de festas populares. Neste livro o autor trata da dimensão educativa da festa:

[...] há que se afirmar a exuberância educativa da festa popular. A festa é uma grande escola. As crianças que começam a dar as primeiras batidas de tambor ou os primeiros passos no ritual, as que vão acompanhando os pais para simplesmente verem a festa, introduzem-se numa grande aprendizagem. Mesmo os jovens e adultos estão sempre aprendendo na festa. Aprendem, ainda que seja a conviver com as contradições e com os conflitos presentes na festa. Aquilo que parece ser uma inversão da ordem ou uma degradação da moral e dos costumes, também ensina – ensina as lições de tolerância. A dimensão educativa da festa expressa-se, especialmente, numa ambiguidade que lhe é intrínseca: a festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração

das inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções e, porque não dizer, da fecundidade das transgressões. (PESSOA, 2005, p.39)

Este conceito torna-se fundamental para se compreender o sentido das festas para a comunidade Kalunga, em que, por diversas vezes, constatei diferentes formas de ensinar e aprender no transcorrer das festas, seja por meio do olhar atento dos mais jovens, para a maneira como os mais velhos conduzem os rituais da festa, seja na forma de preparar os alimentos, tocar a caixa, bandeiro, viola dançar a sussa ou receber a bandeira do santo homenageado em sua casa. Estes são costumes e valores que estão intrínsecos na maneira de viver da comunidade e são os referenciais deste povo, sua maneira de expressar, sua marca.

Outra questão apresentada por Pessoa (2005) diz respeito aos conflitos e às contradições postas na festa, já que esta não se isenta destas questões. Os conflitos são postos em diferentes momentos e ações da festa, por questões antigas não resolvidas, por divergências ao modo de se comportar em um determinado momento que compõe o processo ritual, para exemplificar, comer com o chapéu na cabeça, tal ato gerou ofensa, desrespeito do alferes para com o alimento ali ofertado.

Quem vai à festa tem a possibilidade de aprender que o que se sabe ainda não é tudo para se continuar a viver e a reproduzir as condições de sobrevivência. Há que se abrir para o novo que cedo ou tarde acaba chegando e preenchendo nossos espaços vitais, até mesmo os de nossa habitação. Mas na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (PESSOA, 2005, p.39).

Desta maneira, o ato de festejar e dançar são momentos de celebração desse povo, como também momentos de divertimento, lazer, descontração, resistência, aprendizagem e experiências estéticas. Como Brandão (1988) enfatiza, a educação existe para diferentes povos e de diferentes maneiras e parafraseando Mauss (2003), ela se dá de modo tradicional e eficaz. Neste sentido, o ato de aprender e ensinar em festa podem ser compreendidos como um processo de reprodução, mas também de reconstrução das tradições, costumes e valores da comunidade.

Durkheim, em seu livro “As formas elementares da vida religiosa”, destaca: “As divisões em dias, semanas, meses, anos, etc., correspondem à periodicidade dos ritos, das festas, das cerimônias públicas. Um calendário exprime o ritmo da atividade coletiva, ao mesmo tempo em que tem por função assegurar sua regularidade” (2003 p. XVII).

Pude verificar que as festas, os ritos, nas sociedades, são de grande importância, uma vez que o calendário demonstra uma forma de organização que é peculiar de cada sociedade. Como exemplos, menciono algumas festas religiosas que se tornaram oficiais no calendário: Páscoa, Festa Junina e Natal, que são celebradas oficialmente pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas que acabam por influenciar uma parte bastante significativa da sociedade brasileira.

No que diz respeito às festas religiosas, Petruski (2008, p. 10) as conceitua como:

Solenidades abertas à coletividade, cuja organização pode ser realizada em dois níveis: o primeiro, daquelas que estão sob o monopólio da Igreja, porque nelas estão presentes ritualísticas próprias que devem ser conduzidas pelo representante eclesiástico. Exemplificando essa tendência, porém em nível mundial, estão as festas da Páscoa e do Natal. Há outras que se estendem a uma nação, sancionadas pelo próprio poder civil, como a que é comemorada no Brasil, em 12 de outubro, em honra a Nossa Senhora Aparecida. O segundo nível é composto por festividades que não necessitam do consentimento da instituição religiosa para sua realização e acontecem sem a participação dos responsáveis eclesiásticos, porque são realizadas em caráter informal em ruas, em praças ou até nas casas dos fiéis, fazendo parte das expressões de religiosidade do povo e que, normalmente, não seguem as ritualísticas oficiais. Nesse caso citam-se as romarias e as Folias de Reis, quando os próprios devotos organizam e participam das festividades.

A Folia de São Sebastião, que é comemorada todos os anos no dia 20 de outubro, pode ser classificada como festa religiosa em segundo nível. A festa é organizada pelos moradores da comunidade Kalunga da Fazenda Ema, sem a presença do sacerdote ou de outro representante da Igreja. A festa é em homenagem ao santo, com muitas orações, cantos, benditos e ladainhas, mas acontece nas ruas com os foliões que passam nas casas dos moradores devotos.

Pesquisadores como Silva Júnior (2008) e Siqueira (2006), em seus estudos, destacam que as principais festas da comunidade Kalunga são: Festa de São João, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora d’Abadia, Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, Folia de Reis, Folia do Divino Espírito Santo e São Gonçalo, dentre outras. Siqueira salienta:

Encaro as festas aqui descritas como gêneros performáticos, o que enfatiza o caráter de agência dos atores sociais presentes. São momentos em que se encontram parentes, renovam-se as alianças e reciprocidades, a fé é fortalecida, são feitos pedidos de bênçãos, fazem-se e refazem-se as alianças políticas, namora-se, lembra-se e brinca-se. (SIQUEIRA, 2006, p. 54).

Neste sentido, posso considerar que as relações sociais nas festas são pautadas por reciprocidade, comunhão e partilha. Existe um clima de harmonia entre os seus participantes e, por mais que um e outro saiam deste padrão, há todo o esforço da comunidade em manter a cordialidade entre os seus membros.

A respeito das festas em comunidades quilombolas no Brasil, Silva (2005), em sua tese intitulada “O passeio dos Quilombolas e a formação do quilombo urbano”, apresenta algumas discussões referentes às danças e às festas nas comunidades de três cidades de Minas Gerais. O autor chega a estas discussões por meio das narrativas e memórias de alguns moradores. Especificamente na narrativa de uma senhora fica evidente que as festas e as danças se constituíam em um momento de alegria e reencontro dos parentes e amigos distantes.

Na opinião do autor “as festas são espaços para se recriar a identidade do grupo. É tempo de falar da vida, de sua singularidade, do modo de pensar a vida”, Silva (2005, p. 262). Nesta citação e no decorrer da narrativa desta senhora se evidencia que nem tudo na vida se resume ao trabalho, à vida dura no campo, às dificuldades impostas no dia-a-dia dessa gente.

Esta tese faz uma abordagem histórica sobre o tráfico negreiro que ocorreu no Brasil, especialmente na cidade de Minas Gerais. Em um segundo momento o autor analisa as condições em que aconteciam as alforrias no estado e o significado e importância para os escravos, bem como se dava a formação dos quilombos no Brasil.

Um dos trabalhos pesquisados, que considero bastante amplo em relação às festas e às danças nas comunidades quilombolas, é o artigo de Gloria Moura (2004) “Festas Quilombolas”. Neste artigo a autora faz um passeio por diferentes comunidades quilombolas e apresenta o que de mais significativos é encontrado em cada um destes lugares. Enfatizo que, para se compreender e entender as comunidades quilombolas, “há que conhecer-lhes as festas, observar o conteúdo musical entoado nos rituais, os gestos dos corpos dançantes, as vestes, instrumentos utilizados, a religiosidade, os costumes” Moura (2004 p. 94). É necessário emergir na cultura dessa gente, entender seu modo de viver, os significados e signos atribuídos

aos seus costumes, a sua religiosidade que está fortemente ligada à dinâmica cultural dessas comunidades.

Moura (2004) inicia seu artigo falando das tradições presentes em Santa Rosa dos Pretos/MA. Neste lugar, ela relata que a tradição marcante é o tambor de mina, que, geralmente, acontece nas festas em homenagem a algum santo. Este se caracteriza por ser uma prática religiosa africana, que cultua entidades sobrenaturais e as músicas e as danças são marcadas por tambores.

[...] a movimentação é circular com movimentos diferenciados dos pés. Torna-se brilhante à medida as iniciadas incorporam *voduns*. Os trajés são simples e bem diferentes do candomblé da Bahia.

A coreografia de cada invisível incorporado nas *vodunsis* é admirável. Dançam com o corpo abaixado. Nas incorporações os gestos se tornam bruscos, o corpo se entrega à entidade. A cabeça “solta-se” do pescoço. Com os *voduns* no ritual do tambor de mina, filhas e mãe-de-santo ficam à vontade (MOURA, 2004, p. 96-97).

Verifiquei que a dança, nesta comunidade, está relacionada com o rito religioso, encontrado em algumas celebrações africanas próximas ao candomblé. Nesta localidade também se encontra a dança do coco, o tambor de crioula e o tambor de choro.

Na comunidade de Mato de Tição/MG, as festas são geralmente religiosas, e uma das mais importantes é em homenagem a São João. Os rituais iniciam-se pela manhã e transcorrem no decorrer de todo o dia com brincadeiras tradicionais, muita comida e finalizam com orações e a dança do candombe.

Moura (2004, p.102) ressalta que a dança candomblé é de origem africana bantu, um dos rituais em que se demonstra a sacralidade ancestral. Nesta dança “a manifestação corporal é com a semiflexão dos joelhos e os braços soltos, com a mínima curvatura de ombros, a significar descontração dos músculos posteriores, condição para relaxar o corpo”.

Em Aguapé/RS as manifestações culturais africanas que se destacam são o batuque, de estrutura parecida com a congada de Minas Gerais, a marujada nordestina e o maracatu pernambucano, que são homenagens realizadas ao rei e à rainha negros.

Moura destaca outra dança, que é o “maçambique ou moçambique”, realizada no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, que se caracteriza por ser uma “dança de cortejo cujo enredo apresenta um combate simbólico que tem na rainha Ginga a personagem histórica que viveu no início do século XVI, em Angola.” (2004, p.103). No decorrer desse dançante cortejo, a dança assumiu diferentes performances e coreografias.

Em Pombal de Goiás/GO, as danças, que sobressaem, logo depois do terço e da ladainha, são a catira e a do tambor. A primeira é dançada por homens e a segunda realizada por “casais, que exibem volteios graciosos, as mulheres procedem a um jogo de conquista usando um lenço para começar a dança. Meneiam as saias e trejeitam o corpo” (MOURA, 2004, p. 107).

Moura também apresenta a folia de reis e a dança sussa da comunidade Kalunga como danças de devoção, que identificam o povo dessa comunidade.

Sob as luz das manifestações culturais, das festas e das danças nas comunidades quilombolas, verifico que essas são carregadas de significados que lhes dão certa peculiaridade e, ao povo, elementos que permitem a estes serem identificados por suas danças, músicas, festejos e costumes.

2.2. Festa: Folia de São Sebastião

Diante dos dados da pesquisa de campo e da busca por entender a história da Folia de São Sebastião, deparei-me com a falta de bibliografia sobre esta temática, bem diferente da Folia de Santos Reis, sobre a qual se encontram vários estudos e pesquisas. No que se referente à Folia de São Sebastião, os dados encontrados estão relacionados a artigos religiosos e a uma tese intitulada “A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis”, publicada em 2008, por Daniel Bitter. O autor, por acompanhar a Folia de Reis na Candelária - Rio de Janeiro, relata a homenagem a São Sebastião, dia em que é entregue a Folia de Reis - bem como, há algumas poucas citações em trabalhos científicos, porém nada é muito detalhado e específico.

Um fato que me chamou à atenção foi que, diferentemente de outras comunidades quilombolas, na comunidade Kalunga, o último dia do giro da Folia de São Sebastião é realizado todos os anos no dia 20 do mês de outubro. De acordo com a literatura estudada, a Festa de São Sebastião é comemorada no dia 20 de janeiro por estar relacionada com a Folia de Santos Reis, outra manifestação cultural presente na comunidade Kalunga, que é festejada no dia 25 de dezembro a 6 de janeiro.

Sobre São Sebastião, santo de devoção da comunidade Kalunga, muito conhecido por todo o Brasil e padroeiro de várias paróquias e comunidades, transcrevo, a seguir, o que Fernandes (2010, p. 5), autor da obra *Novena a São Sebastião*, diz:

São Sebastião nasceu em Narbona, hoje sul da França, mas depois sua família teve de se mudar para Milão, que era uma cidade grande. Seu pai morreu quando ele era ainda bem pequeno. Sua mãe era uma senhora muito católica e ensinou Sebastião a ser bom seguidor de Jesus Cristo, valente e corajoso. São Sebastião era incansável no serviço aos cristãos perseguidos. Um dia, foram dizer ao imperador que o chefe da sua guarda era cristão. O imperador gostava muito dele e não queria acreditar. Mandou chamar São Sebastião e perguntou se era verdade. Ele com coragem e firmeza disse que sim, que era mesmo. O imperador prometeu muitas honras e riquezas, se ele desistisse de ser cristão. São Sebastião não quis nada. Depois o imperador ameaçou o santo de muitas maneiras. Aí Sebastião disse que tinha a força de Deus, que não tinha medo. Então o imperador chamou um grupo de soldados com boa pontaria. Mandou que o prendesse numa árvore, sem roupa, e o matassem com setas. Só o largaram quando já parecia morto. De noite, alguns cristãos foram buscar seu corpo para o enterrarem e viram que ainda estava com vida. Cuidaram dele até ficar bom. Quando São Sebastião ficou bom, não se escondeu nem teve medo. Foi diante do imperador e disse-lhe que estava muito errado em perseguir os cristãos e fazer tanta injustiça, e em se comparar com Deus. São Sebastião é invocado contra a fome, a peste e a guerra.

De acordo com a história de São Sebastião e as conversas informais com os moradores da comunidade Kalunga, estes o homenageiam porque acreditam que o santo os abençoa em momentos difíceis e concede-lhes graças, bênçãos, curas e interseção junto a Deus, como também muita fartura à mesa. São Sebastião é considerado o protetor contra a fome, a peste e a guerra. A questão da fartura ficou evidente no decorrer da festa, já que as pessoas responsáveis em servirem à mesa, sempre a mantinham com todos os alimentos preparados, de uma forma que as pessoas que estavam ali presentes se alimentassem bem.

Para apresentar uma visão dinâmica e ampla do processo ritual da Folia de São Sebastião, buscarei enfatizar os principais rituais que compõem este momento. No dia 20 de outubro estive na Comunidade Kalunga, na Fazenda Ema, no intuito de observar o último dia do giro da folia em homenagem ao santo, uma festa típica e tradicional desta comunidade. A Folia de São Sebastião iniciou-se no dia 15 de outubro, na casa da dona Joana, a responsável no ano. De acordo com as pessoas da comunidade, ela tinha feito uma promessa a São Sebastião e, se alcançasse a graça desejada, iria ser responsável pela festa de arremate da folia. Neste dia o giro da folia; iniciou-se no final da tarde, passou pelas casas vizinhas – os foliões chegaram a cavalo, cantaram, rezaram e seguiram adiante até chegarem a casa em que iria acontecer a festa de arremate e encerramento. Dona Joana acompanhou ao lado da neta todo o percurso em um cavalo conduzido pela primeira, que fez promessa. Por volta das 18 horas, os foliões chegaram a casa em que aconteceriam os festejos. Antes de entrarem, estes ficaram a certa distancia em uma espécie de vigília, cantaram e rezaram por mais ou menos uma hora. A

única mulher, que, em certo momento, fez parte do ritual foi a dona da folia. O restante da comunidade observava tudo ao longe.



Imagem 8: Giro da Folia de São Sebastião
Autoria: Rosirene Campelo dos Santos. Outubro, 2011.

Enquanto isso, as mulheres estavam na cozinha nos últimos preparativos para a festa, ou seja, faziam as comidas que seriam servidas mais à noite. Outras estavam nos arredores da casa, sentadas, conversando e à espera dos foliões. Os convidados chegavam de todos os lados, alguns, a pé, outros, em motos, e alguns, em carros. Algumas das pessoas, que chegavam nos carros, aproveitaram para vender bebidas, balas, doces.

O local em que iriam acontecer os festejos, seguidos de seus rituais, estava bem ornamentado com balões coloridos, bandeirolas e o som mecânico. Na frente da casa havia uma cruz enfeitada com balões e velas, logo em seguida, um arco também enfeitado, na sala, um altar singelamente preparado e com imagens dos santos devotos: São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, Cristo Rei, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dentre outras.



Imagem 9: Altar com imagens de São Sebastião e outros Santos
 Autoria: Rosirene Campelo dos Santos. Outubro, 2011.

O ritual da folia iniciou-se com a aproximação dos foliões da casa, que cantavam e tocavam seus instrumentos. Em um determinado momento eles pararam em frente ao cruzeiro, rezaram e cantaram - neste momento soltaram fogos. Dona Joana e a neta ajoelharam-se em frente ao cruzeiro, que descrevo como uma enorme cruz com três velas acesas.

Neste momento os foliões cantaram:

[...] Pra vos entrego essa folia
 Pra vos entrego essa folia
 Na imagem de São Sebastião
 Na imagem de São Sebastião

Os foliões andaram em direção a casa e ao altar e passaram todos por baixo do arco enfeitado. Neste momento toda a comunidade se aproximou e acompanhou a procissão dos foliões. Todos entraram na casa, fizeram reverência ao altar e iniciaram os cantos e os benditos de agradecimentos. Dona Joana e a neta, que recebeu a graça, ajoelharam em frente ao altar e permaneceram até o fim dos agradecimentos.



Imagem n. 10: Devota que recebeu a graça com a neta em frente ao altar de São Sebastião
 Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

Como em toda folia o alferes vai à frente dos foliões e carrega a bandeira com a imagem de São Sebastião e os demais foliões seguem atrás. Ao entrarem na sala, dona Joana e a neta ajoelharam-se em frente do altar. Os foliões cantaram. Dona Joana levantou-se e recebeu a bandeira de São Sebastião. O alferes se aproximou, fez reverência e beijou a bandeira. E, em seguida, de posse da bandeira, ele passou-a sobre todos os foliões, que, nesse momento, estavam ajoelhados.



Imagem n. 11: Alferes abençoando os foliões com a bandeira de São Sebastião
 Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

Todos estes acontecimentos são narrados nas músicas cantadas pelos foliões. Houve dificuldades para eu compreender as letras das músicas, mas transcreverei um dos versos que foram cantados:

E aqui mesmo nesta hora
E aqui mesmo nesta hora
Vamos entregar essa folia
Vamos entregar essa folia
E do dia que nós saímos
Olha o dia que nós chegemos
Olha o dia que nós chegemos
E pela porta que saímos
Por outra porta nós chegemos
Por outra porta nós chegemos
[...]
Vamos entregar São Sebastião
Vamos entregar São Sebastião

Logo depois deste momento começaram os preparativos para o jantar e os serventes organizaram a mesa com os alimentos. Os foliões são os primeiros convidados a se servirem, logo em seguida, toda a comunidade. Após o jantar os foliões rezaram o bendito da mesa, em agradecimento pelos alimentos que ali foram servidos e deixaram no centro da mesa apenas um garfo sobre uma colher e fez-se a forma de um x.



Imagem n. 12: Canto do bendito da mesa – Folia de São Sebastião
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.



Imagem n. 13: Símbolo do Bendito da Mesa após o Jantar
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

Neste momento na sala em frente do altar as mulheres começaram a se reunirem e iniciaram a reza do terço com cantos, benditos e ladainhas a São Sebastião e a outros santos de devoção da comunidade, e eram poucos os homens ali presentes. Alguns encontravam-se fora da casa conversando e os outros, como o sr. Balbino e alguns ajudantes prepararam o mastro

para ser levantado. Ao final das orações, a comunidade saiu em procissão em direção ao lugar onde o mastro seria erguido e, ao lado, foi preparada uma fogueira.

O sr. Balbino e uma sra. foram à frente da procissão e levaram a bandeira/estandarte com a imagem do santo homenageado, adornada com fitas coloridas.



Imagem n. 14: Pessoas mais velhas conduzindo a bandeira para o mastro
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

Com rezas e cantos a procissão girou em torno de três vezes ao redor do mastro antes de ele ser erguido. As demais pessoas da comunidade acompanharam cada uma com uma varinha com um feixe de fogo na ponta, produzidas artesanalmente pelas mulheres, com cera de abelha, que foram, cuidadosamente, nelas amarradas.



Imagem n. 15: Procissão ao redor do mastro
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

O folião, que toca a caixa, deu o ritmo da toada, que parecia mais um chamamento para que todos ficassem atentos ao que acontecia. Este momento é mágico e fascinante de se ver. Todos pararam e o sr. Balbino juntamente com os demais colocaram a bandeira/estandarte na ponta do mastro e este foi erguido. Neste momento soltaram-se muitos fogos.



Imagem n.16: Comunidade erguendo o mastro com a bandeira de São Sebastião
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

Após erguerem o mastro, os homens cantaram e algumas mulheres dançaram a sussa. Foi oferecido vinho às pessoas. A respeito deste símbolo sagrado o mastro é uma referência para a comunidade porque significa o ponto fixo, a raiz daquela gente. Quanto à oferta de vinho, em seu artigo “Bebida alcoólica e sociedade colonial”, Scarano argumenta que esse “ocupa significativo papel dentre as bebidas alcólicas e seu uso e valorização vêm desde tempos imemoriais” (2001, p. 468). Desde maneira, o ato de oferta de bebidas em festas é um costume muito comum na sociedade.



Imagem n. 17: Mulheres dançando a sussa
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

Uma cena, que merece registro, diz respeito à venda de bebida alcoólica no decorrer da festa. Outra cena relacionada com esta é que um dos foliões, que tocava a caixa, estava bastante alcoolizado e tornou-se inconveniente em vários momentos. Os demais buscaram chamá-lo para que não atrapalhasse a organização da festa. Em um momento, ele ficou, por algum tempo, caído no chão e ninguém buscou levá-lo. Isso sugere que a festa carrega, indiretamente, elementos de permissividade, que, em outros momentos, não são possíveis de se notar. Foi-me possível perceber a presença de vários jovens Kalunga, oriundos de cidades e municípios vizinhos.

No que se referem às vestimentas dos foliões, eles estavam com roupas de uso cotidiano, contudo o alferes, um dos senhores da comunidade, estava vestido de forma

diferente dos demais: usava calça, botina, camisa, terno e um lenço sobre os ombros - uma espécie de estola. Os foliões usavam chapéu ou boné, a maioria, calça jeans, botina ou sapato e todos usavam camisa de manga curta. Os foliões eram, em sua maioria, homens de meia idade. E nos principais momentos do ritual eles tiraram o chapéu ou o boné.

A bandeira, um símbolo significativo na folia, é um forte objeto de devoção e veneração na comunidade. A bandeira é feita de cetim, um tecido liso e levemente com brilho, algumas fitas coloridas e, no centro, a estampa de São Sebastião, que se caracteriza por estar amarrado a uma árvore, e, quase sem roupas, apenas com um pano vermelho que cobre sua genitália e com várias flechas no corpo. Quando finalizou este momento sagrado para a comunidade, foi ligado o som mecânico e as pessoas começaram a dançar o forró e isto aconteceu até o dia amanhecer.

Observei que a festa em homenagem a São Sebastião compõe-se por vários rituais e, assim, torna-se imprescindível destacar que o termo ritual é bastante significativo para esta pesquisa. Tal termo permitiu-me perceber que houve uma sequência de fatos que são importantes para se compreenderem as atividades sociais que acontecem no cotidiano ou em ocasiões festivas, que são realizadas com base em uma organização que é própria da comunidade.

O ritual é uma forma de ação, sobretudo maleável e criativa que, com conteúdos diversos, é utilizada para várias finalidades. O ritual - agora definido etnograficamente, isto é, em termos nativos - tornou-se um fenômeno interessante para análise justamente porque, no longo processo de reflexão sobre suas características intrínsecas, reconheceu-se que ele tem o poder de ampliar, iluminar e realçar uma série de ideias e valores que, de outra forma, seriam difíceis de discernir (PEIRANO, 2003, p.49).

De fato os rituais nas festas da comunidade Kalunga configuraram-se como um momento em que se buscavam revigorar os costumes da tradição de um povo, que, historicamente, buscou manter, por meio de sua memória coletiva, o que os seus antepassados fizeram questão de deixar como um marco de sua identidade.

Desta maneira, creio que a Folia de São Sebastião compõe a identidade social da comunidade Kalunga, uma vez que é uma manifestação cultural que situa a comunidade no tempo e no espaço, bem como possibilita revitalizar suas tradições.

A festa de São Sebastião, além de ser mais um momento festivo da comunidade, configura-se também como o momento de se pagar pela graça recebida e, neste fato, também se estabelece a questão da religiosidade.

O sentido e o significado das práticas corporais na comunidade e manifestações culturais podem ser observados em cada cena realizada pelos foliões no decorrer do giro da Folia de São Sebastião e no transcorrer da festa. A Folia de São Sebastião é marcada por rituais específicos de abertura e encerramento, que têm início e término em uma data específica e local adequado. No caso da Folia de São Sebastião, iniciou-se no dia 15 de outubro de 2011 e terminou no dia 20 de outubro de 2011.

Na composição do grupo de foliões, que comandam a Folia de São Sebastião, apenas, às pessoas do gênero masculino é permitida a participação: 10 homens saem a cavalo para realizarem o giro da folia e visitarem as casas adjacentes. Em cada casa rezaram e cantaram com a família e, em geral esta oferece alguns donativos para a festa ou alguma contribuição em dinheiro e também são oferecidos café e bolo aos foliões. A chegada dos foliões às casas é vista com muita satisfação e alegria por todos.

Um ator social importante na folia é o alferes, o portador da bandeira de São Sebastião. Ele é o responsável por ir à frente da folia, como Porto (1982, p.19) aponta: “Sua função é carregar respeitosamente a Bandeira, apresentando-a ao chefe da casa onde a folia acaba de chegar, e receber os donativos oferecidos pela família”.

Uma questão bem interessante de observar na Folia de São Sebastião é a participação das mulheres. No decorrer da festa constatei a divisão das atividades, envolvimento e participação entre homens e mulheres e notei a evidência do papel social a ser desenvolvido por eles nos diferentes momentos e rituais que compõem a festa.

A participação das mulheres na festa de São Sebastião observei nos seguintes momentos: o primeiro deles é no preparo dos alimentos para o jantar, que foi servido depois da chegada dos foliões. No decorrer do dia e, mais especificadamente, ao entardecer, as mulheres da comunidade se reuniram na cozinha para o preparo do jantar. A dona da casa ficou responsável pelo direcionamento das tarefas a serem feitas. Como se tratava de uma festa grande, que tinha participação de pessoas das comunidades vizinhas, fizeram uma grande quantidade de comida. Geralmente as pessoas improvisam vários fogões a lenha para que as mulheres agilizem a preparação dos diversos alimentos. Neste momento, as mulheres conversam, contam piadas, relembram outros momentos festivos.

Ao observar a participação das mulheres na Festa de São Sebastião, concluí que não difere da maioria dos papéis socialmente atribuídos às mulheres que vivem em comunidades tradicionais ou na zona rural.

De acordo com as pesquisas de Chaves (2003), Porto (1982), Gonçalves (2010) e as observações, que realizei, sobre a participação das mulheres na Folia de São Sebastião evidencia que o papel das mulheres, é de ficarem quase “invisíveis”, mas, presentes ao mesmo tempo. Se, de um lado, é função dos homens desempenharem os principais papéis no decorrer da folia, seria impossível a sua realização sem o envolvimento das mulheres. São elas, que, além de prepararem as refeições, decoram e preparam os lugares para recebermos foliões, organizam o altar com as imagens dos santos, rezam o terço, bem como, as ladainhas e os benditos.

Conforme Porto (1982, p.50) afirma, “de modo geral, não se admite a presença de mulher, numa folia. Abrem-se exceções para o caso de promessas, quando então, a mulher é admitida como acompanhante, sem direito a cantar, nem tocar instrumento”.

No que diz respeito à participação e ao envolvimento dos jovens na Festa de São Sebastião, verifiquei-que eles estavam presentes na festa de maneira quantitativa, porém só alguns se envolveram de maneira significativa em todos os momentos e rituais, ao passo que outros ficaram à “margem” a conversar e a observar a movimentação das pessoas mais velhas. Constitui-se este como uma maneira de se fazer presente, o que se torna um momento de aprendizagem, uma vez que são nestas festividades que se apreendem as tradições e a cultura da comunidade. Tal fato foi colocado por alguns jovens Kalunga, que afirmaram que eles apreendem muito sobre os costumes e as tradições por meio da observação, do olhar atento, do modo como as pessoas mais velhas manuseiam os instrumentos e os utensílios de trabalho, na movimentação e nas ações corporais ao dançarem a sussa, ao ouvirem cada canto da folia, na maneira de tocarem os instrumentos musicais, bem como, pela tradição oral. Esse relato remete aos estudos de Mauss (2003, p. 407) quando argumenta: “Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobre tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral”.

Um ponto que me chamou bastante a atenção foi o ritual realizado após o jantar. Os foliões rezaram o bendito da mesa em agradecimento pelos alimentos que ali foram servidos. Nesse momento eles deixaram no centro da mesa apenas um garfo sobre uma colher em forma de X, e cantaram o bendito da mesa. Segundo o depoimento dos atores sociais, o

garfo sobre a colher representa a origem do mundo, o momento em que Deus criou o homem e a mulher.

Todos os cantos foram acompanhados com a movimentação dos foliões em torno da mesa e, mais uma vez, só dona Joana pode participar junto com os foliões. Verifiquei que, em todos os momentos da festa, os rituais são seriamente respeitados por todos os atores sociais, inclusive pelas pessoas oriundas de outras comunidades. Os versos das músicas revelam a religiosidade e a crença da comunidade, já que, em sua maioria, são de agradecimento e devoção.

Segundo Moura (2004, p.95):

As práticas religiosas, inseparáveis das festas, revelam a dinâmica cultural das comunidades negras rurais. O ritualismo aparece como modo das comunidades apresentarem a si sua cíclica organização social. Pelas constantes que se repetem, percebe-se a estrutura que articula celebrações a festividades. Quanto mais incidentes, mais perceptivelmente semelhantes.

Os rituais presentes na Folia de São Sebastião são extremamente importantes para a comunidade Kalunga porque expressa sua cultura, costumes, modos de vida, tradições e que, em princípio, observadas por um estrangeiro, necessitam ser decodificadas. Outro fato, que observei, diz respeito ao sagrado e ao profano, que se fizeram presentes e evidentes em vários momentos da festa em homenagem a São Sebastião, que, por se tratarem de elementos de contradição em um tempo/espaço, que é dedicado à religiosidade, ao sagrado, mas, em que o profano perpassa e se faz presente por meio da embriaguez, da postura inesperada de alguns atores sociais, dentre outros, torna-se inconveniente.

Em relação ao sagrado e ao profano DURKHEIM (2003, p. 24) adverte:

As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições protegem e que devem permanecer à distancia das primeiras. As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas. Enfim os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas.

Neste sentido, na festa de São Sebastião há dois momentos: primeiro, dedicada ao sagrado, à religiosidade, aos cantos, à reza do terço, às ladainhas, aos benditos, à procissão em volta do mastro, à devoção, ao momento de louvar e de agradecimento pelas bênçãos e graças recebidas, como também de se renovarem os pedidos; segundo, ao profano, às várias barriquinhas, em que se vendiam os mais variados tipos de bebidas, à embriaguez e à postura

de um dos integrantes da folia. Outro momento que pode ser classificar como profano é o momento do baile.

Ainda em relação ao sagrado Durkheim (2003, p. 342) enfatiza que “o respeito que temos por um ser sagrado transmite-se, pois, a tudo o que tem contato com esse ser, a tudo o que se parece com ele e faz lembrá-lo”.

No decorrer da festa a São Sebastião, observou-se que o “cruzeiro” com as velas em suas três pontas, o arco enfeitado com flores e balões na entrada da casa, o altar, em que estavam as imagens dos santos, e a bandeira de São Sebastião à frente da procissão, para a comunidade, são considerados como objetos sagrados, já que a postura com relação a estes símbolos é de muito respeito, veneração e reverência.

A esse respeito Turner (2005, p. 49) acentua:

Por ‘ritual’, entendo o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos. O símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade de estrutura específica em contexto ritual.(...) um ‘símbolo’ é uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou lembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações em fatos ou pensamentos.

Assim o processo ritual centra-se nos momentos emblemáticos em que se evidencia a devoção em divindades, em santos homenageado se os símbolos são as representações concretas do ritual.

Turner (2005, p. 61) ressalta que “os símbolos rituais são a um só e ao mesmo tempo símbolos referentes e de condensação, ainda que cada símbolo seja mais multirreferencial do que unireferencial”. Por símbolos ‘referenciais’, o autor esclarece como tais: o discurso oral, a escrita, as bandeiras nacionais, a sinalização de semáforos e outras organizações, ao passo que os símbolos de ‘condensação’ estão ligados à questão da tensão emocional do consciente ou inconsciente (TURNER, 2005).

No contexto da Folia de São Sebastião e da Folia de Santos Reis pode-se os símbolos rituais perpassar as duas dimensões simbólicas porque estão ligados às ações sociais destes festejos, que, no decorrer do tempo, foram construídas e reafirmadas por seus atores sociais.

Neste sentido, apresento alguns dos símbolos rituais que observei na festa de arremate da Folia de Sebastião:



Imagem n. 18: Cruzeiro símbolo de devoção
 Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

O cruzeiro é um símbolo de devoção, já que se encontra no primeiro lugar onde os foliões param antes de adentrarem a casa. Neste local eles ficaram um período de tempo bastante prolongado e ali cantaram. É neste lugar que a pessoa que recebeu a graça se ajoelha em louvor e agradecimento a Deus pelo seu pedido ter sido alcançado.



Imagem n. 19: Arco enfeitado na entrada da casa para receber os foliões
 Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

O arco também se constitui em um símbolo na comunidade Kalunga e é formado por duas bananeiras enfeitadas com balões, flores, bandeirolas coloridas e duas velas, cada uma em extremidades diferentes. Ao se tratar de objetos sagrados e simbólicos, o arco representa a longa caminhada realizada pelos foliões, bem com o dia da festa, a entrega da folia, a passagem em direção ao altar - o momento final do giro da folia.

O altar, por se constituir o lugar em que as imagens dos santos devotos estão colocadas, apresenta-se bem decorado, com luzes coloridas, velas, terço e alguns livros de oração. É o lugar, por excelência, em que as pessoas se ajoelham em agradecimento, oração e em busca de uma graça a ser recebida.

Dentre os objetos sagrados a bandeira é um dos símbolos de maior referência da comunidade, uma vez que possui certa magia e encantamento. Algo de místico se faz presente neste objeto, que acompanha a folia em sua longa trajetória no decorrer de todo o giro. “A bandeira é, de fato, alvo de numerosos contatos corporais por parte dos residentes, esperando-se com isso receber bênçãos e proteção espiritual” (BITTER, 2008, p. 57).

Assim a bandeira, além de ser um objeto de grande poder simbólico para a comunidade, é ela que vai à frente dos foliões, que anunciam a chegada dos reis em visita ao Menino Jesus. É por ela que toda a comunidade fica à espera. É em frente a ela que os joelhos dos devotos se curvam, já que ela se constitui mensageira de devoções, pedidos e agradecimentos.

Como Bitter menciona, “a bandeira é um objeto de grande valor simbólico e ritual para foliões e devotos” (2008, p.104), Como observei na pesquisa de campo no transcorrer da folia: ela é a primeira a entrar e a última a sair das casas visitadas pelos foliões e assim que a bandeira chega à casa dos visitantes é recebida com beijos e adorações.

A esse respeito o autor ressalta que

bandeiras, ao lado de coroas, altares móveis, registros, esculturas, relíquias e outros objetos, ocupam lugar central em diversas manifestações religiosas, constituindo meios privilegiados para a intermediação com a ordem supramundana. Em muitos contextos, a importância desses artefatos para a vida social pode ser resumida na crença de que sejam capazes de fornecer bênçãos, graças e outras dádivas, como curar enfermos, cessar calamidades naturais ou propiciar ganhos materiais. (BITTER, 2008, p. 104).

Observei tais aspectos na comunidade Kalunga em que um considerável número dos atores sociais possui uma forte crença em seus objetos de devoção, e a bandeira é a que

possui maior representatividade e importância. Julgo que os rituais, em sua maioria, realizados nos decorrer da folia, foram efetivados e dirigidos à bandeira.

Por se tratar de uma festa tradicional da cultura popular brasileira – a folia, em sua totalidade, caracteriza-se por uma diversidade de rituais e símbolos que possuem fortes relações e representatividade com os elementos sagrados. Um fato ressaltado por Bitter diz respeito ao “costume de usar bandeiras ou estandartes em cortejos e procissões rituais no Brasil é uma herança portuguesa das corporações de ofícios medievais, irmandades religiosas e companhias militares” (BITTER, 2008, p. 104).

Deste modo, no sentido de dizer que as tradições, assim como os rituais, por mais antigos que possam ser, são, ao longo dos tempos, modificados, ressignificados, revigorados e revitalizados pela sociedade.

No que diz respeito aos objetos simbólicos da comunidade Kalunga, esses se constituem em objetos sagrados, já que os atores sociais desta assim os consideram. Bitter (2008, p. 105) ressalta que

a intensa profusão de imagens, esculturas, bandeiras, altares, relicários, coroas e registros no mundo católico e no domínio das manifestações religiosas populares leva à constatação de que o lugar destes objetos na vida de numerosas sociedades não é um fato trivial. Uma extensa literatura histórica, folclórica e etnográfica tem sinalizado o modo particular como as chamadas “culturas populares” lidam com esses objetos. Tais objetos que frequentemente assumem forma figurativa recebem cuidados especiais, são bentas, consagradas [...].

Logo, os objetos simbólicos, que fazem parte dos rituais na comunidade Kalunga, apresentam uma multiplicidade de sentidos porque eles perpassam a dimensão do sagrado. Uma consideração importante a ser feita “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de serem no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (ELIADE, 1992, p. 14-15).

O mastro foi o último objeto a se fazer presente no transcurso ritual da festa de São Sebastião. Observei, durante o trabalho de campo, que, antes de o mastro ser erguido, a comunidade, em procissão, girou três vezes em torno dele, enquanto cantavam e rezavam, depois de erguido, as mulheres dançaram a sussa e os homens cantaram e tocaram. Essas ações rituais insurgem a se pensar as festas como um veículo que “representa afirmação e sacralização da identidade e, ao mesmo tempo, louvação do ancestral” (BAIOCCHI, 2006, p. 41).

Como foi possível observar a festa em homenagem a São Sebastião é composta por diferentes rituais, assim, é importante ressaltar que compreender os processos rituais que a envolvem é essencial para esta pesquisa. Eles permitiram entender uma sequência de fatos que são relevantes para se compreender as ações sociais que acontecem no cotidiano ou em momentos festivos, que representam a religiosidade e a crença da comunidade.

Notei que, para a festa acontecer, várias pessoas da comunidade mobilizaram-se e planejaram as ações que estariam por vir, ou seja, havia uma motivação, o que foi possível observar mediante a fala da dona da festa:

A festa, esse ano é por minha conta, pois minha netinha avinha há muito tempo doentinha que só, então, me apeguei com São Sebastião, pedindo ele a benção e a cura pra ela. Então, aos pouco ela foi apumando então, a gente começou a folia lá em casa no dia 15 e hoje do entregando. (Joana, 52 anos).

Este fato chama a atenção para o elemento da crença das pessoas em um ser divino que é mediado pela intercessão de um santo a Deus. Ao pedir a graça a São Sebastião dona Joana comprometeu-se em preparar a festa para o santo.

Csordas (2008, p. 119), em seu livro “Corpo/Significado/Cura”, ao observar e perceber como se dava o processo de cura no movimento da renovação carismática, aponta “que os sinais e milagres são compreendidos como manifestações do poder divino destinado a promover a conversão dos descrentes e ampliar a fé dos crentes”. Algo próximo a isso se evidencia na comunidade porque, não só a pessoa que recebeu a graça se compromete em realizar a festa, mas há colaboração e esforço de todos. A pessoa que recebeu a cura/gracia cumpre uma série de rituais, que fazem parte do cumprimento da promessa.

Desta maneira, ações desenvolvidas na Folia de São Sebastião são planejadas previamente, e os significados subjetivos a ela atribuídos fazem parte dos rituais socialmente vivenciados e significativos para a comunidade. A esse respeito Rodrigues (1975, p.10) enfatiza que “as relações sociais envolvem crenças, valores e expectativas tanto quanto interações no espaço e no tempo. A sociedade é uma entidade provida de sentido e significação”. Esses fatos estão claramente evidenciados na Festa de São Sebastião, uma vez que as relações sociais da comunidade são justificadas e afirmadas nos rituais religiosos, danças, trabalho cotidiano, lutas e nas conquistas diárias dessa gente.

A esse respeito Turner (1974, p. 169) ressalta “[...] a vida humana social do homem como um processo ou como uma multiplicidade de processos [...]” e a folia de São

Sebastião, em sua totalidade, é composta por uma multiplicidade de processos rituais, que perpassam pela passagem dos foliões nas casas até o dia da festa, o grande encontro de amigos de longa data até parentes de outras localidades.

Desta maneira, a Folia de São Sebastião compõe a identidade social da comunidade Kalunga porque é uma manifestação cultural que situa a comunidade no tempo e no espaço, bem como lhe possibilita revitalizar suas tradições.

Em relação aos elementos profanos presentes na Festa de São Sebastião, estes podem ser caracterizados pela bebida alcoólica e excesso de sua ingestão pelas pessoas que estavam na festa. Um dos foliões, que, em determinado momento, estava bêbado, apresentou comportamento inadequado na folia, foi severamente repreendido. Segundo Scarano (2001, p. 478),

a bebida, ao lado da comida, fazia parte integrante das festas, tanto religiosas quanto profanas, das comemorações, das reuniões. Não havia festa sem seu consumo. Mesmo a embriaguez parecia natural e permitida nessas ocasiões, se houvesse uma boa intenção, como o desejo de homenagear os santos e os valorizar. Ao menos essa era uma crença bastante divulgada. A bebida servia como uma real homenagem e mesmo alguns excessos pareciam dignos de perdão. Esse era o costume difundido, sem, entretanto, o beneplácito da Igreja.

Assim, creio que a ato de ingerir bebidas alcoólicas em festas é bastante antigo nessa sociedade, independente do motivo da comemoração, a justificativa estava relacionadas à homenagem aos santos de devoção.



Imagem n. 20: Compra e venda de bebida na Festa de São Sebastião
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Outubro, 2011.

Alusivo à bebida alcoólica, no Brasil, no período da escravidão, Scarano (2001, p. 483) afirma que “parecia necessária para fortalecer os trabalhadores e os animar nas tarefas difíceis, mas ao mesmo tempo, constituía fontes de arruaças, porque os escravos é que exerciam funções agrícolas e mineradoras”. Assim, a bebida ao mesmo tempo em que era ofertada pelo senhor de engenho, o seu consumo era gerenciado para não causar maiores problemas a esse. Acredito que outro elemento, que se pode relacionar com o profano, é o momento do baile, em que as pessoas dançam o forró, em que os corpos se entrelaçam, em que a alegria e a descontração tomam conta do ambiente e das pessoas.

2.3. Festa: Folia de Santos Reis

Ao tratar de festas tradicionais brasileiras, constatei que a Folia de Santos Reis é uma das festas mais antigas, comemorada e festejada em várias localidades e regiões do Brasil. Segundo alguns estudiosos da cultura popular brasileira, a Folia de Santos Reis é comemorada todos os anos, no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro.

No que se refere à origem da Folia de Reis Brandão (1981, p. 23) afirma que

o lugar de origem brasileira das folias de Santos Reis são as comunidades camponesas. Mas entre 24 de dezembro e 6 de janeiro — entre a noite de Natal e a tarde da Epifania — do Estado do Espírito Santo para baixo (e para cima também, em alguns lugares), ternos de foliões circulam na periferia e até mesmo no centro de inúmeras cidades.

Pude observar que a Folia de Santos Reis, além de ser uma festa tipicamente brasileira dos povoados e comunidades camponesas e rurais, também se faz presente em algumas cidades por causa da emigração das pessoas que levam sua cultura e suas tradições.

Brandão (1981, p. 25), em um dos seus estudos, apresenta uma proposta de explicação referente à Folia de Santos Reis e afirma que “é um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas - bens e serviços - entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula”. Esta proposta de explicação, diante da pesquisa de campo na comunidade quilombola Kalunga, é a que melhor corresponde ao que observei na Folia de Santos Reis, que acompanhei e iniciou-se no dia 01 de janeiro de 2013 e finalizou com a festa de arremate no dia 06 de janeiro de 2013. A Folia de Santos Reis, na comunidade Kalunga,

além de ser realizada em espaço camponês, ou seja, na zona rural, é bastante ritualizada, bem como o lugar em que os costumes e as tradições são reafirmados pelos mais velhos com o envolvimento dos mais jovens.

Ouso em afirmar que a Folia de Santos Reis é uma festa tradicional da comunidade quilombola Kalunga, em que o processo ritual consiste na saída dos foliões à noite a fim de realizarem o giro e passarem de casa em casa, e o pouso— momento de descanso— acontece durante o dia, na última casa, já à noite é onde se acolhe a folia e os proprietários oferecem o pouso e o almoço aos foliões. No final da tarde os foliões se reúnem nesta casa, agradecem e seguem para realizarem novamente o giro e visitarem as casas da vizinhança.

Em razão de os processos rituais, que envolvem a Folia de Santos Reis, serem aparentemente idênticos, tratarei, a seguir, de alguns momentos que foram bastante significativos no decorrer das minhas observações:

No dia 04 de janeiro de 2013 cheguei à comunidade por volta das 17 horas e fui com dona Elisa a casa de sua mãe, dona Judite, que tinha recebido a folia na madrugada e aguardava os foliões para fazerem a despedida e, depois, seguirem com o giro da folia. Ao entardecer, aos poucos, os foliões começaram a chegar, montados a cavalo. O primeiro que passou na estrada foi o “dono da folia”, comumente conhecido por “pão”. Fui orientada pela líder da comunidade para conversar com ele a respeito da minha pesquisa e, assim, que ele chegou à casa de dona Judite, fui apresentada a ele por dona Elisa. Falei-lhe dos procedimentos da pesquisa, que eu estava na comunidade havia algum tempo e que gostaria de acompanhá-los. Timidamente ele, respondeu-me com uma afirmativa. Pensei que seria um dos senhores com quem havia conversado anteriormente, mas o Carlos é jovem, igualmente ao alferes e aos outros foliões porque o costume é ser uma pessoa mais velha responsável pela festa.

Assim que todos os foliões chegaram iniciaram-se as despedidas e os agradecimentos aos donos da casa pelo pouso e pelo almoço a eles oferecidos. Neste momento todas as pessoas, que estavam na casa, reuniram-se na sala. O folião, que estava com a caixa, iniciou a toada e, naquele instante, dona Judite trouxe a bandeira, que estava em um dos quartos da casa, e entregou-a a um dos foliões. Este passou-a ao alferes, que, antes de recebê-la, ajoelhou-se e beijou-a. Depois que ele a pegou, foi dado início ao ritual de adoração e veneração à bandeira, que é conduzida à frente da Folia de Reis. Os foliões, em seguida, posicionaram-se, um a um, com seus instrumentos e fizeram gestos de adoração e veneração à

bandeira, logo todos os presentes ajoelham-se e beijam-na, inclusive as crianças. Após este momento os foliões se colocaram em seus lugares, vez que estes têm uma formação própria para se iniciar uma sequência de cantos e músicas de agradecimentos. Brandão (1981, p.20) argumenta que “os foliões cantam uma longa sequência de agradecimentos, nomeando serviços, pessoas e tipos de bênçãos. Depois, faz os pedidos de praxe e responde pelas ofertas recebidas”.

De acordo com as minhas observações, pude constatar que a formação segue a seguinte ordem: os foliões colocam-se um ao lado do outro e, ainda, de forma com que eles fiquem de frente um para o outro. O alferes fica na frente do grupo com a bandeira, depois seguem o folião, que toca a viola caipira, sempre à frente em uma das filas, os foliões com os pandeiros e, por último, o folião que toca a caixa.

Antes de darem início às músicas e aos cantos, todos os foliões fizeram o sinal da cruz e iniciaram-se os agradecimentos aos donos pelo pouso e acolhida naquela casa. O violeiro cantava e os demais foliões respondiam. A música contava a história de Jesus Cristo e relatava a história da folia deste ano. Em um determinado momento eles cantaram:

Já está chegando a hora, já está se despedido
 Despedida, despedida, despedida por este ano, por este ano
 Foi um ano de *doze mês*,
 Santos Reis já vêm girando,
 Santos Reis já vêm girando,
 Santo Reis já vai si embora...
 Despedida, despedida,
 Despedida *regorosa*,
 Despedida *regorosa*

De acordo com a letra da música é possível observar que eles agradecem pela acolhida, pela comida, pelas mãos de quem preparou o alimento, pela família que os acolheu. Eles ressaltam, na música, ora a história de Jesus Cristo, ora a história dos foliões, ora, dos donos da casa.

No final dos agradecimentos eles disseram: “Ajoelha, toda gente, ajoelha, toda gente”, e todas as pessoas, que estavam na casa, ajoelharam-se, e o alferes passou com a bandeira, como se estivesse a abençoar todas aquelas pessoas. Depois o dono da folia pegou a

bandeira e o alferes se ajoelhou e beijou-a. Esse momento também foi cantado pelos foliões, quando eles disseram: “Beija, beija, meu alferes, com atitude e coração”. Depois foi o momento em que o alferes passou com a bandeira sobre os foliões e eles cantaram:

O nosso querido alferes
 Cobri nós com a bandeira
 Cobri nós com a bandeira
 Todo o povo já beijou
 Somos nós os derradeiros
 Com rigor na ocasião
 Se fiz algum desagrado
 De joelho peço perdão
 De joelho peço perdão

Quero que vos me perdoa, com meu joelho no chão

Ao finalizar, eles falaram: Viva Santos Reis! Viva a dona da casa!

Então um dos foliões passou com o pandeiro e recebeu doação das pessoas presentes. Logo após houve um pequeno intervalo, os foliões voltaram à sala e cantaram e dançaram a curreleira.

A curreleira é o momento em que os foliões cantam e dançam ao mesmo tempo. Eles cantaram, trocaram de lugar. O ritmo é acelerado e a movimentação, apressada. O folião, que estava com a caixa não se movimentava, e apenas tocava. Neste momento o alferes não participou e ficou de longe a olhar.

As letras das músicas da curreleira falam sobre o rei, a rainha, os foliões, o imperador, o amor, o casamento e outros, todavia é bem difícil de compreender o que eles cantavam nos versos das músicas porque os sons produzidos pelos instrumentos estavam muito altos:

*“Vem cá, benzinho, que eu vi aqui
 Só pra de ver
 Meu coração chora
 Quero de ver”*

Eles cantaram várias músicas e concluíram-nas com uma grande batucada e saíram da casa com as despedidas. Em seguida alguns tomaram água porque o ar estava muito quente

dentro da casa, outros, aguardente, descansaram por alguns minutos e organizaram-se para irem à casa que ficava ao lado.

É costume, na cultura desta comunidade, que as pessoas da casa estejam dormindo antes de os foliões chegarem. Então, os moradores adentraram a casa e apagaram as luzes para que, depois, os foliões chegassem. As pessoas, que os acompanhavam, ficaram em silêncio para darem início ao ritual.

Os foliões chegaram à porta da casa, o alferes à frente com a bandeira e, então, eles começaram a cantar a seguinte música:

Boa noite, morador

boa noite, morador

Santos Reis tava jantando

Santos Reis tava jantando

E na sua casa chegou

E na sua casa chegou

E na sua casa chegou

Mas na sua casa chegou

Alegremente cantando

[...]

Santos gira de noite

Porque não pode girar de dia

E a noite é muito pequena

Temos muito que girar

E a de longe eu avistei

E a de longe eu avistei

Uma bandeira marchando

Uma bandeira marchando

Eu avistei meu Santos Reis

Eu avistei meu Santos Reis [...]

E sai de dentro desta casa

E sai de dentro desta casa a dona que nela mora

E sai de dentro desta casa a dona que nela mora

E nela mora muitos anos, que nela muitos anos
 Queira dá sua boa esmola
 Queira dá sua boa esmola e queira dá sua boa esmola
 Cercada por seus meninos, cercada por seus meninos [...]

E acordar quem tá dormindo
 E acordar quem tá dormindo
 E levantar quem tá acordado
 E levantar quem tá acordado

E pra vim receber os Reis, como maior grande cuidado
 O senhor dono da casa – abra a porta e acende a luz
 O senhor dono da casa – abra a porta e acende a luz
 E saia fora e venha ver a chegada de Jesus
 E saia fora e venha ver a chegada de Jesus

Porta aberta, luz acesa
 Porta aberta, luz acesa
 Vem de pressa receber
 vem de pressa receber

O sabendo que é Santos Reis
 O sabendo que é Santos Reis

O vem de pressa nos receber (Os donos da casa abrem a porta)
 O Deus de cobre com sua bandeira - deve se ajoelhar
 O ajoelhou de baixo dele
 O joelhou de baixo dele
 Ele veio de abençoar

(Os donos da casa se ajoelham e beijam a bandeira carregada pelo alferes)

O Deus lhe pague sua boa esmola
 Deus lhe pague o ano inteiro
 O Deus lhe pague o ano inteiro
 O Deus lhe de vida e saúde
 O Deus lhe de vida e saúde
 Saúde faz o dinheiro, saúde faz o dinheiro
 E vai os anjos avoando

E vai os anjos avoando
 Cortando o vento nas asas
 Cortando o vento nas asas
 E avoo e foi dizendo, avoo e foi dizendo
 E viva os donos da casa, e viva os donos da casa
 Todo o dia que nós andemos,
 Todo o dia que nós andemos
 E cantemos com a folia em vossa casa.
 Cala a boca e não diga nada
 Cala a boca e não diga nada
 Porque o Senhor da com ela
 (Nesse momento duas mulheres dançam a sussa)
 Abre a porta, quem tá dentro Abre a porta, quem tá dentro
 Abre a porta, quem tá dentro Abre a porta, quem tá dentro
 Eu vou entrar, eu vou entrar, eu vou entrar
 (Nesse momento todos os foliões adentram a casa).

Após todos os foliões terem adentrado a casa, eles começaram a cantar e a dançar a curraleira, que é sempre o momento de maior descontração, dentre os rituais da folia. Os versos cantados possuem uma letra que faz parte do repertório, mas outras letras são improvisadas, o que permitem aos foliões usar da criatividade e do conhecimento local para compor.

A movimentação realizada na curraleira também é improvisada, mas, foi-me possível observar que, apesar de o espaço ser sempre as salas das casas, é um cômodo pouco espaçoso. Os foliões fizeram a movimentação de forma ritmada, passaram uns entre os outros e respeitou-se o espaço em que a dança era realizada, bem como o espaço pessoal de cada folião ali envolvido. Além de passarem uns pelos outros, houve momentos em que eles realizaram um pequeno círculo e depois voltaram para a formação inicial, sempre um ao lado do outro, com o violeiro à frente, e aquele, que tocava a caixa, ficava no fim.

Em relação às vestimentas, os foliões estavam com roupas de uso cotidiano e alguns usavam calça, outros, bermuda, além de camisa, ou camiseta, sapatos, ou tênis, ou

chinelos, chapéu, ou boné. O alferes usava uma vestimenta diferenciada: terno, camisa, chapéu, botinas e uma espécie de estola sobre os ombros.

Os foliões cantaram e dançaram a curraleira por um tempo aproximado de 7 a 10 minutos, o que, quase sempre, acontece. Após terem concluído o momento, eles saíram da casa e alguns tomaram água, refrigerante ou aguardente. O folião, encarregado de fazer o recolhimento das doações ou esmolas, passou a recebê-las, assim como eles cantaram conforme o que consta nos versos das músicas. Essa foi a primeira casa do giro da noite e como havia uma proximidade entre as casas, a proposta foi eles passarem em pelo menos seis casas. A segunda casa que deveria recebê-los seria a de dona Elisa. Ela e as filhas estavam na casa anterior, mas foram antes e eu fui junto e, então, aguardamos a chegada dos foliões. Para recebê-los, as luzes da casa foram apagadas e todos permaneceram em silêncio enquanto esperavam pela chegada dos foliões. Depois de alguns minutos de espera chegaram todos a cavalo e, para facilitar-lhes o deslocamento, eles levavam lanternas acesas, já que a noite estava muito escura. Então, no meio da escuridão, entre os diferentes sons (cigarras, grilos, rãs, sapos...), que caracterizam a paisagem sonora daquele local, os foliões, aos poucos se aproximaram da entrada da casa, desceram dos cavalos e amarraram-nos em árvores próximas. O alferes seguiu o seu ritual de ir à frente enquanto os demais se organizavam para darem continuidade ao giro. Então, eles chegaram à porta da casa e começaram a cantar a música que solicitava ao morador para acender a luz e abrir a porta a fim de que ele os recebesse:

Ô de casa, ô de fora
 O de casa, o de fora
 Boa noite, morador
 Boa noite, morador
 O Santos Reis na sua casa chegou
 Na sua casa chegou e na sua casa
 E na sua casa chegou, e na sua casa chegou
 Alegremente cantando, alegremente cantando
 [...]
 No liviar do novo ano, liviar o novo ano
 Liviar do novo ano, liviar do novo ano
 Santos Reis quem tá dizendo

Santos Reis quem tá dizendo

Ele chegou em sua casa

Ele chegou em sua casa

Na sua porta e foi dizendo

Na sua porta e foi dizendo

[...]

E acordar dona da casa, e acordar dona da casa

[...]

No momento da sussa dona Elisa e a filha dançaram. Os foliões entraram na casa, alguns beberam água e outros, aguardente. Nessa noite os foliões ingeriram bastante a bebida alcoolizada. Eles cantaram e dançaram a curreleira. Depois conversaram a respeito das casas em que irão passar. Uma das casas visitadas, naquela noite, foi a do sr. Jonas, um dos antigos foliões da comunidade. E, desta forma, os foliões seguiram noite adentro e passaram de casa em casa realizavam um ritual idêntico. O pouso ou agasalho aconteceu na casa do sr. João.

A respeito das músicas e cantorias Brandão (1981, p.27) argumenta:

Os foliões não cantam nunca para si próprios. A todo o momento eles contracenam com os moradores e os promesseiros presentes, eles também são personagens de um mesmo ritual. Todas as cantorias de uma quase interminável sequência que atravessa os 7 dias são dirigidas a pessoas de fora da Folia, mas situadas dentro da cerimônia religiosa.

Ao observar os processos rituais na Folia de Santos Reis, fica evidente que a música e os cantos são os principais elementos que orientam a sequência ritual da folia, uma vez que é, por meio deles, que os atores sociais veem suas histórias de vidas serem contadas e descritas ano após ano.

Cabe ressaltar que o meu objetivo consiste em trazer as ações e as práticas apresentadas e representadas, no decorrer da Folia de Santos Reis e na Folia São Sebastião. Meu intuito não é analisar as músicas, mas, entendê-las dentro do processo ritual. Assim, penso que se fazem importantes as considerações de Pinto (2001) a respeito da música, que se compreende como uma forma de comunicação, que possui seus códigos. “Música é manifestação de crenças, de identidade, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural” Pinto (2001, p. 223). Nesta pesquisa

é, exatamente, isso que busquei: entendê-la como uma manifestação das crenças, no interior da comunidade Kalunga, um elo de identificação de seus costumes e sua cultura.

No dia 05 de janeiro de 2013, a Folia de Santos Reis iniciou com a despedida e os agradecimentos pelo pouso e agasalho na casa do sr. João – local em que a folia chegou à noite. Como ele não tem esposa, as mulheres da vizinhança reuniram-se e fizeram o almoço. Ao entardecer, os foliões, aos poucos, reuniram-se para se despedirem da casa do sr. João. Nesse dia os foliões iniciaram o ritual mais tarde, por volta das 20 horas e 40 minutos.

Um fato que devo ressaltar é que, neste dia, o sr. Jonas, um dos antigos foliões da comunidade, estava presente e, a meu ver, a folia ganhou um ar de maior seriedade. Ele assumiu a viola caipira e o comando das músicas, no entanto, por causa da voz já rouca, foi difícil compreendê-las.

Quando todos os foliões já estavam na casa de sr. João, deu-se início ao ritual de despedida pela acolhida e pelo agasalho. Ele foi ao quarto, pegou a bandeira, trouxe-a para a sala e entregou-a ao alferes e eles cantaram a música de agradecimento. Após este ritual, cantaram e dançaram a curraleira.

Depois que todos já estavam montados em seus cavalos, o alferes, com a bandeira na mão, fez uma espécie de bênção sobre a casa, balançando a bandeira de um lado para o outro e seguiram para a próxima casa.

Após realizarem todos os rituais de despedida, os foliões seguiram para a casa seguinte, que ficava em frente da casa de um casal - estes possuem um pequeno bar, em que se vendem bebidas alcoólicas, refrigerantes, cigarros, balas e doces, neste local também há uma mesa de sinuca.

Como manda o ritual, as luzes foram apagadas, os donos da casa fecharam as portas e ficaram a aguardar. Como, neste dia, havia várias pessoas, todos ficaram na pequena área do bar à espera dos foliões, porém a chegada foi um pouco demorada.

Enquanto os foliões amarravam seus cavalos próximos a casa e pegavam seus instrumentos musicais, o alferes, com a bandeira, seguiu na frente. Os demais se posicionaram e começaram a cantar a música da chegada de Santos Reis à casa dos moradores. Tal música possui uma temática específica que apresenta variações de acordo com o contexto, o que caracterizou que era uma improvisação.

Após os moradores acederem a luz e abrirem a porta para receberem os foliões – esses se ajoelharam, beijaram a bandeira e algumas mulheres dançaram a sussa. A dona da

casa levou a bandeira para dentro da casa e os foliões cantaram e dançaram a curraleira, diferentemente das demais casas, os foliões ficaram na área. O bar foi aberto e alguns compraram e beberam cerveja.

Nesta casa, no jantar, primeiramente os foliões se serviram, depois toda a comunidade que estava presente. Foi servida uma galinhada. Após o jantar foi cantado o bendito da mesa, outro ritual realizado pelos foliões.

O momento do jantar é sempre bem organizado por quem o oferece, primeiro a dona da casa e o servente da mesa cobriram a mesa de sinuca com duas toalhas de mesa. Duas jovens ajudaram-na a trazer os pratos, colheres e garfos e também foram colocados na mesa alguns litros de refrigerantes e copos descartáveis. À medida que a comida ficava pouca, o servente da mesa colocava mais. Após o jantar os foliões se reuniram em torno da mesa e cantaram o bendito da mesa. Antes foram recolhidos todos os pratos, talheres e copos da mesa e foi deixado no centro apenas um garfo sobre uma colher em forma de um x e na cabeceira um copo com água. Então os foliões pegaram seus instrumentos e começaram a cantar e a tocar o bendito da mesa, o alferes segurava a bandeira e balançava-a levemente.

A música do bendito da mesa tem a seguinte letra:

[...] Eu rezo ao dono da casa, eu rezo ao dono da casa
 E tudo que serviu na mesa, e tudo o que serviu na mesa
 E agora vamos rezar, e agora vamos rezar
 Bendito louvando seja, bendito louvando seja
 Bendita louvado seja, bendita louvado seja são palavras de prestígio
 E na cabeceira da mesa, e na cabeceira da mesa
 Nós vamos rezar o bendito e vamos rezar o bendito
 E vamos rezar o bendito e vamos rezar o bendito
 E com nossa família inteira e com nossa família inteira
 E lá no céu Deus recompensa, e lá no céu Deus recompensa
 Com os santos e a padroeira, com os santos e a padroeira
 E lá no céu desceu três velas, e lá no céu desceu três velas
 Toda ela desceu acessa e com elas desceu acessa
 E com ela desceu três anjos, e com ela desceu três anjos
 Agradecendo a nossa mesa, agradecendo a vossa mesa

E desses anjos que vinheram, e desses anjos que vinheram

De aleluia e de alegria, de aleluia e de alegria

E canto ao redor da mesa e canto ao redor da mesa

[...]

E na cabeceira da mesa, e na cabeceira da mesa

Que nosso pai representou, que nosso pai representou

Mas ao redor do Pai Eterno e ao redor do Pai Eterno

Mas ao redor do pai eterno, agradecendo este senhor

Agradecendo este senhor

E obrigado pelo o almoço e obrigado pelo almoço

E dele vós alembremos, e dele vós alembremos

[...]

E abençoada seja a mão, e abençoada seja a mão

Que essa janta preparou, que essa janta preparou

[...]

E Deus lhe salve essa mesa, e Deus lhe salve essa mesa

E quem vos deu esse dia, e quem vos deu esse dia

O meu Sr. o Santos Reis, o meu Sr. o Santos Reis

É nosso pai quem dizia, é o nosso pai quem dizia

E Deus lhe salve essa mesa, e Deus lhe salve essa mesa

Coberta com esse véu, coberta com esse véu

Santos Reis da resguardado, Santos Reis da resguardado

E leva essa mesa pro céu, o leva essa mesa pro céu e leva essa mesa pro céu

Em nome de José e Maria, em nome de José e Maria

E a foi sua delicadeza, e a sua delicadeza

E a com sua nobre família e a sua com nobre família

Na cabeceira da mesa e na cabeceira da mesa

E tem um jarro e uma colher, e tem um jarro e uma colher

E desta criação do mundo, e desta da criação do mundo

E fez o homem e a mulher, e fez o homem e uma mulher

E fez o homem e a mulher, e fez o homem e uma mulher

E sua nobre geração

[...]

E o senhor dono da despesa, o senhor dono da despesa

E sua ocasião chegou, e sua ocasião chegou

E fica logo retratado, e fica logo retratado

Em nome do divino amor, em nome do divino amor

E faça a benção meu Alferes, e faça a benção meu Alferes

[...]

E tornar a fazer meu Alferes, e tornar a fazer meu Alferes

E faça uma benção geral, e faça uma benção geral

E um agradecer a mesa, e um agradecer a mesa

[...]

O meu Senhor o Santo Reis, o meu Senhor o Santo Reis

Ele por nós deve falar, ele por nós deve falar

E sua mesa agradecida, e sua mesa agradecida

E vem o santo avisar, e vem o santo avisar

Agradecida e bençoada, agradecida e bençoada

E agora vamos louvar, e agora vamos louvar

E vos ofereço esse bendito, e vos ofereço esse bendito

Por essa nossa atividade

O meu Senhor o Santo Reis, o meu Senhor o Santo Reis

[...]

E o Pai e o Filho e o Espírito Santo, E o Pai e o Filho e o Espírito Santo.

Ao final do bendito da mesa disseram:

Viva o Santo Reis! Viva

Viva o Dono da casa! Viva

Viva nosso encarregado! Viva

O bendito da mesa retrata uma série de pessoas que são atores ligados à folia, como o alferes, o servente da mesa, as mulheres que prepararam o alimento e os foliões.

Após o bendito eles tocaram batucada e cantaram:

Barriga cheia ioiô, barriga cheia iaiá.

[...] (Nesse momento eles caminharam ao redor da mesa).

Em um determinado momento as mulheres começaram a dançar a sussa e alguns foliões também e a brincadeira ficou animada. Ao finalizar este momento, os foliões montaram em seus cavalos e seguiram para a próxima casa, dentre as demais pessoas, que acompanharam a folia, a maioria foi a pé e algumas seguiram de carro.

A casa seguinte foi a da líder da comunidade e seguiu-se o ritual idêntico aos demais. As luzes da casa estavam todas apagadas e havia muito silêncio, como se todos estivessem dormindo. Então os foliões aproximaram-se, amarraram seus cavalos na cerca e pegaram seus instrumentos e iniciaram a música de chegada.

Júlia acendeu as luzes e abriu a porta. Ela, a filha e uma senhora beijaram a bandeira, fizeram reverência e os foliões continuaram a cantar. Em certo momento Júlia e uma das filhas de dona Francisca dançaram a sussa. Então elas e os foliões entraram na casa e esses cantaram e dançaram a curraleira por algum tempo.

Assim, é importante ressaltar que entre um ritual e outro, a relevância dos símbolos é marcante na Folia de Santos Reis e a casa torna-se um ponto constante da realização do processo ritual, em que os símbolos ganham materialidade. Como Bitter sugere:

Noto que o interior da casa é o lugar da realização de boa parte das ações da folia, quando em visita. É neste espaço que ocorrem as trocas cerimoniais, a bandeira é recebida, cantam-se as profecias, fazem-se ofertas, despedidas e agradecimentos. A casa é também alvo privilegiado dos efeitos rituais da folia e da bandeira, através da qual ela é, por assim dizer, sacralizada e abençoada (BITTER, 2008, p. 33).

É interessante notar como a bandeira é um símbolo de relevância e sacralidade, seja na Folia de Santos Reis ou na Folia de São Sebastião. Além de ser um objeto simbólico, carrega algo de místico ao ser venerada, ao guiar a folia e ao abençoar os devotos, os foliões e a casa. Após cantarem os foliões, saíram da casa, enquanto isso, Júlia e a filha prepararam a mesa com bolos, biscoitos, tapioca e refrigerantes. Após a mesa estar pronta, ela convidou a todos para o lanche. Neste momento um fato chamou-me a atenção: o alferes foi à mesa com o chapéu na cabeça, cuja atenção foi, seriamente, recriminada pelos demais foliões. Tal fato, para eles, é sinônimo de desrespeito, e ele, na posição que ocupa, jamais poderia ter lhes dado esse mau exemplo.

Por se tratar de um costume da comunidade, na casa da liderança, pelos comentários do dia anterior, é a casa dos bolos e biscoitos – nada de bebida alcoólica. Após

beberem e comerem, os foliões seguiram para a casa de Inácio, irmão de Júlia, e o ritual também foi idêntico aos outros, contudo, diferentemente, das demais casas, a esposa e as filhas não quiseram dançar a sussa. Percebi que a mãe falou com as filhas e Inácio também, mas elas não dançaram. Essa foi a penúltima casa da noite que recebeu os foliões. A última casa foi próximo onde seria a festa de arremate da folia, a casa da mãe do dono na folia, local em que aconteceria a grande festa.

Diante dessa multiplicidade de acontecimentos, pode-se dizer que a folia de Santos Reis, para a comunidade Kalunga, é uma festa que possui uma série de significados, como também uma diversidade de símbolos. Brandão (1981, p. 27) contribui com essas discussões ao descrever que

de casa em casa, desde a da "saída" até a da "entrega", os foliões são - e se reconhecem ser - apenas a fração mais móvel e criativa de um acontecimento religioso amplo, demorado e complexo. É neste sentido que eu entendo a Folia de Reis como a reconstrução simbólica de um espaço camponês para usos comunitários de um ritual religioso produzido por situações de diálogo e contrato entre um grupo móvel de foliões e grupos fixos de moradores rurais.

Assim como Brandão, após as várias visitas in loco para observar a Folia de São Sebastião e a Folia de Santos Reis, concordo plenamente com essa descrição, já que as folias, em sua totalidade, são festas religiosas, com uma diversidade de rituais complexos e demorados, em que, por meio das reconstruções simbólicas, são produzidos diálogos, revividas histórias e revigoradas as tradições.

Outra questão apontada por Brandão, que se faz importante ressaltar, refere-se à questão da representação do espaço simbólico da jornada dos Santos Reis, que é um dos principais motivos do acontecimento da folia. A esse respeito o autor argumenta e enfatiza que

ao constituir o espaço simbólico da jornada dos Reis, a Folia transporta para dentro dele, com nomes e proclamações de bênçãos: as pessoas, os animais, os objetos e as trocas do próprio mundo camponês. Assim, os mesmos homens do trabalho agrário cotidiano aparecem por sete dias revestidos de cumplicidade com os mitos populares de uma história sagrada que todos conhecem por ali. Na medida em que realizam a jornada e cantam de casa em casa, eles reconstituem tanto esta história, quanto os gestos e as palavras de suas pequenas histórias, tal como acreditam que tenham acontecido e tal como supõem que reproduzem, com uma fidelidade que se perde aos poucos, mas que ainda é legítima, sem dúvida alguma. Tudo o que fazem é recontar, nos versos e no que eles comandam, a jornada da busca de um Deus nascido pobre, por Três Reis Magos, entre trocas de ofertas de dons e contradons. Os Magos procuram o Menino Deus para "a adorar" e para "ofertar" ouro, incenso e mirra. (BRANDÃO, 1981, p. 29).

É interessante notar, neste argumento, que os acontecimentos observados em campo, de fato, perpassaram por esta representação da história do nascimento de Jesus e a busca dos magos para presentear o Menino, que a todo o momento se cruzava com as diferentes histórias de vida dos atores sociais da comunidade. Isto fica visível nos versos improvisados dos foliões ao chegarem a cada casa, buscando trazer a história pessoal de cada morador.

No decorrer das minhas descrições etnográficas e observações, fiquei apreensiva porque alguns fatos e situações se repetiam, constantemente, no giro da folia, nas passagens dos foliões, de casa em casa, nas cantorias das músicas, entretanto Bitter (2008, p. 48) afirma:

[...] De tempos em tempos repetem-se as visitas, os cantos, os agradecimentos, as festas, de tal modo que o fim de um ciclo de jornadas é apenas o marco inicial de um novo ciclo que se dará no ano seguinte, e assim por diante. Essas repetições servem também para marcar o tempo de um modo singular. Não se trata de um tempo cronológico, irreversível, mas um tempo medido por durações, reversível e recuperável a cada ano. As repetições visam, assim, a reiterar, reafirmar laços de solidariedade e de conexão com os Magos. Visam, sobretudo, a confirmar sua presença periódica entre os homens. Evidentemente, a repetição não implica em que todas as jornadas e visitas sejam idênticas. Repetir não é fazer igual, é fazer novamente e sempre de modo diferente. O conjunto de visitas inscritas nas jornadas envolve situações das diversas, circunstâncias imprevistas, adversidades com as quais foliões precisam saber lidar.

De fato as repetições são como auto-afirmações e, por se tratarem de um processo ritual, são inevitáveis e necessárias, uma vez que se tornam como ponto referencial de um ciclo de chegadas e partidas. Por mais que se repitam, elas nunca são totalmente iguais porque, ao se tratarem das relações sociais, imprevistos e acasos são sempre possíveis.

Um fato a ser considerado na Folia de Santos Reis, assim como foi apontado na Folia de São Sebastião, é o excesso de bebida alcoólica que foi ingerida. É uma situação curiosa: a bebida é ofertada, em muitas casas, a eles. Segundo Bitter, “[...] o problema do excesso de bebida é que, assim como alguns outros aspectos, ele gera vulnerabilidade, colocando, afinal, o precário equilíbrio da relação entre foliões e devotos sob ameaça” (2008, p. 45-46).

Tal situação gera, muitas vezes, discussões e mal-entendidos entre os foliões e as pessoas, o que coloca em risco as visitas às casas. Discussões ocorridas, em momento de embriaguez no decorrer da festa, favorecem desafetos e intrigas que comprometem as relações no dia-a-dia da comunidade. Com relação ao fato de a embriaguez ser constante nas folias,

Brandão (1981) também relata casos de bebedeiras nessas, o que deixa o mestre da folia irritado.

Brandão bem afirma:

A Folia de Reis é um exemplo privilegiado da complexidade de símbolos e de práticas do catolicismo popular. Ela constitui, durante o período festivo do Natal, um tempo e um espaço de trocas cerimoniais que, na verdade, apenas atualizam ritualmente as situações tradicionais de prestações e contraprestações de bens e de serviços entre parceiros camponeses (1981, p. 36).

Faz-se importante ressaltar que a Folia de Santos Reis é um ritual que marca e demarca suas ações no tempo e no espaço na comunidade. No tempo, por ser uma festa da tradição do catolicismo popular, presente no calendário, uma grande celebração até para os não católicos. No espaço, por possuir uma trajetória previamente planejada pelo mestre/dono da folia, que, ao percorrer a casa de cada morador, não pode nunca a folia passar ou voltar por um mesmo lugar.

Neste sentido, verifiquei que são os processos rituais, presentes na Folia de São Sebastião e na Folia de Santos Reis, o principal elemento, que direciona as ações sociais no decorrer destas festas, assim como Turner (2005, p. 61) sugere:

No contexto da ação ritual, com sua excitação social e estímulos diretamente fisiológicos, tais como a música, o canto, a dança, o álcool, o incenso e modos bizarros de traja-se, o símbolo ritual, poderíamos talvez dizer, efetua um intercâmbio de qualidades entre os seus pólos de significação. Normas e valores, de um lado, saturam-se de emoção, ao passo que as emoções básicas e grosseiras se enobrecem pelo contato com os valores sociais.

Assim, acredito que as ações rituais formam um grupo de expressões simbólicas e significativas que representam a subjetividade da comunidade, bem como suas experiências, que são demarcadas pela tradição e pela memória coletiva. Cada gesto, como: beijar a bandeira, ajoelhar-se, dançar a sussa, fazer uma processa ao santo, além de se caracterizarem como práticas corporais, também carregam sentimentos, lembranças e emoções de tempos passados, que são retomados a cada ritual realizado e revivido pela comunidade.

2.3. Galerias de imagens da Folia de Santos Reis

Como acompanhei a Folia de Santos Reis por alguns dias, procurarei expor, a seguir, algumas imagens fotografadas no decorrer do processo ritual, que representem a importância da festa para a comunidade, bem como a fé e a devoção desta.



Imagem n. 21: Alferes abençoando os foliões com a bandeira da Folia de Santos Reis
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 22: Foliões beijando a bandeira
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013



Imagem n. 23: Foliões adorando a bandeira da Folia de Santos Reis
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 24: Alferes conduzido a Folia
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 25: Foliões cantando para serem recebidos por moradores
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 26: Moradores recebem a Folia de Santos Reis
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 27: Moradores com sua família
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 28: Chegada dos foliões em mais uma noite de folia
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 29: Entrada dos Foliões na casa dos moradores
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 30: Donos da casa recebendo os foliões
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 31: Dona da casa com os filhos e netos recebendo os foliões
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 32: Mesa preparada com as refeições para o jantar
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 33: Objetos simbólicos de agradecimento
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 34: Foliões cantando o bendito da mesa em homenagem aos Santos Reis
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 35:Mulheres dançando a sussa
Auria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 36: Batucada após o jantar em que todos dançaram
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 37: Mulheres dançando a sussa no giro da Folia de Santos Reis
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 38: Lanche para ofertar aos foliões e à comunidade
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 39: Altar para receber a Folia de Santos Reis
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 40: Alferes abençoado a casa da moradora
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 41: Foliões chegando a última casa na noite do último dia do giro da folia
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.



Imagem n. 41: Animais que levam os foliões a casa dos devotos
Autoria: Rosirene Campêlo dos Santos. Janeiro, 2013.

Capítulo III

As danças na comunidade Kalunga

Assim é a dança: uma produção social efêmera, um patrimônio cultural imaterial. Está presente nas mais variadas sociedades, em diferentes formas e expressões. A dança é uma manifestação artística, criação de indivíduos, representação de um povo. Dança é arte e, como toda forma de arte, parte da expressão individual e gera a memória coletiva de um povo.

Strazzacappa (2007, p.16)

3.1. Dança, corpo e festejos Kalunga

Neste capítulo busco identificar e entender o significado e as representações da dança para a comunidade no processo ritual das festas e festejos Kalunga. Para isso, foram realizadas observações e entrevistas com alguns atores sociais da comunidade, os quais, entre um diálogo e outro, foram apontando suas principais danças, bem como a importância e o sentido desta prática corporal para sua cultura. Para tanto, elegeu-se registrar os processos rituais presentes no decorrer das principais festas da comunidade Kalunga, por meio dos recursos etnográficos, a fim de se apropriarem dos significados expressos nas práticas corporais.

Em princípio os diálogos aconteceram com os atores sociais com quem já mantinha contato, de uma maneira informal e descontraída. Tive mais facilidade em realizar os diálogos com as mulheres e com as pessoas mais velhas, e tais diálogos foram fundamentais para eu entender aquela cultura. Com Cardoso de Oliveira (1998, p.24) ressalta: “um diálogo entre ‘iguais’, sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso”. Assim, aconteceram os diálogos com os atores sociais da comunidade Kalunga, em que cada conversa foi acontecendo, espontaneamente, com a simplicidade no falar, em contar-me as histórias de vida, em trazer-me as lembranças e memórias.

Os jovens, especialmente os do gênero masculino, mostraram-se bem tímidos, outros se recusaram e outros conversaram de forma tranquila. Esses diálogos aconteceram no

mês de julho de 2012, quando fui à comunidade para conhecer a rotina, fora dos momentos festivos, para conversar e entender um pouco os costumes desse povo.

A respeito dos diálogos, que aconteceram por meio das entrevistas, alguns fatos foram apenas confirmados pelos agentes sociais, bem como por outros pesquisadores. Outros foram, por mim, melhor compreendidos, notadamente, no que se referem aos lugares da dança no decorrer dos processos rituais, que acontecem nas festas de São Sebastião e de Santos Reis.

Ao observar os processos rituais dessas festas pude compreender os lugares da dança na comunidade, que, diferentes de outras pesquisas, apenas apontam que a sussa² e o forró fazem parte da tradição do povo Kalunga.

Assim, os diálogos realizados com os atores sociais possibilitaram-me elucidar, com detalhes, o contexto das festas e das danças da comunidade Kalunga e também como dar voz aos atores sociais. Desta maneira, elaborei um roteiro de entrevista semiestruturado, com questões norteadoras, mediante o qual, busquei o diálogo com os atores sociais, além de instigá-los a pensar sobre os costumes de sua comunidade, os festejos, as danças, os fatos da infância, bem como outras questões, que surgiram no decorrer da entrevista.

3.2. Vozes Kalunga: As festas e as danças na perspectiva dos atores sociais

Mediante as riquezas de detalhes nas falas e nos depoimentos apresentados nos diálogos, busquei, primeiramente, identificar, nas vozes dos atores sociais, quais eram suas principais festas e danças. Com referência a esta questão, a maioria afirmou:

As festas aqui são as seguinte, tem a de São Sebastião bem ali, tem a de Santos Reis bem ali, e todas elas sempre... aí já é eu que tenho que encarar a boca da viola e entregar lá (Jonas, 68 anos).

As festas aqui tá acabando menina, tem as festa de Nossa Senhora Aparecida e a festa de... e a de aparecida tá rezando lá no ribeirão lá embaixo. E São Sebastião e Santos Reis (Francisca, 58 anos).

Aqui é a de Santos Reis e de São Sebastião. E a de Nossa Senhora Aparecida, também tinha (Marta 21 anos).

As festas mesmo é só a de Santos Reis, São Sebastião (Susi, 24 anos).

Aqui nossa aqui tem pouca festa, tem a de São Sebastião e tem a de Santos Reis aqui dentro, né. Agora que vem dos outro lugar tem a do Divino, tem da Senhora

² Segundo Silva Jr. (2008), há uma variação linguística para o termo: suçã, sussia, sussa. Aqui, nesta dissertação, utilizarei o termo sussa para me referir à dança da comunidade quilombola Kalunga.

Aparecida. Senhora da Aparecida aqui também tinha mas agora parou, e o povo, como as coisa foi mudando tudo foi abandonando, né? E quase num ta tendo folia (Pedro, 70 anos).

De Santos Reis que é a legitima aqui! Agora esse ano... aqui tinha a do Divino, eu soltei dois anos, aí o moço ali ficou encarregado a muié dele deu problema de vista, aí vai soltar no outo ano, bem aqui também. No oto ano no dia 1º de maio ela sai aqui! (Jonas, 68 anos).

Conforme percebi nas falas e, com base nos registros das observações apresentadas no diário de campo e discutidas no capítulo anterior, as festas tradicionais da comunidade Kalunga, reconhecidas e identificadas por todos, são as relacionadas à Folia de São Sebastião e à Folia de Santos Reis. Tais festas estão interligadas ao catolicismo popular, em que seus devotos e participantes homenageiam um determinado santo.

Os diálogos transcritos acima também fazem um alerta, como notei na fala de dona Francisca: “*as festas aqui tá acabando*”, o que sugere que alguns costumes são abandonados e perdem-se no tempo.

O relato do sr. Pedro foi bem interessante porque enfatizou que o povo abandona as festas por causa da influência, na comunidade, de outra religião. No decorrer do diálogo ele mostrou-se preocupado e indignado com as mudanças que acontecem e afirmou:

Esse negocio de crente apareceu agora, de uns dois anos pra cá. Dentro da comunidade não tinha não. Eh de dois anos pra cá que tá aparecendo essa coisa aqui dentro. E nos somos contra esses tipos de coisa. Todo mundo gosta da festa. Todo mundo é católico. Ia na igreja católica. Eu nasci, rezava terço e quem num sabia, num rezava mas era a católico a mesma coisa né? E agora com essa mudança de tempo, que apareceu essas bestajada no mundo, entrou esses mentiroso aqui no meio da comunidade e roubou, e já roubou um monte de gente e infiou lá dentro dessas porqueira de crente. E eu to contra esses tipo de coisa! Num to gostando de jeito nenhum. E eu sou... é... conselheiro da a associação Kalunga e eu tó no pé desse treim. E quero ver se nois conserta esse treim, pra acabar essa coisa, porque nois vamos tacar um processo dentro desse treim pra esses vagabundo num vim aqui mais (Pedro, 70 anos).

Conforme o sr. Pedro, a influência da religião protestante, traduzida em sua fala por meio do termo “crentes”, demonstra que há pessoas, que não comungam os princípios da Igreja Católica Apostólica Romana na região, como consequência acontece a não participação de alguns indivíduos da comunidade nas festas religiosas Kalunga, que podem ser definidas como “tradicionais”. Com isso, geram-se conflitos e desconfortos, como por exemplo, quando os foliões chegam às casas dos “crentes” e estes não recebem os Santos Reis – para eles, é

visto como uma desfeita, um descaso, um desrespeito ao sentido de sagrado. Nesta direção, Durkheim descreve:

As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem da mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas [...] (2003, p. 28).

Talvez o motivo da indignação do sr. Pedro esteja relacionado ao fato de que, ao não praticarem os preceitos da religião católica, essas pessoas se distanciam das práticas comuns e tradicionais da comunidade. A crença comum, de certa maneira, mantém os indivíduos unidos em torno de objetivos a serem alcançados por todos.

A respeito do surgimento das festas na comunidade, especificamente a Folia de Santos Reis, observei que esta sempre esteve presente como dona Francisca recorda:

Uai essa procissão das festas de Santos Reis, quando eu me intidi por gente já vi o povo fazer, já tinha. Daí via eles formar a festa, aí vai... dia de ano é que a folia reuni e sai, agora sai só de noite, de dia tá pousado nas casas como faz por aqui. A gente faz dá o almoço. Tudo (Francisca, 58 anos).

A fala, transcrita acima, é bem significativa porque me possibilitou compreender a dinâmica da Folia de Santos Reis. A pessoa, com quem mantive o diálogo, com uma maneira simples, apresentou-me como a folia acontece, inclusive comentou a respeito das mudanças da folia, que, em princípio, os foliões saíam durante o dia e pousavam à noite, e, agora, eles giram à noite e pousam durante o dia. O pouso é o momento do descanso, a bandeira e os instrumentos ficam, cuidadosamente, guardados na casa, na qual os moradores receberam e ofereceram pouso aos foliões, além de eles ali repousarem fazem suas refeições.

A fala da jovem Marta é bastante esclarecedora ao reportar às festas da comunidade. Ela assegura:

Tem muitas festas aqui como: o arremate de folia, a saída, a chegada de folia, o arremate. O poso de folia também, sempre a gente ia, quando acontecia que mãe deixava nós ia (Marta, 21 anos).

As colocações da jovem remetem que as folias, na comunidade Kalunga, são as festas verdadeiramente legitimadas, pelas pessoas mais velhas assim como pelos mais jovens. Isso fica claro, conforme os registros de observação, quando eu acompanhei a folia, que havia

interesse dos meninos em quererem tocar os instrumentos, em acompanhar os foliões, observar cada gesto, ouvir atentamente as músicas, em se comportar, respeitosamente, diante dos símbolos, ainda que não compreendessem bem seu sentido no decorrer do processo ritual.

Quando fiz referência às festas, como o carnaval, junina e Natal, a maioria dos atores sociais afirmou que não se comemoravam estas festas na comunidade:

Então o natal de nois aqui é muito é ruim. É trabalhando. Uns passa trabaçando, outros passa aí...é tem vez que a gente passa aí que nem comida a gente não tem, pra comer no natal, então por isso que eu não gosto de passa... não gosto de lembranças passada não.. é ruim! (Elisa, 41anos).

Não, Natal as vezes a gente só faz aqui mesmo assim, mas só o povim da gente aqui mesmo da comunidade, tem um forrozim que a gente poe aí e o povo dança, e uma cerverginha rolando (risos) ta bom! Reuni os parentes (Susi, 24 anos).

É Carnaval aqui pra nós aqui não tem, sempre que tem Carnaval é na Teresina, Carnaval, é na cidade né? Agora dentro da comunidade não tem Carnaval. O povo faz festinha de cá, é Sussa, é o dia que o povo quer formar um aniversário o povo vai e reuni lá, faz uma dança, éh essas coisas assim (Pedro, 70 anos).

Não, natal, é de poucos anos pra cá que algumas pessoas comemora assim o natal, mas, mais era rezar mesmo, o costume mais era rezar no dia do Menino Deus. Que ela falava menino deus e rezava. Mas festar assim, festejo assim num tinha não. É de poucos anos pra cá que muitos faz festa, e danças aí (Julia, 46 anos).

Como foram realçadas nas falas, essas comemorações não fazem parte dos festejos Kalunga. Tais festas, para alguns, não trazem boas lembranças. O Natal, por exemplo, é uma data comum e eles passam o dia na lavoura, para outros é um dia de reunião da família e de fazer uma oração. Em relação às festas juninas, todos relataram que se comemoram na cidade de Teresina de Goiás. Apenas dona Júlia e dona Francisca lembraram que suas famílias tinham o costume de fazer a fogueira em homenagem a São João.

De São João, a festa junina nós num tem ela assim, é fazer quadrilha, mas a gente tem, minha vó sempre acendia fogueira na noite de, do dia 23 pro dia 24. Acendia uma fogueira e rezava ao redor da fogueira e a gente assava batata, mandioca e a gente comia as comida na beira da fogueira. No dia 23 de noite (Julia, 46 anos).

Sempre a gente vai em Teresina, Santo Antônio ou Vão de Alma por de trás dessa serra, mas aqui mesmo não tem! Não faz a festa de São João não. La alguma vez a gente faz a fogueira (Francisca, 58 anos).

Outra questão, que subsidiou os diálogos, refere-se às danças, que são tipicamente identificadas e representam a comunidade Kalunga. Os interlocutores disseram:

As dança daqui é assim, as dança é sussa é o forró, que o povo sempre tem, é a... toca uma sanfoninha toca um violão, e o povo dança. Hoje tem esses som e o povo

dança também, né. E o povo gosta, né. E tem as festas de reza. Ave Maria que sempre tem, que é de antigamente e até hoje. E o povo gosta! Só que agora tá ficando um treim assim meio muzungado que dentro da comunidade entrou uns crente e virou a cabeça de muita gente aí, e tá sendo crente também e já tá dismantelando. Já tá desunindo o povo! Mas o que o povo sabe fazer é dançar a sussa, é girar uma folia, cantar uma alvorada que até isso tá acabando (Pedro, 70 anos).

É a sussa. Pra mim é uma dança que já as pessoas mais velha dançava e que foi passando de geração em geração aí, nois tivemos a oportunidade de conhecer essa dança (Luísa, 17 anos).

É a sussa, tem a valsa também (Miguel, 18 anos).

O que eu acho mais bonita é a Sussa (Marta, 21 anos).

Sussa mesmo, e forró só! (Luís, 17 anos).

A dança a sussa e tem a curraleira, que é da folia. Assim tem a catira que é a mesma forma da curraleira. Uai representa alegria, e o... como diz representa nossa comunidade, alegria e nossa comunidade! (Júlia, 46 anos).

De maneira geral, os diálogos apresentaram certa coerência, uma vez que todos os atores sociais afirmaram que as danças, que representam sua comunidade, são a sussa e o forró. No caso da Comunidade Kalunga, posso afirmar, de acordo com as entrevistas e as observações, que a dança sussa é uma manifestação cultural que compõe o conjunto das tradições e tem traços identificadores para a comunidade. Aqui, ainda, arrisco-me a dizer que a sussa traz algumas peculiaridades e expressão de matriz africana. Isso acontece porque apresenta códigos de movimentos associados e seus participantes, em sua maioria, são negros, em que se verifica a conservação da tradição nos processos rituais que são mantidos na comunidade. Neste sentido, arrisco-me a dizer que o fato de as tradições culturais serem mantidas na comunidade, advindas do catolicismo popular, são fruto de um sincretismo religioso, e tal fato não é aceito na prática religiosa protestante.

Um dado interessante a ser colocado é que não se dança a sussa por várias horas seguidas e este fato frustra alguns pesquisadores. Ao contrário do que se espera, a sussa só acontece em determinados momentos do processo ritual. Nas folias, que acompanhei, posso afirmar que ela aconteceu de maneira sublime, quase de maneira imperceptível, ao olhar desatento de um visitante alheio a tal manifestação.

Consegui observar a dança da sussa em dois momentos: em princípio, na Festa de São Sebastião, aos pés do mastro, logo que este foi levantando. No segundo momento, na Folia de Santos Reis, logo após a chegada dos foliões em frente à porta da casa, em que as

mulheres da casa e algumas, que acompanhavam a folia, dançam e logo em seguida seguem passagem para que os foliões, também adentrem.

Baiocchi (2006:45) enfatiza:

A “suça”, dizem, é uma dança de “pagar promessa”, sagrada! Só é tocada ali, nos momentos certos. Na subida ou descida do mastro, ou quando “chega a hora do pagamento” de alguma promessa que alguém tenha feito para o Santo. Às vezes, os homens participam, mas, em geral, a “suça” é dançada pelas mulheres. Num ritmo alucinante de batuque, elas rodopiam, os pés mal tocando o chão. Equilibram garrafas nas cabeças.

Essa afirmação é bastante consistente, uma vez que a sussa, a meu ver, pode ser considerada uma dança sagrada. Ela faz parte de todo o processo ritual que compõe o lado sagrado da festa, ao passo que o forró compõe o lado profano.

Siqueira (2006), em sua dissertação, intitulada “Do tempo da sussa ao tempo do forró, música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás”, aponta que a sussa e o forró são as danças que se fazem presentes na comunidade. Este trabalho é bastante significativo porque, apesar de o enfoque principal ser, para a música e as letras da sussa, a dança de igual nome é exclusiva da comunidade Kalunga.

A sussa pode ser definida como um gênero musical coreográfico, ou seja, inclui um repertório musical, uma forma de tocar e cantar e uma forma de dançar. Pode ser vista como um complexo performático, pois para a sua execução em momentos festivos cria-se toda uma performance pelas pessoas que a executam. As ‘dançadeiras’ vestem uma saia própria (exclusiva para a dança), os músicos se posicionam um ao lado do outro paralelamente, e as demais pessoas (espectadoras e dançadeiras) formam uma roda dentro da qual as dançadeiras vão ‘rodar’ e ‘peneirar’. Há uma excitação geral, e podem ser ouvidos gritinhos de algumas pessoas: é um momento de êxtase. (SIQUEIRA, 2006, p.95).

Na definição de Siqueira (2006), a sussa é uma mistura entre tocar, cantar e dançar porque há uma preparação no momento de apresentá-la.

A respeito da maneira como se dança a sussa, os atores sociais descreveram-na da seguinte forma:

A sussa e dança sapateada e também pula. Tem a dança da formiga que é mais pulada né? E tem o sapateado (Júlia, 46 anos).

Ah! A Sussa é, coloca uma saiona, e tem que saber dançar pra saia rodar né (Luísa, 17 anos).

É sapateando, tem uns que dança pulando, e eu acho mais bonito só sapateando, a pessoa dançando sapateando, dançando com litro na cabeça, também eu acho mais bonito (Marta, 21 anos).

Dança homens e mulheres tudo junto, só que não é agarrado um no outro a sussa não, a varsa que é agarrado, agora a sussa não. A sussa ninguém segura um no outro não, cada um se vira. Cada dança por si (Felipe, 63 anos).

A sussa. A sussa é... aqui o povo num dança mais que nem a gente dançava, que de primeira a gente dançava mais ela era sapateado, saía sapateando né... era mais bonito.. mas hoje não dança mais assim não, sapateando não... dança é pulado aí de todo jeito! rsrsrs (Elisa, 41 anos).

Com base nas descrições, aqui, realizadas e, porque a sussa é uma das manifestações culturais, que identificam a comunidade Kalunga, notei que, de uma maneira sutil, essa incorpora mudanças no seu jeito de ser dançada. Se, antes, era sapateada por homens e mulheres, que dançavam com a garrafa na cabeça, verifiquei que, atualmente, há mudanças no seu código de movimentação.

Silva Jr., em seu artigo “Dança Kalunga: a suça, o batuque, o redemunho”, relata:

Essa dança traz consigo as marcas da tradição musical sincopada do batuque, perceptível nos sapateados, na ginga, no movimento do cóccix e nas rodas. Guarda uma carga sertaneja de danças regionais, com influências das tropelias de Goiás e heranças africanas, com características comuns: o pisado, o pandeiro, as palmas, o movimento giratório, o zigue-zague e o confronto de corpos. Assim, tomamos essa manifestação como uma performance afro-sertaneja que funde caipiras, práticas sertanejas e a cultura rústica negra. (SILVA JR. 2008, p.1)

Silva Jr. (2008) chama a atenção para as variações nos modos de dançar a sussa na comunidade Kalunga, que podem ser diferenciados em apresentações espontâneas, em festas menores e apresentações públicas em festivais de cultura popular. O autor faz referência à sussa tradicional e renovada. Coreograficamente ele descreve a sussa de acordo com a narrativa de uma das dançadeiras mais velhas:

É formar uma grande roda e fazer com que apenas duas delas entrem no meio, executem movimentos e cedam a vez para outras. Elas fazem passos cadenciados, movimentam os braços e as mãos para frente e jogam os cotovelos para trás. Aproximam os corpos, jogam a cintura de lado e executam umbigadas desafiadoras ou brincantes. A dançadeira, no centro da roda, concentra-se no seu giro e no da parceira. Em grupos maiores percorrem linhas imaginárias e entrecruzam o terreno. Na suça tradicional os passos são formados por: passos deslizados em que os pés são arrastados rapidamente pelo chão; batidas curtas e delicadas no chão, entre passos unidos e passos soltos. Há movimentos laterais cruzados, executados no lugar, ou que encaminham o andamento e direção do corpo. Na suça renovada “pelas mais jovens” essa sequência se repete, mas acontecem saltos e os pés batem no chão com mais força. As saias e as blusas são levantadas ou ocorrem gestos que imitam esse levantar voluptuoso (SILVA JR., 2008, p. 4).

Ao observar a descrição desta dança, pude notar que esta carrega características comuns de outras danças tradicionais da cultura popular brasileira. Isso é possível, já que as

peessoas migram de um lugar para outro e, no decorrer de suas trajetórias, elas incorporam, mudam e renovam suas tradições, danças, ritos.

A dança da sussa é composta de passos sapateados, que lembra o samba de roda ou uma dança de coco. São vários os adjetivos que as mulheres utilizam para descrever a forma correta de dançar a sussa. Estes adjetivos apontam para um padrão estético de elegância, que remete à leveza. Peneirar, passarinhar, ‘rodado que nem engenho’ são alguns dos termos usados para caracterizar uma sussa bem dançada. (SIQUEIRA, 2006, p.95).

Diante desta colocação verifiquei que a dança sussa possui códigos de movimentos semelhantes a algumas danças populares, que traz graciosidade ao ser dançada e é legitimada para seu povo. Outra questão discutida é que a sussa também é dançada por mulheres e homens.

A dança da sussa feita pelo homem e a mulher (que presenciei apenas rapidamente) é uma espécie de desafio. A mulher avança em direção ao homem e vice-versa, de forma que as ‘forças’ se equilibrem na dança, há o avanço e o recuo, o avanço e o recuo e assim sucessivamente. Se as forças não se equilibrarem, pode acontecer o que foi descrito por uma das dançadeiras, “*se o homi não tomar cuidado, acaba enrolado na saia da mulher*”. (Siqueira, 2006, p.94).

Creio que este fato só pode ser observado nesta dissertação, já que, nos demais artigos pesquisados e na dança, que apreciei, não me foi possível verificar a presença de homens na dança da sussa. O que presencie foram os homens a tocando os instrumentos e as mulheres dançando. Mas nas falas de sr. Pedro e de dona Francisca, moradores mais antigos da comunidade, eles relataram que, em princípio, os homens também dançavam.

Na Sussa dança homem e mulher. Agora em folia assim... e dançava a sussa com a garrafa na cabeça, e eu mermo tinha uma fia minha aqui com ela na cabeça. E eu também dançava, mas hoje num tô dando conta, num tô dando conta porque o pescoço num dexa ne. (Pedro, 70 anos).

Dança, eles entra também junto com a gente pra esquentar, junto com a gente eles entra(Francisca, 58 anos).

Verifiquei, na pesquisa de Siqueira (2006) que uma das senhoras relata que antigamente elas dançavam com uma garrafa na cabeça que era passada de uma para outra e elas dançavam a sussa a noite inteira. A sussa faz parte da memória das pessoas mais antigas da comunidade Kalunga, como Siqueira assegura:

[...] a sussa, é uma dança que pode ser feita em qualquer ocasião, geralmente acompanha a folia, depois de cantados os cantos ‘sagrados’ e pode compor a parte ‘profana’, assim como a curraleira, a valsa (não mais praticada por eles) e o forró. Mas

pode acontecer em outras ocasiões, como as meras brincadeiras dos jovens (“moçadinha”) na beira do rio ou nos campos: a sussa acima de tudo é uma brincadeira, uma diversão. Na vida rural dos Kalunga de certo tempo atrás em que não tinha energia elétrica e em que o maior passatempo era o trabalho, a sussa era a grande diversão, reunia crianças, jovens e adultos dentro do universo lúdico e musical. Na época da seca, em que contava-se com a chuva para que a próxima colheita viesse com fartura, podia-se dançar a sussa para que ‘Deus’ trouxesse a chuva para eles. (Siqueira, 2006, p. 94).

Diante destas colocações é admissível que a sussa carregue muitos significados atribuídos à dança em seus primórdios. Siqueira ressalta, assim como os atores sociais, que estes dançam a sussa por infinitas razões, dentre elas, o tempo em que reconhecem os rituais que fazem parte dos momentos religiosos e festivos, como integrantes de suas tradições e identificação com seus pares, o que possibilita uma maneira de verem e perceberem o mundo, ou seja, sua cultura. As razões para dançar a sussa justificam sua importância nos diferentes processos rituais e festas desta comunidade, que perpassa por significados que vão do sagrado ao profano, da brincadeira ao trabalho, da diversão à credence. Monteiro (2011, p. 60) contribui com essa reflexão ao enfatizar:

Flagra-se, então, um traço marcante de quase todas as danças populares brasileiras: a interpenetração entre arte e devoção. Uma religiosidade que, longe de remeter a um caráter primitivo dessas danças, apresenta-se como resultado da catequese e de processos de aculturação, como expressão de um cristianismo moderno, posterior à Reforma protestante.

Diante deste pressuposto, considero importante ressaltar que os festejos populares, em grande parte, trazem, em sua gênese, pontos centrais que se interligam às questões religiosas, assim como suas manifestações culturais e artísticas.

Um dado, apresentado por Siqueira, que chama a minha atenção, diz respeito à atualização das tradições culturais, que Canclini chama de hibridação ou hibridismo cultural (2006). Algumas tradições, que eram manifestadas só nas comunidades, dentro do contexto histórico, econômico, ideológico e cultural, hoje os atores sociais dessas comunidades mostram-nas em outros espaços porque são convidados a se preparem para apresentarem suas danças, músicas, ritos nos diferentes lugares, o que fomenta o turismo e torna visível seu patrimônio cultural.

Verifiquei tal fato, no decorrer desta pesquisa, já que, no momento em que eu estava na comunidade, havia uma mobilização em saber quem iria, ou não, participar do evento. Seu Filipe, o guia de turismo da comunidade, falou sobre o Encontro de Culturas

Tradicional, realizado todos os anos na cidade de São Jorge. Segundo ele, a organização se faz da seguinte forma:

Eles fala com a gente, aí eles fala com a pessoa aqui pra juntar os pessoal que sabe dançar, pra levar lá, aí a gente coloca na lista aqui, coloca o nome das pessoas tudo e liga pra eles, passa o nome pra eles e eles também já anota lá e já leva isso, e quando a gente chega lá a gente é bem recebido (Felipe, 63 anos).

De acordo com o relato todos os anos os organizadores do evento entram em contato com o guia de turismo a fim de solicitar-lhe que organize um grupo para apresentar-se no Encontro de Culturas Tradicionais. Na ocasião do evento eles ficam hospedados na cidade de São Jorge/GO. As mulheres recebem, antes, os figurinos para, no momento oportuno, fazerem a apresentação da sussa enquanto os homens devem tocar seus instrumentos.

A respeito da participação e do envolvimento dos Kalungas no Encontro de Culturas Tradicionais, dona Júlia relatou:

Nos vamos fazer a apresentação da sussa, leva os artesanato, os produtos que a gente tem, e também tem a reza né, tem o império também, que vai de Vão de Almas pra apresentar lá. Império do Divino! E vai ser apresentado (Júlia, 46 anos).

De acordo com este relato, posso dizer que a dança e a folia, nessas apresentações, mudam de sentido e significado, uma vez que, nessas ocasiões, o grupo de dançadeiras e o grupo de foliões deixam seu contexto e o que, em geral, aconteceria de forma “convencional”. Às vezes eles são influenciados por elementos que lhes são impostos e precisam, por exemplo, dançar em um palco pequeno e de forma improvisada.

Segundo Silva Jr. (2008), em eventos de grande porte, como o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, em São Jorge/GO, ocorrido no ano de 2008, pode-se observar que houve intervenção dos organizadores sobre os dançantes. Solicitaram que todos dançassem em um palco, porém “o espaço era pequeno para a grande quantidade de músicos e dançantes, o que ocasionou certa confusão” (SILVA JR., 2008, p. 03).

Diante desta colocação nota-se que algumas dessas manifestações, tais como: as músicas, as danças, as romarias, as folias e as festas estão sendo influenciadas.

O efeito da indústria cultural se faz sentir na prática tradicional da sussa [...] À medida que as “dançadeiras” são chamadas para se apresentar em eventos em outras cidades, há uma espetacularização da sussa. A dança que era vivida, passa a ser ensaiada e a motivação é medida em termos de agrados, que são dados as dançadeiras. (SIQUEIRA, 2006, p.88)

Desta maneira, posso perceber que costumes e tradições são influenciados por agente externos as estas comunidades, os quais estão imersos na cultura brasileira, que é composta pela diversidade cultural. Uma forma encontrada pelos atores sociais desta comunidade, para manterem sua tradição, é a fomenta de práticas que vêm ao encontro com os ideais capitalistas.

O reconhecimento do grande interesse por parte da sociedade envolvente por suas manifestações musicais tem levado a atitudes que objetivam um certo 'resgate' de práticas não tão presentes. A sussa agora está sendo ensinada nas escolas. Cada localidade kalunga tem uma ou mais escolas, e agora em que se deram contam de que a sussa e outras manifestações festivas e musicais estão sendo valorizadas, tentam 'resgatar' tais conhecimentos (SIQUEIRA, 2006, p. 26).

Como Burke (2008, p. 102) assevera, “as tradições são como áreas de construção, sempre sendo construídas e reconstruídas, quer os indivíduos e os grupos que fazem parte destas tradições se deem ou não conta disto”. As tradições se misturam e uma cultura acaba influenciada por outras, o que torna as culturas híbridas.

Ainda que, na memória das pessoas mais velhas, tais mudanças sejam vistas como uma afronta dos jovens aos costumes e às tradições, essas se tornam inevitáveis. A sussa é reconhecida como a dança que representa a comunidade Kalunga, mas os jovens desta comunidade também têm preferências por outras danças, como: forró, samba, hip-hop, dance, dentre outras, que trazem uma estética diferenciada daquela.

Este fato chama a atenção dos pesquisadores. Percebi que, assim como a cultura, as danças, os costumes são recriados e re-significados pelos mais jovens. Não posso dizer que os jovens neguem sua identidade cultural, assim como “as identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias, mas, como tudo que é histórico, elas sofrem uma transformação constante. Longe de estarem eternamente fixas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder” (HALL, 2000, p. 225).

Além da dança sussa, o forró e a curreleira, que fazem parte da tradição da comunidade, outras também são conhecidas e dançadas pelos jovens Kalunga, como pude verificar em seus relatos:

Tem os balanço aqui que os meninos gosta, sempre tem de manhã, só! Só essas mesmo! Que eu já vi dançar pra lá foi axé, mas quando coloca essas musicas de axé

eu fico um pouco particular, eu fico só... Só que as vezes tem algumas musica que é boa (Marta, 21 anos).

Hip hop, tem a dança da sussa também aqui, tem o forró! São essas aí (Miguel, 18 anos).

Forró, que eu vejo passando na televisão é balé, esses é, e outros aí que eu esqueci o nome! (Luísa 17 anos).

Forró, rap, hip hop (Luís, 17 anos).

Forró, balanço, samba (Marisa, 16 anos).

Diante destes trechos, extraídos das falas dos atores sociais entrevistados, constatee que os jovens Kalunga encontram-se “atenados” com os diversos tipos de danças, que ocorrem sociedade. A respeito destas danças, posso dizer que cada uma, com sua estética específica de movimento, traz um contexto histórico, que marcou e marca seu lugar em um tempo e em um espaço particular.

O forró é uma dança tipicamente brasileira, já que a executam nas diferentes regiões do país. Possui diversas maneiras de movimentação. Também foram mencionadas como danças presentes na comunidade Kalunga, o balanço, o axé, o *hip hop*, que estão presentes na mídia e fazem parte dos modismos que acompanham a indústria cultural, responsável por disseminar, influenciar e apontar tendências.

A valsa, outra dança mencionada, neste caso, pelas pessoas mais velhas, como uma dança antiga de caráter social “[...] representava e incorporava os mais altos valores na sociedade de sua época. Assim como na sussa, na forma de descrição da valsa estão implícitos critérios de elegância e padrões de conduta social” (SIQUEIRA, 2006, p.118).

Os entrevistados fizeram referência à dança curraleira, que faz parte dos rituais das folias e caracteriza-se por uma movimentação simples e complexa já que, em um só tempo, os foliões dançam, cantam e tocam seus instrumentos. É uma dança bonita de se apreciar: os foliões intercalam-se, uns entre os outros, fazem uma espécie de trançado, o que proporciona visualidade e dinâmica aos movimentos.

A curraleira é dançada apenas pelos homens, que a realizamos nos momentos das folias. De acordo com as falas de alguns atores sociais:

É uma espécie de dança, assim cruzando assim pro lado de dentro e de um lado pro outro. Eles dançam trocando um pro outro assim. Francisca (58 anos).

É trocada. Aí nois põe oito, quatro roda pra cá e os outro quatro roda pra cá, cruzado assim! E eu pá com a viola, topo aqui eles vem de lá e cruza aqui... Jonas (68 anos).

Curraleira é só os homens, até mulher brinca a curraleira, mas de primeira, mas hoje as muié num mexe com isso mais. Então é só os homens mesmo que brinca a curraleira e dança a catira essas coisas (Pedro, 70 anos).

Mediante as falas e as observações em campo, posso afirmar que a curraleira é uma dança tradicional da comunidade Kalunga e compõe os costumes e os principais festejos dessa gente.

Com relação às maneiras como são passados e transmitidos os costumes e os saberes entre as gerações, os mais velhos, assim como os jovens afirmaram que o aprendizado acontece por intermédio da observação, ou seja, quando os mais velhos fazem algo como: dançar, tocar um instrumento, cantar, fazer uma reza.

É eu olhava as pessoas a dançar assim, mais idosa dançando, aí eu aprendi olhando, e dancei! (Luísa, 17 anos).

Eu aprendi sozinha, vendo os outros dançar (Elaine, 15 anos).

Com os outros mais velho dançando (Marisa, 16 anos).

Foi com minha mãe e com as outras que sabe mais do que a gente. A gente vai pegando os passos e vai aprendendo né (Marcela, 25 anos).

Aprendi olhando minha mãe. Ou minha mãe ou minha tia Irene, aí fui remexendo até fazer quase igual elas fazem (Susi, 24 anos).

A folia sempre os mais novos aprende com os mais velhos. A sussa também é do mesmo jeito né. A sussa as vez, já vem do dom da pessoa mesmo, é de geração mesmo! (Ester, 46 anos).

Tamo passando porque aí já vai entendendo, aí vê os mais vei, os mais novim já vai aprendendo. Só que aí os mais novim parece que as pernas já tá mais altivada e vê o outro da uma rebolada, e muda um pouco assim e já vai batendo nos mais véi, já aprende uma outra rebolada porque os véi num dá. Uma menininha dessa assim, quando ve batendo um toque, já rebola mais que os vei, eu que sou bom nisso, a menininha já tá batendo ne mim! (risos) (Jonas, 68 anos).

Eu aprendi mesmo assim com ela e com o povo mais velho, aquelas moçadinha né? Nois via bater e aí nois ia exprementar até (Francisca, 58 anos).

Eu acho que sim, acho que os mais velhos pisa mais que os mais novos! É os mais velhos dança melhor do que os mais novo! Que a gente ainda tá tentando aprender, nunca aprendeu direito igual os mais velho não! Os mais velho pisa mesmo assim.. o treim! Já ta treinado! Eu mesmo sussa não sei não. Eu pulo aí mas não sei muito pisar igual os outros pisa aí não (Marcela, 25 anos).

Num ensina passo a passo, porque os mais novo hoje num ta querendo, mas agora com o tempo, tem muita menina nova que já vai, já tem dom, já dançou, tem muita

mocinha já tá dançando, rapaz... mas é porque eles num queria, era os mais vei dançava mas as menina num queria dançar, só queria o negocio de segurar nas cadeira que é mais mió né? E dançar a sussa e dançar só. Então elas num queria né? Mas agora tem inté um bocado que já pula (Pedro, 70 anos).

De acordo com falas, as tradições acontecem de maneira informal, no simples ato de os jovens observarem os mais velhos, como também pela oralidade, como Laraia (2006, p.45) enfatiza:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é o herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permitiu as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto de ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

Como se evidencia na fala do sr. Jonas, os mais velhos transmitem os costumes, contudo os mais jovens, além de aprenderem, estes acrescentam algo novo, modificam, um pouco, o jeito de se fazer, seja um movimento, seja a estrofe de uma música, o que mostra a dinamicidade da cultura e a maneira como a comunidade se articula ao passar seus conhecimentos.

Ensino. Pega no braço deles aqui e nós aqui, nois dança, roda de um lado pro outro, chama assim. Quando nois tá na dança assim pega outra muie pra dançar. Pra entrar e dançar a sussa! Aquela moçadinha (Francisca, 58 anos).

O que a gente sabe a gente passa pra ele né. Eu sempre gosto de ensinar pros filhos meu, porque a gente sabe que é uma coisa necessária, que vai preservar bem pros anos de vida dele, a gente gosta de ensinar. Eu acho que é todos, meu pai dizia que era todas mães e todos fios que sabem, é bom pra ensinar pros filhos. É ensinando mesmo dançando com eles de pequeninim e já vai crescendo e já vai aprendendo. É igual você, colocar um bocado de menino na escola, tem uns que aprende rápido e os outros num demora mais? Bem assim é a sussa também. Tem uns que é mais interessado em aprender mesmo e rapidinho eles aprende e outro demora mais (Felipe, 63 anos).

Logo, norteia uma aparente espontaneidade na forma de se transmitirem os costumes, ao ensinarem e aprenderem juntos, ou seja, a alguém convidar a outra para entrar na roda ou no ato de os pais ensinarem os filhos. Neste sentido, Baiocchi (2006, p. 34) enfatiza:

Para o repasse de sua tradição, para a preservação de sua memória histórica, de sua identidade étnica e de sua cultura, a sociedade Kalunga, em sua original visão de mundo, lança não da tradição oral: histórias, provérbios, adivinhas, poesia e música.

Sua ciência é repassada pelos mecanismos informais, como a família e os anciões, de forma a expressar os valores e pensamentos que normatizam sua vida social.

Em outra direção, as considerações de dois dos meus entrevistados divergem do que me apontou a fala do sr. Pedro:

A única troca que eu vejo aqui é que os jovens de hoje não ta abraçando aquelas tradições antigas, quando fala assim, ó tem que preservar aquela cultura, sempre ta lembrando. Aí muita gente diz assim: ah eu num vou fazer isso mais não, isso aí é coisa de gente véi! Aí isso aí, que eu acho que é tá trocando. Quando fala assim: dançar as sussa! As menina já fala assim: eu num vou dançar sussa! Eu, Deus me livra de sussa! Aí põe o forró! Ah! Forró eu quero. Aí os mais véi, vai lá e fala bem assim: poe aqueles forrozinho antigo. Forró antigo, ih não isso é coisa de véi! Não, põe um balanço aí! Aí quando coloca o balanço os mais velho fica brigando e os mais jovens fica...É,.. nós num vai dançar não, manda até desligar o som, aí todo mundo fica bravo, quando chega. Aí vai outro lá, põe a musga, um forró aí lento, um forró de véi mesmo. Aí vai lá e coloca, aí ninguém dança, os jovens ninguém dança, aí fica tudo particular. Aí fica bem assim, Aí acontece que no salão fica dois, três velho: não põe uma musica aí, um forró um pouco aí. Aí esses que tá dançando larga e já vai brigar também. Aí fica que o Dj num sabe qual musica que eles que (Marta, 21 anos).

Tipo assim os mais velhos gosta mais de dançar a sussa, essas coisas assim, os mais novo gosta de dançar é forró, só forró, num ta ligando mais pra sussa (Luís, 17 anos).

Os relatos desses dois jovens apontam questões interessantes: primeira, quando disseram que os jovens não querem aprender as tradições e recusam-se a dançar a sussa e o forró lento, dos quais as pessoas mais velhas gostam tanto. Outro fato que se evidenciou foram as divergências e os conflitos entre uma geração e outra, que assinalam um ponto de clivagem geracional, como também, entre o moderno e o tradicional. A respeito da primeira pode-se dizer que é um fato comum em se tratando das relações familiares, em que os desacordos são postos, os embates e os questionamentos são colocados entre os jovens e os mais velhos. A segunda sugere uma mudança de concepções e do modo de se verem e de se perceberem os acontecimentos na comunidade e no mundo, por lentes diferentes, que, ora são convergentes, ora,- divergentes, já que os atores sociais são múltiplos, assim como, seus pontos de vistas, escolhas e atitudes.

Outra colocação feita por Marta, que sobressai, dentre as demais, refere-se ao ato de ensinar e aprender os costumes:

Não precisa não né? Hoje com esse fuá de televisão aí, ce ve, passa uma musga na televisão la', ta dançando melhor de que a gente que ta dançando a muitos anos, sinceramente tudo quanto é mexido, remelecho que passa la na televisão, se for

deixar os meninos já tá aprendendo. Oh, aquela musica mesmo quem tem aí, eu quero tchu! Oh! Eu vou falar a verdade aqui num tem um menino pequeno pra dizer que num sabe dançar ela (Marta, 21 anos).

A fala da jovem é uma constatação nítida da influência dos meios de comunicação nos costumes Kalunga. É uma comprovação indicativa de que a comunidade não está alheia aos acontecimentos, em meio às transformações e às influências dos cruzamentos culturais, que apontam que esses se revigoram, uma vez que

[...] a tradição é pensada como “um mecanismo de seleção, e mesmo de invenção, projetando em direção ao passado para legitimar o presente”. A influência interacionista e etnometodológica também contribui para conhecer a formação e as transformações da significação social como resultado de interações e rituais (CANCLINI, 2003, p. 219).

Desta forma, os pesquisadores não podem ser ingênuos em pensar que as tradições e os rituais desta comunidade são como algo estático, parado no tempo, assim como Burke (2008, p. 105) enfatiza que “a resistência está fadada ao fracasso no sentido de que os objetivos daqueles que fazem parte da resistência, deter a marcha da história ou trazer de volta o passado, são inatingíveis”. E, de fato, o processo de hibridização entre as culturas é um artifício que faz parte da atualidade, do mundo globalizado em que todos vivem.

Em meio a esses artifícios, processos, como fluidez e dinamismo, são possíveis de serem observados na cultura da comunidade Kalunga. Ao mesmo tempo em que buscam manter suas tradições, elas também se transformam em meio aos subterfúgios da cultura global, que lança, a todo o momento, tendências e discursos, que, bem ou mal, chegam às comunidades tradicionais, que também são plurais, diversas e híbridas.

Cabe destacar que, embora haja um processo de pressão sobre esta comunidade, um dos pontos interessantes desta tradição quilombola está na oralidade em que os traços culturais (ainda!) são transmitidos. Isto acontece dentro da relação familiar, de pais para filhos, por meio da comunicação dos mais velhos para os mais jovens, bem como pelas práticas corporais e manifestações culturais vividas e experienciadas pelos atores sociais da comunidade.

3.3. O corpo nas festas Kalunga

Além dos rituais que constituem as cenas da Festa de São Sebastião e da Festa de Santos Reis e que, efetivamente, propiciam para que essas manifestações aconteçam no tempo-espaço, de forma objetiva, fazendo-se presentes em todos os cenários, é no corpo e por meio deste que tudo se torna possível porque “o corpo é sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura” (CSORDAS, 2008, p. 102).

Deste modo, o corpo, por ser uma construção social, traz uma série de sentidos e significados que são modificados de uma cultura para outra. Na comunidade Kalunga, não poderia ser diferente, uma vez que, diante dos rituais, que compõem a festa, pode-se apreender que há um sistema de códigos que são próprios destes corpos, expressos na simplicidade de cada gesto realizado, no verso de cada música cantada, na crença, percepção e oração invocada, como Siqueira (2006, p. 42) ressalta:

O corpo adquire significado por meio da experiência social e cultural do indivíduo em seu grupo, tornando-se discurso a respeito da sociedade, passível de leituras diferenciadas por atores sociais distintos. Sua postura, forma, disposição, suas manifestações e sensações geram signos que são compreendidos por uma imagem construída e significada pelo interlocutor. Os gestos e movimentos desse corpo também são construídos, aprendidos no convívio em sociedade – seja diretamente, no contato interpessoal, ou por imagens e representações veiculadas por meios de comunicação.

No decorrer da Festa de São Sebastião foi-me possível notar que os diferentes atores sociais desempenham seus papéis de acordo com o que a comunidade instituiu como legítimos e aprovados por todos.

Desta forma, os diferentes corpos, que trazem suas marcas e experiências, estão o tempo todo, por meio da sua corporeidade, em interações com as manifestações da sua comunidade, que, ao longo do tempo, legitimaram-se. “A percepção dos inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo particular de inserção cultural” Le Breton (2007, p. 56). Assim, a maneira como preparam a festa, como se posicionam em frente ao altar, o momento de agradecerem e louvarem o santo festeiro, podem ser classificados como construção cultural e social, em que as percepções são particulares e coletivas ao mesmo tempo.

Os sentimentos que vivenciamos, a maneira como repercutem e são expressos fisicamente em nós, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando os outros. Eles

inscrevem-se no rosto, no corpo, nos gestos, nas posturas, etc. (LE BRETON 2007, p. 52).

Tais ações podem ser claramente percebidas nas diferentes cenas das festas, nos gestos e nas expressões, já que é, no corpo, de uma maneira individual, que tais ações são vividas, observadas e percebidas, mas é no coletivo que elas produzem sua eficácia.

É exatamente ali aos pés do mastro levantado que os atores sociais expressam, em seus corpos, por meio da dança sussa, a liberdade de movimentação, em que as ações corporais ganham suavidade e vivifica-se a purificação de um corpo.

Nesta direção Bitter (2008, p. 170) assinala:

O corpo também aproxima o "sagrado" do "profano", ou melhor dizendo, rompe suas barreiras. Nesta perspectiva, o fundamento, embora se origine de um plano intangível, abstrato ou invisível, tende a se materializar nas mais variadas formas, não apenas na festa, na comida, na bandeira, mas também no corpo. Aliás, o rito tem, entre outras, a função de propiciar as condições materiais e sensíveis para a manifestação do "sagrado". Para manter contato com este domínio é necessário aproximá-lo da terra, dos homens, do seu mundo mais prosaico e material.

Se até aqui todas as cenas que compõem o ritual da Festa de São Sebastião, remetem à religiosidade e à devoção ao santo, é, no baile, ao dançarem o forró, no entrelaçamento dos corpos, que os atores sociais se expressam de maneira descontraída e ritmada. É, no momento do baile, que a participação dos jovens se apresenta de forma efetiva e perspicaz. É, na hora de dançar o forró, que o corpo do jovem se coloca em estado de prontidão e faz-se presente, motivado por uma alegria contagiante ao se entrelaçar com seu par e deixar ser guiado pelo ritmo do forró-brega.

É neste momento em que os diferentes atores sociais: pessoas mais velhas, adultos, jovens e crianças se divertem, em que se dançam desacompanhados, acompanhados, mulher com mulher, mãe com filho, com os parentes, com visitantes. Pessoas que não se importam com o dia seguinte, com os afazeres cotidianos. Constitui-se este em um momento extraordinário e, assim, dançam até o dia amanhecer.

No que se refere à Folia de Santos Reis foi-me possível observar que existia uma multiplicidade de ações nas práticas corporais³, desenvolvidas em cada processo ritual da festa

³Pode-se afirmar que o termo "práticas corporais" é operado por vários campos do conhecimento e a Educação Física utiliza-o com maior frequência. Nos campos da Educação, Antropologia, Sociologia, Psicologia, História e Saúde, seu uso também é, relativamente, frequente, ainda que, com diferentes significados e sentidos. No campo da Educação Física, o termo "práticas corporais" é eleito pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais, já que os que dialogam com as ciências biológicas e exatas operam com o conceito de atividade física (SILVA, 2009, p. 17).

e a dança foi mais uma a compor as cenas dançadas, cantadas e representadas em que as diferentes práticas corporais formavam diálogos constantes entre o cantar, dançar, rezar e tocar um determinado instrumento. “No ritual a relação entre música e dança revela muito do significado e da importância dos preceitos religiosos e do muito” (2001, p. 232).

É válido destacar que os instrumentos musicais são muito importantes no decorrer de toda a folia. São eles que marcam e demarcam os diferentes ritmos e cantorias, como também a movimentação e a dança a ser realizada.

Na dança da curraleira observei que o instrumento musical compõe a movimentação corporal e torna-se uma extensão do corpo. A esse respeito Pinto (2001, p. 234) afirma:

Tocar um instrumento é uma dessas ações basicamente corporais. Além de, muitas vezes, serem vistos como extensão do corpo humano, instrumentos musicais levam os seus mestres a desenvolver verdadeiras façanhas, vedadas a demais corpos, não iniciados e trabalhados para dominarem a técnica instrumental.

Na Folia de Santos Reis é isso que acontece no momento em que os foliões que estão com os pandeiros e a viola fazem, ao tocarem seus instrumentos, cantarem e dançarem a curraleira, que é uma dança realizada apenas pelos foliões que compõem o grupo da folia.

Neste contexto e na busca por entender o ato de ensinar e aprender, com base no sentido de uma educação do corpo, que se constitui como uma maneira tradicional e eficaz (MAUSS, 2003) na comunidade Kalunga, é que recorri a Le Breton (2007, p. 7) quando afirma:

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator, através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade.

O corpo representa os traços da tradição da comunidade, seus trejeitos, modo de falar, seu comportamento diante dos ritos celebrados pela comunidade, que, de uma maneira, ou de outra, foram perpetuados pela tradição oral dos mais velhos para os mais jovens.

Observei que os corpos que se entrelaçam nos bailes, as danças, os diálogos dançantes entre as gerações, os rituais nas festas, os sentidos e significados dessas manifestações, contam histórias, produzem cultura e sofrem influência de outras. Constitui-se,

em um momento importante de afirmação e resistência da comunidade, como Almeida e Suassuna (2010, p.59) afirma: “durante a dança, são revividas as histórias e as relações sociais que constituem o grupo e, ao dançar, as pessoas assumem seu lugar na sociedade”.

Contudo o sentido e significado de suas práticas corporais e manifestações culturais foram e podem ser observados em cada cena realizada pelos foliões no decorrer do giro da Folia de São Sebastião e da Folia de Santos Reis, como também no transcorrer da festa.

Considerações Finais

Pensar sobre as comunidades quilombolas no Brasil é buscar compreender as condições objetivas, pelas quais, estas passaram, em outros tempos, e passam, no momento atual, em busca de melhores condições de vida e sobrevivência.

Diante da pesquisa realizada, verifiquei que esta se justifica, uma vez que permitiu aos atores sociais expressarem seus costumes e modos de vida, ora buscando na memória, suas histórias, ora representando, corporalmente, suas danças, permitindo-se olhar para suas manifestações culturais, em um tempo-espço repleto de lembranças, que emergiram dos seus antepassados e que foram revigoradas a cada geração, favorecendo aos atores sociais reconhecerem-se, por meio de suas danças e festas. Neste sentido, as festas podem ser compreendidas como um dos lugares em que perpassam os diversos saberes e manifestações culturais, como um importante veículo de divulgação da cultura Kalunga.

Assim, os processos rituais nas festas permitem aos atores sociais se reconhecerem como sujeitos históricos do seu processo de construção, bem como sujeitos de experiências que vão elaborando e reproduzindo sua própria cultura.

Tratar dos processos rituais na comunidade Kalunga constituiu, para mim, um momento único, o qual me oportunizou grandes reflexões, estudos e questionamentos e, apesar de ser um tema atual de aparente relevância, ficou evidente que ainda é uma das questões pouco abordada e contextualizadas no meio acadêmico, especialmente em se tratando de comunidades negras no Brasil.

Em frente aos objetivos traçados para este estudo foi-me possível observar que os processos rituais, nas festas da comunidade Kalunga, são acontecimentos organizados que possuem sentidos/significados aos atores sociais da comunidade, uma vez que cada ator tem um papel a ser cumprido no decorrer do festejo. Diante disso, reafirmo minha posição em favor da cultura popular, mas, não, de uma cultura popular como reprodução de saberes tradicionais e, sim, de uma cultura popular comunicável à comunidade, constituída de significados e valores peculiares, uma cultura em que os atores sociais tenham como ponto de referência o elemento identificador de suas origens e formador de sua identidade.

A metodologia adotada permitiu-me compreender, com mais eficiência, os dados pesquisados, uma vez que me favoreceram verificar como acontece a organização das festas na comunidade no cotidiano e, ainda, os conflitos e as divergências entre seus membros.

Mediante as conversas informais e as entrevistas, que realizei, com os atores sociais da comunidade Kalunga, a maioria enfatizou que a dança representa a tradição, a cultura desse povo, o que aconteceu quando falaram da sussa e da curreleira. Por outro lado, apontaram o forró como uma dança que representa divertimento, descontração, momento do corpo colado ao do outro, momento do namoro. As danças têm, por conseguinte, significados distintos, que decorrem da valorização dos costumes e tradições locais, inclusive, mediatizadas pela relação constituída com base nos processos rituais, como no caso de suas realizações em momentos festivos, mas também se remetem à socialização, ao universo do profano.

No que diz respeito aos rituais, que envolvem as festas da comunidade Kalunga na cidade de Teresina de Goiás/GO, notadamente, a Folia de São Sebastião e a Folia de Reis, pode-se afirmar que são uma maneira de reproduzirem-se e revigorarem-se as tradições, os saberes, as diferentes histórias de vida. Podem ser interpretados, desse modo, como um *continuum* em que os atores sociais constroem, por meio das práticas cotidianas, suas relações com o sagrado.

Com referência a essas relações com o sagrado, considero que se faz necessário apontar dois registros. Conforme a interpretação dos processos rituais, empreendidos nesta pesquisa, pode-se inferir que eles se revestem por um duplo significado. O primeiro diz respeito ao sagrado, em que a vinculação com o catolicismo popular parece enfática, o que, inclusive, é demonstrado pela crítica de um dos entrevistados à entrada, na comunidade, ao protestantismo. O segundo significado refere-se ao sentido de profano, que pude perceber, com base nas informações obtidas em campo, pelo consumo de bebida alcoólica, pelas músicas com duplo sentido, sobretudo, as eletrônicas, e que evidenciavam uma forte conotação sexual.

Neste sentido, foi fundamental observar os rituais desenvolvidos nas festas porque me permitiram compreender a celebração dos corpos dançantes, como se organizam as cenas, seus objetivos, cenários, atores, códigos e diálogos corporais presentes em cada ritual que compõe a Folia de São Sebastião e a Folia de Santos Reis. Foi-me possível verificar o processo ritual como uma série de fatos ordenados, que se apresentaram no decorrer da festa.

Estes fatos me permitiram vislumbrar a festa como um processo social de interação, das pessoas da comunidade e das pessoas advindas de outro lugares.

Dessa maneira os rituais que envolvem a Folia de São Sebastião e a Folia de Santos Reis, possuem uma multiplicidade de signos e significados, que compõe a vida cotidiana da comunidade Kalunga de Teresina de Goiás/GO, assim como o imaginário das pessoas da comunidade. Há um sistema de signos, aos quais lhes são atribuídos significados que os singularizam e particularizam.

No que se refere aos processos rituais na comunidade, acredito que este seja o caminho para manter sua tradição, seus costumes, já que estes rituais possibilitam aos atores sociais serem reconhecidos em meio ao processo histórico-cultural emergente da sociedade.

Este estudo também me permitiu compreender melhor a relação inseparável existente entre memória e identidade, uma vez que a primeira refere-se às tradições que são guardadas pelos mais velhos e passadas aos mais jovens. É por meio da tradição oral, do fazer juntos, que se constitui a identidade da comunidade e, conseqüentemente, que se revigoram os laços e edifica-se sua cultura.

Por fim, acredito que as festas propiciam ocasiões, mediante as quais, as relações sociais e os costumes expressam os sentidos e os significados da cultura Kalunga, que, em meio às suas práticas cotidianas e festivas, possuem um misto de fé e devoção, em que os processos rituais representam suas tradições, bem como reafirmam sua identidade.

Referências

- AMARAL, R.C.M.P. **Festa à Brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: 1998.
- ALMEIDA, A. J. M.; SUASSUNA, D. M. F. de A. **Práticas corporais, sentidos e significado**: uma análise dos jogos dos povos indígenas. In: Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 53-71, outubro/dezembro de 2010.
- ALMEIDA, A.W.B. **Terras tradicionalmente ocupadas**: processos de territorialização e movimentos sociais. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e regionais/ANPUR, Rio de Janeiro, v.6, n.1, maio. 2004.
- Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/index>
- BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Kalunga**: Povo da Terra. 2. ed. Goiânia: Ed. Da UFG, 2006.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – UFRJ / IFCS / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. Mercado de Letras. Campinas, SP : 2002.
- _____. Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 21. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1988.
- _____. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____. **Sacerdotes de Viola**: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. **A cultura na Rua**. Campinas: Papyrus, 1989.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Rio Grande do Sul, Unisinos, 2008.
- BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: C&A das Letras, 2010.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo 15. Ed. Unesp, 1998.
- CARVALHO, José Jorge (Org.). **O quilombo do Rio das Rãs**. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2005.
- CHAVES, W. N. D. **Na Jornada de Santos Reis**: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico. Rio de Janeiro: UFRJ / MN / PPGAS, 2003.
- CZORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. 3ª. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FALCÃO, J.L.C.; SILVA, A. M.; TUCUNDUVA, T. **Das comunidades de Quilombolas em Goiás e de suas práticas corporais**: elementos teórico-metodológicos da pesquisa. In: *Práticas corporais em comunidades Quilombolas de Goiás*. Goiânia:Ed. PUC Goiás, 2011.
- FERNANDES, A. Mamede. **São Sebastião/Novena**. São Paulo: Paulus, 2010.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2.ed. São Paulo: Global, 2007.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 41ª. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves. **Gente em cena**: fragmentos e memórias da dança em Goiás. Tese de doutorado Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 2007.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro; Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **As Folias de Reis de João Pinheiro**: Performance e Identidades Sertanejas no Noroeste Mineiro. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília, 2010.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.,2008.
- GUARINELLO, Noberto Luiz. **Festa, Trabalho e Cotidiano**. IN: *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Fapesp: 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ª. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- JANCSÓ, I. KANTOR, I. (orgs.). **Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa**. Volumes: I, II. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2006.
- LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- MAUSS, Marcell. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MONTEIRO, Marianna F. M.. **Dança Popular: espetáculo e devoção**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- MOURA, Gloria. **Festas Quilombolas**. In: *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização*. Brasília: ICS- UNB, 2004.
- _____. **Festas Quilombolas**. Brasília: Editora UNB, 2012.
- MOURA, Clovis. **Quilombos – Resistência ao Escravismo**. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. **A quilombagem como Expressão de Protesto Radical**. IN: **Os quilombos na Dinâmica Social do Brasil**. Maceió, EDUFAL, 2001, pp. 103-115.

- NUER. **Regulamentação de Terras de Negros no Brasil**. Boletim Informativo NUER. nº.1, vol. 1, 1997.
- O'DWYER, Eliane Cantarino. (Org.). **Terra de Quilombo**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.
- _____. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2003.
- PEREIRA, Bruno M. ALMEIDA, Maria G. **O quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes**. Revista GEONOREDESTE, Ano XXII, n.2. Disponível em http://www.odonto.ufg.br/uploads/133/original_bruno.pdf Acesso em 28/08/2012.
- PESSOA, Jadir de M. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.
- PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música: Questões de uma antropologia sonora**. Revista Antropologia, São Paulo, v. 44, n.1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5345.pdf>. Acesso em: 29/03/2013.
- PETRUSKI, Maura Regina. **Julho chegou... E a festa também: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)**. Tese de Doutorado em História, da Universidade Federal do Paraná, 2008.
- PORTO, Guilherme. **As folias de reis no sul de Minas**. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- RAMOS, Arthur. **O negro na civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1971.
- REIS, João.; GOMES, Flávio S. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Ribeiro Júnior, Jorge 1982 Cláudio Noel. **A festa do povo: pedagogia de resistência** (Petrópolis, Paulo: Vozes).
- RODRIGUES, Graziela. **Bailarino – Pesquisador – Interprete: Processo de formação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2005.
- RODRIGUES, José C. **O tabu do corpo**. 2ªed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.
- SANTOS, Carlos A. B. P. **Fiéis Descendentes: redes-irmandades na pós-abolição entre as comunidades negras rurais Sul-Mato-Grossenses**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília/UNB, 2010.
- SCARANO, Julita. **Bebida alcoólica e sociedade colonial**. In: JANCSÓ, I; KANTOR I. (Org.) **A festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa**, volume II. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: 2001.
- SEEGER, Anthony, DA MATTA, Roberto & CASTRO, Eduardo B. V. 1979. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia, n. 32, p. 2-19.
- SILVA, Ana Márcia et al. **Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais**. IN: FALCÃO, José Luiz C., SARAIVA, Maria do Carmo (Orgs) **Práticas Corporais no Contexto Contemporâneo: (In)Tensas Experiências**. Florianópolis: Copiart, 2009.

SILVA, Djalma Balbino. **O passeio dos Quilombolas e a formação do quilombo urbano**. Tese Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José L.C. **Manifestações da Cultura Corporal em Comunidades Quilombolas: Um Acervo Inicial No Estado de Goiás**. Projeto FEF/UFG, 2009.

SILVA JR , Augusto Rodrigues. **Festejo quilombola: o Kalunga, o divino, o verso**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2008a.

SILVA JR., Augusto Rodrigues. **Vozes e versos na festa quilombola dos kalunga**. In: Revista África e Africanidades - Ano I - n. 1 – Maio. 2008b.

SILVA JR., Augusto Rodrigues. **Dança Kalunga: a suça, o batuque, o redemunho**. In: V Congresso da Abrace, 2008c, MG. **Anais do V Congresso da ABRACE**.

Disponível em: <http://portalabrace.org/memoria/vocêongresso.htm> Acesso: em 12 de março de 2010.

SIQUEIRA, Thaís Teixeira. **Do tempo da sussa ao tempo do forró, música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Brasília, 2006.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Compartilhando um outro olhar sobre o ensino de dança**. In: FALCÃO, J.L.C.; SARAIVA, M. C. **Esporte e lazer na cidade: a prática teorizada e a teoria praticada**. Florianópolis: Lagoa Editora, 2007.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EDUFF, 2005.

APÊNDICE A - Roteiro de observação da dinâmica social

Temas das Festividades:

1. **Organização da festa:** sorteio, liderança, indicação? Numa casa, espaço coletivo, ou no centro da comunidade? Responsabilidade pelas comidas, bebidas? Decoração e enfeites?
2. **Religiosidade:** Há Rituais religiosos? Quais e a que entidades/santos? Vestimentas, objetos e ex-votos? Há participação de externos, como padres, familiares ou participantes em geral?
3. **Música:** eletrônica ou presencial? Grupo ou individual? Contratado ou da comunidade? Revezamento, com participação de mais pessoas ou não? Ritmos, estilos, variações? Instrumentos musicais utilizados?
4. **Danças:** Quais os nomes e tipos? São danças tradicionais ou de massa? A descrição passos e da movimentação geral? Em casais, misturados, só homens ou só mulheres? Há diferentes idades/gerações ao mesmo tempo? Há mudanças no ritmo, dança e dinâmica entre o começo da festa e o final? Acontecem conflitos, brigas? Como se dá a constituição das danças? Quem são os principais atores sociais? Que papéis sociais eles representam? Procure construir um desenho dos espaços sociais ocupados por cada ator? A dança é circular ou não? Que técnicas corporais são expressas nessa dança? Que membros são mais utilizados? Que partes do corpo são menos utilizadas? Como homens e mulheres dançam? Os movimentos são os mesmos entre eles ou há diferenciação?

Roteiro de observação e perguntas da pesquisa de campo

Festa - Folia de Reis Comunidade Quilombola Kalunga – Teresina de Goiás

- 1- Como se organiza a Folia de Reis? E quem a organiza?
- 2- Quando se inicia e se termina a Folia de Reis?
- 3- Em quais espaços acontecem a Folia de Reis? Em quais momentos do dia ou da noite acontecem o pouso, o giro – entre outros momentos importantes?
- 4- Como é pensada a trajetória da Folia, existe uma ordem/algo que define por onde os foliões devam passar?
- 5- Quais os símbolos que caracterizam a folia e seus significados?
- 6- Quem conduz a bandeira da folia? Quem é responsável por guarda-la no decorrer do ano?
- 7- Quais e quantas imagens estão no altar?
- 8- O que dizem as letras das músicas? E os seus significados(pedir, apresentar, agradecer, cumprimento de promessa, adoração, despedida...)?
- 9- Quais e quantos instrumentos são usados na folia?
- 10- Existem palhaços que acompanham a Folia de Reis? Quantos são? Como estão vestidos? O que os palhaços fazem no decorrer da folia? Como são vistos pelas pessoas que acompanham a folia?
- 11- Quais as principais diferenças e semelhanças entre a Folia de São Sebastião e a Folia de Reis?
- 12- Descrever as sequencias de situações presentes nas festas quilombolas em que o sagrado e profano vão se alterando no decorrer da festa.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com as pessoas mais velhos

1. **Identificação pessoal:** Nome, Idade, profissão, escolaridade/alfabetizado, estado civil (solteiro, mora junto ou viúva).
2. Quais são as danças típicas das festas da sua comunidade?
3. Fale sobre uma dança que esteja presente nas festas da sua comunidade? Como é dançada?
4. Que lembranças você tem dos momentos festivos como Natal, Carnaval ou as festas juninas? Fale um pouco sobre cada um deles (Como eram esses momentos?)
5. Como se dava a participação dos seus pais nestes momentos festivos? E a sua e do restante da família?
6. Nas danças na sua comunidade, há diferenças entre o dançar de homem e o de mulher?
7. Há alguma troca entre os mais velhos e os mais novos em relação à dança na comunidade?
8. Qual a dança de sua comunidade, o que ela representa para você para sua comunidade? E para as pessoas mais jovens?
9. De que forma os jovens participam das danças na comunidade?
10. Fale sobre a participação dos jovens nas festas da comunidade. Eles participam? Como participam? Buscam se envolver nos costumes da comunidade? Como isso acontece?
11. Como você percebe o envolvimento dos jovens pelas questões da comunidade no que diz respeito às tradições, costumes, trabalho e festas? Fale o que você pensa sobre isso?
12. Você se reconhece como quilombola? E como Kalunga?

Roteiro de entrevista com os jovens

Nome:

Idade:

Escolaridade:

1– Memória e identidade

Você se reconhece como quilombola? E como Kalunga?

Fale um pouco sobre sua infância.

Que lembranças você tem dos momentos festivos como Natal, Carnaval ou as festas juninas?

Fale um pouco sobre cada um deles (Como eram esses momentos?)

Como se dava a participação dos seus pais nestes momentos festivos? E a sua e do restante da família?

Você se identifica com algum tipo de dança na sua comunidade? Qual? Você sabe dança-la?

Como você aprendeu? Quem lhe ensinou?

Como você se vê como parte de uma cultura Kalunga? Qual é o sentido disso para você? Ou para você isso faz alguma diferença?

2 – Participação dos mais velhos e mais novos na dança

De que forma os mais velhos participam das danças na comunidade?

Há alguma troca entre os mais velhos e os mais novos em relação à dança na comunidade?

Qual a dança de sua comunidade, o que ela representa para você? E para sua comunidade? E para as pessoas mais velhas?

3– Dança e infância

Na sua casa, as crianças são ensinadas a dançar? Como se dá esse ensinamento?

Em sua opinião, você percebe alguma diferença entre a dança na sua infância e a de hoje?

Quais são as danças típicas das festas da sua comunidade? Você pode falar um pouco a esse respeito.

Você também participa dessas dança/as? Como ela é dançada? Você poderia me demonstrar?
O que diz esta/s dança/s para você?

4- Os jovens e a dança hoje

Você gosta de dançar?

O que você gosta de dançar?

Quais os tipos de dança você conhece? Quais você dança?

Quando você dança, você costuma estar só ou acompanhado? No caso de dançar acompanhado, quem dança com você?

Nas danças na sua comunidade, há diferenças entre o dançar de homem e o de mulher?